



História e teoria da arquitetura, urbanismo e paisagismo III

História e teoria da arquitetura, urbanismo e paisagismo III

Renata Guimarães Puig
Lygia Ferreira Rocco

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Alberto S. Santana
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Cristiane Lisandra Danna
Danielly Nunes Andrade Noé
Emanuel Santana
Grasiele Aparecida Lourenço
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Paulo Heraldo Costa do Valle
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica

Estela Regina de Almeida
Raf José Castanheira Flôres
Vanderlei Rotelli

Editorial

Adilson Braga Fontes
André Augusto de Andrade Ramos
Cristiane Lisandra Danna
Diogo Ribeiro Garcia
Emanuel Santana
Erick Silva Griep
Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P979h Puig, Renata Guimarães
História e teoria da arquitetura, urbanismo e paisagismo
III / Renata Guimarães Puig, Lygia Ferreira Rocco.
– Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.
192 p.

ISBN 978-85-522-0182-3

1. Arquitetura. I. Rocco, Lygia Ferreira. II. Título.

CDD 384

Sumário

Unidade 1 Modernismo	7
Seção 1.1 - Movimento Moderno e Arquitetura Modernista	9
Seção 1.2 - Urbanismo Modernista e Carta de Atenas	22
Seção 1.3 - Memorial do Plano Piloto de Brasília	35
Unidade 2 Pós-Modernismo	51
Seção 2.1 - Crítica ao Modernismo	53
Seção 2.2 - Arquitetura Historicista e Arquitetura Regionalista	70
Seção 2.3 - Arquitetura Racionalista, Arquitetura da Decadência e Romantista Social	85
Unidade 3 Tardomodernismo	103
Seção 3.1 - Novo Urbanismo	105
Seção 3.2 - Arquitetura High-Tech e Slick-Tech	118
Seção 3.3 - Arquitetura de Continuidade e Repetição	131
Unidade 4 Desconstrutivismo e tendências	147
Seção 4.1 - Estudo comparativo: Desconstrutivismo e Pós-Modernismo	149
Seção 4.2 - Desconstrutivismo	161
Seção 4.3 - Arquitetura, Urbanismo e paisagismo contemporâneo	176

Palavras do autor

Caro aluno, você deve estar se questionando sobre a importância de estudar História. Pois bem, para a realização de um projeto de Arquitetura é fundamental o entendimento dos acontecimentos gerais no mundo e no local em que estamos.

A arquitetura tem sua própria linguagem, que se manifesta nas fachadas dos templos gregos, nos terraços georgianos e nos museus Guggenheim (DENISON, 2014, p. 7). A arquitetura tem significados diferentes para cada um. Pode ser apenas a construção ou o estilo e ocupa lugar único entre as práticas artísticas, por sua função, por sua criação e por sua apreciação (DENISON, 2014, p. 8).

Para entendermos melhor o nosso objeto de estudo, iniciaremos com uma definição de história dada por Francis Ching (2006, p. 140): "Narrativa sistemática, via de regra cronológica, de acontecimentos significativos relacionados a um povo, país ou períodos particulares, normalmente incluindo uma explicação de suas causas".

O autoestudo será essencial para a assimilação do conteúdo teórico da disciplina História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III. Estudar, conhecer, exercitar e aplicar a teoria para a realização de projetos de arquitetura torna-se fundamental.

Na Unidade 1, o estudo do Movimento Moderno e Arquitetura Modernista será o foco. Os temas abordados serão Movimento Moderno e Arquitetura Modernista; Urbanismo Modernista e Carta de Atenas; Memorial do Plano Piloto de Brasília.

Na Unidade 2, conheceremos os fundamentos do Pós-Modernismo, segundo os temas a seguir: crítica ao Modernismo; Arquitetura Historicista e Arquitetura Regionalista; Arquitetura Racionalista, Arquitetura de Decadência e Romântica Social.

Na Unidade 3, avançaremos no estudo, conhecendo o Tardomodernismo e o Novo Urbanismo, a Arquitetura High Tech e Sleek Tech, a Arquitetura de Continuidade e Repetição.

Na Unidade 4, vamos conhecer e aplicar as teorias do Desconstrutivismo e Tendências passando pelo Estudo Comparativo do Desconstrutivismo e Pós-Modernismo, Desconstrutivismo

e sua definição e aplicações, além da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Contemporâneos.

Ao longo de cada unidade e suas seções, você entenderá a importância, as necessidades e a aplicação da história e teoria nos projetos de arquitetura. Momentos de reflexão e exercícios estarão presentes em nosso estudo, e fique certo de que dúvidas surgirão. Mas relaxe, pois a disciplina sanará todas e encaminhará você ao melhor aprendizado possível. A História e Teoria da Arquitetura, o Urbanismo e o Paisagismo são o foco, sendo desenvolvidos em cada tema proposto, portanto, para iniciar sua caminhada de estudo, prepare seu material para muita leitura e mãos à obra! Quanto mais você entender o assunto, mais rico será o seu passeio por qualquer lugar.

Modernismo

Convite ao estudo

Caro aluno,

Nesta unidade, iniciaremos o estudo da História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III, conhecendo o conceito e os fundamentos do Modernismo. Os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, tornam-se importantes para as referências teóricas aplicadas na realização de projetos.

Para entendermos melhor esse assunto, seguem alguns esclarecimentos que podem ajudar. É fundamental entendermos o Modernismo como ruptura filosófica e prática com o passado, ocorrida ao longo do século XX, de acordo com o autor Francis Ching (2014, p. 147), tendo tido início no fim do século XIX. Referências históricas aplicadas nos projetos deixam os clientes encantados, auxiliando o profissional a justificar sua proposta e demais ideias envolvidas no trabalho.

Você já pode imaginar como esses recursos auxiliam, e muito, na execução de um projeto. Conheceremos os princípios da teoria e da história a partir do Movimento Moderno e, você pode ter certeza que, com o tempo, entendendo os percursos da história da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, o estudo será muito prazeroso de ser realizado. E, para isso, teremos como competências técnicas conhecer o conceito e os fundamentos do Modernismo.

Você é dono de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade, que é conhecido por realizar projetos com um viés moderno, ou seja, no escritório os projetos têm características da Arquitetura e Urbanismo Modernista.

Na Seção 1.1, aparece a primeira situação de trabalho que seria sua participação de uma reunião para apresentar uma proposta de projeto de uma fachada com inspirações modernistas para a casa de um cliente, mas ele não conseguiu entender a ideia através de desenhos – planta e perspectiva. O que você poderá fazer para ajudá-lo a entender o projeto proposto?

A Seção 1.2 traz você como arquiteto que assumiu o compromisso de apresentar o projeto da área comum de um condomínio no qual estão trabalhando em seu escritório. Você precisa mostrar quais são as referências históricas para o projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

Você foi convidado a participar de um evento, na Seção 1.3, devendo realizar um workshop sobre Arquitetura Moderna, e ficou responsável pelo projeto do Plano Piloto de Brasília. Você precisa mostrar a teoria e imagens para ilustrar. O que fazer?

As seções da Unidade 1 trarão o estudo do Movimento Moderno e Arquitetura Modernista, além do Urbanismo Modernista e Carta de Atenas, com o exemplo do Memorial do Plano Piloto de Brasília. Assim, a unidade trata da importância de conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução ao longo dos tempos. Temos muito que aprender a partir de agora. Pronto para esse desafio? Então, vamos lá!

Seção 1.1

Movimento Moderno e Arquitetura Modernista

Diálogo aberto

Olá, aluno!

Lembre-se de que você é dono de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade, conhecido por realizar projetos com um viés moderno, ou seja, no escritório os projetos têm características da Arquitetura e Urbanismo Modernista.

Você foi a uma reunião para apresentar uma proposta de projeto de uma fachada com inspirações modernistas para a casa de um cliente, mas ele não conseguiu entender a ideia através de desenhos. O que você poderá fazer para ajudá-lo? Você pode mostrar exemplos de projetos modernos históricos para ilustrar e ajudar no entendimento do cliente. Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos.

Faz parte dos conteúdos de estudo a introdução ao Modernismo – conceituação do contexto e período; Movimento Moderno e Arquitetura Modernista – Funcionalismo; Arquitetura Modernista - Expressionismo e Organicismo; Arquitetura Modernista – Art Déco e Brutalismo.

Assim, com estes conteúdos você será capaz de realizar o painel para seu cliente entender o Movimento Moderno e, conseqüentemente, sua ideia para o projeto da fachada.

A partir de agora, é com você. Pense em sua formação profissional e aproveite esta seção!

Não pode faltar

Introdução ao Modernismo - conceituação contexto e período

Segundo Benevolo (1984, p. 99) “podemos agora descrever a arquitetura moderna em termos históricos, como uma experiência real feita em todos os países do mundo”. O Modernismo arquitetônico envolve diversos movimentos do século XX, que possuem características estilísticas e técnicas como a abstração, produção em massa, industrialização, racionalização, rejeição da tradição.

Nos anos 1920, vários movimentos de vanguarda criaram formas de construir máquinas, com o objetivo de usar a tecnologia para melhorar a vida cotidiana. O Racionalismo italiano desenvolveu uma Arquitetura Moderna lógica, mais clássica, sem decorações. Já os russos, com o Construtivismo, uniram a arte e a vida. O De Stijl holandês de Gerrit Rietveld (Figuras 1.1 e 1.2) e o Purismo francês de Le Corbusier se esforçaram para transpor a pintura abstracionista e cubista para a arquitetura.

Figura 1.1a | Piet Mondrian, 1935. (Comparativo com as cores primárias)

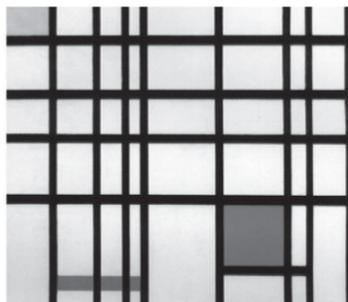


Figura 1.1b | Casa Schröder, Holanda, Rietveld, 1924. (Comparativo com as cores primárias)



Fontes: 1.1 (a). <<http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/obras-de-piet-mondrian-1/Obras-de-Piet-Mondrian-2.jpg>>. 1.1 (b). <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Rietveld_schr%C3%B6der_house.jpg>. Acesso em: 14 maio 2017.

Para a comparação das cores entre as figuras, acesse os links acima.



Assimile

Vanguarda, no sentido literal é a parte mais adiantada de uma formação militar, é uma palavra usada culturalmente para designar artistas e obras que estavam à frente do seu tempo, inovadoras, experimentais.

Na Alemanha, a escola Bauhaus (Figura 1.2) aliou a arte (bom design) e a tecnologia (produção industrial).

Figura 1.2 | Bauhaus, Walter Gropius, 1919-1933, prédio em Dessau, Alemanha, 1925



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/Bauhaus_Dessau-001.jpg>. Acesso em: 15 maio 2017.

Nos EUA, a Arquitetura Moderna ficou conhecida com Estilo Internacional após uma exposição da nova arquitetura europeia, em 1932, sendo amplamente adotada na reconstrução pós-guerra por sua velocidade construtiva, escala e relativo baixo custo (DENISON, 2014, p. 108). Entre os pioneiros da Arquitetura Moderna americana estão Frank Lloyd Wright, que trabalhou a arquitetura orgânica, e Louis Sullivan, o funcionalismo, como veremos a seguir.

A imagem a seguir mostra o Pavilhão de Barcelona, 1929, projeto do alemão Ludwig Mies van der Rohe, arquiteto que também trabalhou nos EUA, inspirado no Estilo Internacional e no Minimalismo. A frase "menos é mais" foi uma expressão cunhada por ele para demonstrar os projetos que rejeitavam ornamentos e que os conduziam à simplificação e à ênfase na estrutura do edifício, com adoção de planta livre, por exemplo. Contudo, o Minimalismo de Mies não era extremo, pois permitia uma parcela de decoração nos projetos, desde que não os descaracterizassem (Figura 1.3).

Figura 1.3 | Pavilhão de Barcelona, 1929



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Barcelona_mies_v_d_rohe_pavillon_weltausstellung_1999_02.jpg>. Acesso em: 14 maio 2017.

O maior representante da Arquitetura Moderna foi o arquiteto Charles Édouard Jeanneret-Gris, que nos anos 1920 passou a usar o nome Le Corbusier, e cujas ideias foram expressas em construções, como a Villa Savoye (Figura 1.4) em Poissy, França, entre outras, influenciando gerações de novos arquitetos, com os **"cinco pontos para uma nova arquitetura"**:

- **Pilotis:** apoios distribuídos em intervalos regulares para elevar o primeiro pavimento do solo.

- **Terraço jardim:** ou cobertura plana, é usada para fins domésticos, como recreação privada.
- **Janelas em fita:** ou horizontais, proporcionam mais iluminação e de forma homogênea.
- **Planta livre:** as paredes internas são distribuídas livremente, independente do sistema de apoio.
- **Fachada livre:** pode ser projetada livremente, independente do sistema de apoios.

Figura 1.4 | Villa Savoye, Le Corbusier, Poissy, França, 1931



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/3/3c/VillaSavoye.jpg>>. Acesso em: 14 maio 2017.

Lembre-se: você foi contratado para projetar a nova fachada moderna da casa de um cliente. Qual elemento de projeto deverá utilizar para apresentar a ideia a seu cliente? Maquetes, desenhos ou um painel identificando obras modernistas na história? Realizando esse percurso, você entenderá a Arquitetura Moderna, reunindo elementos para justificar o projeto. A Arquitetura Moderna não deve ser confundida com arquitetura Contemporânea. O Modernismo é um conjunto de ideias e visões de mundo que rejeita a história e está associado ao progresso.



Exemplificando

O Modernismo é a manifestação cultural e artística da modernidade, que dominou o pensamento do século XX, incentivando o progresso em direção a um futuro melhor por meio da racionalização científica. Sendo assim, a Arquitetura Moderna não deve ser confundida com Arquitetura Contemporânea. O Modernismo é um conjunto de ideias e visões de mundo que rejeita a História e está associado ao progresso.

Movimento Moderno e Arquitetura Modernista – Funcionalismo

A raiz da obra do Funcionalismo pode ser encontrada na obra do teórico romano Vitrúvio, que diz que a estrutura arquitetônica deve exibir três qualidades:

firmitas - solidez; utilitas – utilidade; venustas - beleza

Assim, “a forma segue a função” é um dos princípios do movimento cunhado pelo arquiteto americano Louis Sullivan, no final do século XIX (Figura 1.5), rejeitando a ornamentação. A expressão mais extrema “ornamentos são um crime” foi retirada do livro do arquiteto austríaco Adolf Loos, sobre a ausência de ornamentação nos objetos cotidianos. Os dois princípios citados foram, então, utilizados pelos arquitetos modernistas ao promoverem sua estética simples, sem adornos.

Essa abordagem foi utilizada nos novos arranha-céus feitos de aço, concreto e vidro que surgiam, dando origem à fachada de pele de vidro (simples, que dominou as construções do século XX). Com isso, as preocupações artísticas e estéticas dos arquitetos nunca deveriam interferir na função de um edifício.

Figura 1.5 | Schlesinger and Mayer Store, Chicago, EUA, 1899-1904



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Carsons_Pirie_Scott_%26_Co.jpg>. Acesso em: 14 maio 2017.

Arquitetura Modernista - Expressionismo e Organicismo

O termo arquitetura orgânica foi cunhado por Frank Lloyd Wright para descrever sua abordagem das construções como organismos integrados, nos quais cada elemento se relaciona com os demais – da distribuição dos cômodos à ornamentação e à mobília, da estrutura aos caixilhos. (DENISON, 2014, p. 110)



Assim, a arquitetura orgânica se inspira na natureza, empregando formas e linhas orgânicas repletas de curvas, semelhante aos movimentos Arts & Crafts e Art Nouveau, do final do século XIX. Outro exemplo é o uso de materiais locais, artesanato, evitando a produção em massa, além das formas assimétricas e fluidas combinadas com o entorno, como na Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright, na Pennsylvania, EUA (Figuras 1.6 (a) e (b)).

Figura 1.6 | Casa da Cascata ou Casa Kaufmann 1936-39



Fontes: (A) <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/FallingwaterWright.jpg>>. (B) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8a/Fallingwater_sitting_area.jpg>. Acesso em: 14 maio 2017.

O Expressionismo aparece na Europa em 1905-25 como desdobramento do Art Nouveau, o oposto do Funcionalismo. As novas tecnologias como o concreto e a metalúrgica permitiram construções como as entradas inspiradas nas formas da natureza em ferro forjado das estações do metrô de Paris, de Hector Guimard. Outro exemplo é a Torre Einstein (Figura 1.7), com suas curvas esculturais, do arquiteto Eric Mendelsohn, em Potsdam, na Alemanha.

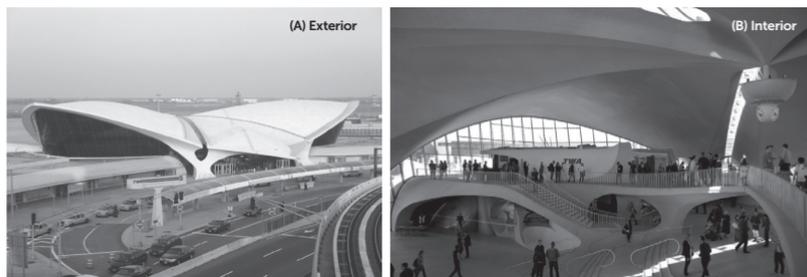
Figura 1.7 | Torre Einstein, 1921



Fonte: <<https://goo.gl/jPPh5k>>. Acesso em: 14 maio 2017.

Após meados do século XX, o conceito de arquitetura orgânica foi elevado a um expressionismo, como no projeto da Sydney Opera House, de Jorn Utzon (1957-1973), e o TWA Flight Center no Aeroporto Internacional JFK, em Nova York (1962), de Eero Saarinen (Figuras 1.8 (a) e (b)).

Figuras 1.8 | TWA Flight Center no Aeroporto Internacional JFK, 1962



Fontes: 1.8 (a). <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/New_York_-_John_F_Kennedy_International_aL_%28Idlewild%29_%28JFK_-_KJFK%29_AN0619542.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/New_York_-_John_F_Kennedy_International_%28Idlewild%29_%28JFK_-_KJFK%29_AN0619542.jpg)>. 1.8 (b). <https://c1.staticflickr.com/7/6216/6253067027_ac7bdef31f_b.jpg>. Acesso em: 14 maio 2017.

Arquitetura Modernista – Art Déco e Brutalismo

O Art Déco surgiu nos anos 1920 e 1930 como um estilo de arquitetura e design definido por formatos geométricos, simetria e formas naturais estilizadas (simplificadas). O nome do estilo saiu da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas realizada em 1925, em Paris.

Edifícios Art Déco representam uma resposta à redução da ornamentação nas obras modernistas (DENISON, 2014, p. 132). Usava a repetição de motivos e materiais como alumínio, vidro, aço inoxidável, cromo e plásticos.

Uma curiosidade entre os estilos Art Nouveau e Art Déco (Figura 1.9 (a)) era a crítica feita pelos modernistas, que julgavam os movimentos dependentes de decoração e ornamentos.

O termo Brutalismo deriva do francês *brut*, que significa bruto, tosco. Na arquitetura, foi um movimento que teve suas origens com as ideias do Grupo Independente e fundadores do TEAM X, em Londres, no início dos anos 1950. Alison e Peter Smithson, inspirados pelas obras de concreto de Le Corbusier, buscavam uma nova estética no pós-guerra com o uso de materiais sem acabamento, além das instalações e estruturas aparentes (DENISON, 2014, p. 134).

O Palácio Municipal de Boston (Figura 1.9 (b)) exemplifica a Arquitetura Brutalista com a estrutura em concreto aparente e uma estética monumental.

Figuras 1.9a |
Chrysler Building, 1928



Figuras 1.9b |
Palácio Municipal de Boston, 1962

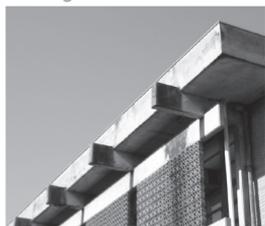


Fontes: 1.9 (a). <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9b/Chrysler_Building_1_%284684845155%29.jpg>. 1.9 (b). <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/13/Boston_City_Hall.JPG>. Acesso em: 14 maio 2017.

E no Brasil...

A Arquitetura Moderna no Brasil teve suas origens na parceria formada em meados dos anos 1920 entre Lúcio Costa, arquiteto que popularizou o uso do cobogó - elemento cerâmico vazado (Figura 1.10 (a)) -, e Gregori Warchavchik, um arquiteto russo, influenciado pelo futurismo, responsável pelas primeiras casas cubistas no país (Figura 1.10 (b)). Em 1936, Le Corbusier teve um impacto forte sobre a arquitetura brasileira, atuando na assessoria do novo projeto para o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro (Figura 1.10 (c)), com Costa e sua equipe, formada por Oscar Niemeyer, entre outros. Os jovens arquitetos transformaram a expressão purista de Le Corbusier numa expressão nativa de exuberante plástica, com o uso dos pilotis, terraço jardim, pano de vidro, brise-soleil, além das cerâmicas no pavimento térreo (FRAMPTON, p. 310-311).

Figura 1.10a |
Cobogó, Casa Modernista



Figuras 1.10b |
SP, c.1920



Figuras 1.10c |
MES, RJ, c. 1936



Fontes: 1.10a <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Cobog%C3%B3.jpg>>. 1.10b <https://c1.staticflickr.com/7/6025/5878588264_5c9f066699_b.jpg>. 1.10c <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/aa/Gustavo_Capanema_Palace%2C_Rio_de_Janeiro%2C_Brazil_%28main_entrance%2C_2004%29.jpg>. Acesso em: 15 maio 2017.

Após esse evento, Niemeyer torna-se um arquiteto reconhecido por suas curvas no concreto e projeta nos anos 1940 o Cassino da Pampulha, em Belo Horizonte (BH), entre outras obras (Figura 1.11 (a)) e, nos anos 1950 e 1960, junto com Lúcio Costa, a cidade de Brasília (Figura 1.11 (b)), a nova capital do país.



Reflita

O Brasil possui diversas obras da Arquitetura Moderna Brutalista. Em São Paulo, na Avenida Paulista, tem um edifício neste estilo. Sabe qual é?

Figuras 1.11a |
Igreja São Francisco na Pampulha, BH



Figuras 1.11b |
Congresso Nacional, Brasília



Fontes: 1.11a <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/Afresco_completo_da_Pampulha.jpg>. 1.11b <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/Brasilia_Congresso_Nacional_05_2007_221.jpg>. Acesso em: 15 maio 2017.



Pesquise mais

O livro referenciado a seguir traz um panorama da Arte Moderna para ajudar no entendimento do contexto da Arquitetura Moderna:

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

Sem medo de errar

Vamos agora pensar em como você poderá ajudar o seu cliente. Você deverá mostrar exemplos de projetos modernos históricos para ilustrar e ajudar no entendimento. Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos.

Você pode começar pensando na forma que vai dar à fachada – linhas retas. Veja os projetos do arquiteto Le Corbusier e os “cinco pontos para uma nova arquitetura”: pilotis, terraço-jardim, janelas em fita, planta livre, fachada livre.

Você decidiu então aplicar os pilotis, as janelas em fita e a fachada livre, que são os três elementos arquitetônicos ditados pelo arquiteto que podem ajudá-lo na composição do projeto.

E os materiais? Vidro e concreto pintado de branco são alguns dos materiais fundamentais para caracterizar a Arquitetura Moderna. Assim, a fachada trabalhada sem ornamentos, como no movimento citado, chegará ao ponto desejado para apresentação ao cliente.

Crie um painel conceitual com a definição da Arquitetura Moderna e exemplos de projetos de Le Corbusier, podendo até mesmo mostrar outros arquitetos, passando por Frank Lloyd Wright até o Brutalismo, por exemplo, explicando ao cliente suas intenções para a fachada da casa. Pode ser digital e impresso, ou realizado com colagens.

Portanto, com esses conteúdos, você será capaz de realizar o painel a fim de que seu cliente entenda o Movimento Moderno e, conseqüentemente, sua ideia para o projeto da fachada. O percurso pela História da Arquitetura Moderna passa pela introdução ao Modernismo - conceituação, contexto e período; Movimento Moderno e Arquitetura Modernista – Funcionalismo; Arquitetura Modernista - Expressionismo e Organicismo; Arquitetura Modernista – Art Déco e Brutalismo.

Você já alcançou os objetivos e as premissas do estudo da História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, conhecendo o conceito e os fundamentos do Modernismo, além dos aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, e da importância de referências teóricas para a realização de projetos.

Com isso, será possível conceituar o projeto proposto ao cliente para que ele compreenda a proposta para a fachada modernista, através do painel conceitual apresentado a ele, juntamente com os desenhos do projeto (planta, perspectivas).

Avançando na prática

Móvel moderno

Descrição da situação-problema

Você deve comprar uma cadeira para o escritório do seu cliente, e ele pediu que você se inspirasse na Arquitetura Moderna, sem ornamentos e linhas mais simples (conteúdo que você já estudou nesta seção). Além de ter pouco tempo para fazer esse trabalho, como executar a ideia? O que seria mais rápido e simples para esse

trabalho: desenhar ou comprar pronta?

Este exercício mostra como o conhecimento das teorias principais da arquitetura e suas possibilidades podem ajudar a definir várias estratégias para a execução dos projetos, por meio de pesquisas, de maneira rápida. Utilize a história para as referências. Quanto mais você dominar as teorias que estudou, mais opções você terá, tornando mais fácil e rápida a execução do projeto.

Resolução da situação-problema

Você decidiu levar o cliente a uma loja que trabalha com uma linha de móveis modernos. Normalmente, você encontrará uma loja com móveis de diferentes estilos, o que torna evidente a importância de estudar e conhecer a história. Você escolheu a cadeira Tulipa, do arquiteto e designer Eero Saarinen, de 1955-56, o mesmo do projeto que vimos para o TWA Flight Center no Aeroporto Internacional JFK (Figuras 1.8 (a) e (b)). O arquiteto trabalha o conceito de arquitetura orgânica moderna, elevado a um expressionismo em seus projetos. “Uma cadeira feita para a Era Espacial. Na cadeira Tulipa de Saarinen, a forma orgânica brota de origens artificiais” (DESIGN MUSEUM, 2010, p. 54).

Conhecendo o percurso da história da arquitetura, você já adquiriu as competências necessárias para realizar o trabalho proposto. Quando menos você esperar, já estará dominando as principais referências arquitetônicas modernas para a realização dos seus projetos mais complexos, o que inclui comprar móveis no mesmo estilo.

Figura 1.12 | Cadeira Tulipa, Eero Saarinen, 1955-56



Fonte: <<https://goo.gl/dY1kQh>>. Acesso em: 15 maio 2017.

Faça valer a pena

1. No primeiro quarto do século XX, surgiram diferentes correntes arquitetônicas vanguardistas na Europa, como o “Expressionismo”, no norte desse continente (notadamente na Alemanha), o “Futurismo”, na Itália, o “De Stijl”, na Holanda, o “Construtivismo”, na Rússia e o “Racionalismo”, também na Itália, entre outras. Porém, coube à _____ propor uma revolução no ensino superior da arte, da arquitetura e do desenho industrial em busca de uma linguagem distante das tradições e baseada principalmente na integração da _____ e da _____. Além do arquiteto e diretor _____, um grupo composto por artistas plásticos e arquitetos, expoentes de diversas correntes vanguardistas desse primeiro quarto do século XX, exerceram a docência na escola, o que gerou um ambiente muito propício para a _____ e a inventividade.

Analise o texto apresentado e a imagem a seguir e responda, preenchendo as lacunas:

- a) Bauhaus - arte – técnica - Walter Gropius – criatividade.
- b) Bizantino – arte – técnica – Oscar Niemeyer – criatividade.
- c) Bauhaus – arte – língua – Paul Klee – harmonia.
- d) Bauhaus – plástica – arte – Le Corbusier – harmonia.
- e) Bauhaus – plástica – língua – Mies Van Der Rohe – beleza.

2. “Um toque de cubismo, uma pitada de expressionismo, um pouquinho da objetividade da Nova Arquitetura e da estética tecnicista das máquinas... captou o espírito da época”. (TIETZ, Jurgen. **História da arquitetura contemporânea**. [S.l.]: HF Ullman, 2008. p. 46)

Figura 1.13 | Chrysler Building, NY, EUA



Fonte: <<https://goo.gl/VzzZbd>>. Acesso em: 19 maio 2017.

Analise a imagem e as afirmações a seguir:

I. 1925: Exposição de artes decorativas, ofícios, design e arquitetura em Paris.

II. Estilo Art Déco.

III. Formas da natureza, com os cantos arredondados e os segmentos da circunferência.

IV. Preferência por materiais pesados: aço inoxidável e o latão.

Consideram-se corretas as alternativas que mostram as características dessa arquitetura.

- a) I, II, IV.
- b) II, III.
- c) III, IV.
- d) I, III, IV.
- e) I, II, III, IV.

3. Le Corbusier, nos anos de 1920, publicou vários trabalhos expondo suas ideias sobre a produção de uma nova arquitetura. Em 1928, utilizou alguns desses referenciais teóricos no projeto da Villa Savoy (Figura 1.14), nos arredores de Paris. Entre eles destacam-se, especialmente, o que denominou como "cinco pontos para uma nova arquitetura", os quais incluem, além de pilotis e planta livre, outros elementos.

Figura 1.14 | Villa Savoye, Poissy, França



Fonte: <https://c2.staticflickr.com/4/3273/2635328914_baaee30758_z.jpg?zz=1>. Acesso em: 19 maio 2017.

Observe a Figura 1.14 e, com base no texto, complete os outros elementos arquitetônicos que fazem parte dos cinco pontos da Arquitetura Moderna, ditados por Le Corbusier:

- a) Janelas horizontais contínuas, quebra-sol e rampas.
- b) Quebra-sol, terraço jardim e janelas moduladas.
- c) Fachada livre, rampas e janelas horizontais.
- d) Estrutura modulada, terraço jardim e rampas.
- e) Fachada livre, terraço jardim e janelas horizontais.

Seção 1.2

Urbanismo Modernista e Carta de Atenas

Diálogo aberto

Na Unidade 1, o foco de estudo é o Movimento Moderno e Arquitetura Modernista. Os temas abordados são Movimento Moderno e Arquitetura Modernista; Urbanismo Modernista e Carta de Atenas; Memorial do Plano Piloto de Brasília. Nesta Seção 1.2, estudaremos a questão do Urbanismo Modernista e Carta de Atenas, seu conceito, exemplos, etc.

Assim, com estes conteúdos, você será capaz de realizar projetos e pesquisas com referências históricas acerca do Movimento Moderno.

Lembre-se de que você é dono de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade, que é conhecido por realizar projetos com um viés moderno, ou seja, no escritório os projetos têm características da Arquitetura e Urbanismo Modernista.

Você é o arquiteto que assumiu o compromisso de apresentar o projeto da área comum de um condomínio no qual estão trabalhando em seu escritório. Você precisa mostrar quais são as referências históricas para o projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

A partir da pesquisa histórica sobre a Carta de Atenas e a setorização proposta pelo Urbanismo Modernista, você conseguirá realizar o projeto para o condomínio.

Aproveite a seção e agora é com você! Bom estudo!

Não pode faltar

Conceituação da Carta de Atenas

A Arquitetura Moderna é a investigação das maneiras possíveis de organizar o ambiente construído, desde os objetos de uso até a cidade e o território (BENEVOLO, 1984, p. 33). O autor complementa que, no primeiro pós-guerra, a pesquisa arquitetônica elaborou uma alternativa à cidade pós-liberal ou industrial, a cidade moderna.

Assim, a pesquisa ganhou importância no período entre guerras e, com isso, surgiram, nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), análises das funções urbanas – Carta de Atenas, de 1933, que previa habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, circular características da cidade moderna, o que abordaremos mais à frente.

No que diz respeito à Carta de Atenas, principalmente a de 1933 (a de 1931 trata de Restauração), a preocupação que se tinha era em relação à arquitetura em um período de grande crescimento urbano (arquitetos voltados à conservação do patrimônio arquitetônico e urbano, além da inovação do chamado Movimento Moderno).

O Movimento Moderno, ocorrido no período entre as duas Guerras Mundiais, como já dito anteriormente, potencializou o determinismo e a confiança dos arquitetos da época, fazendo com que estes buscassem novas tecnologias, além de confrontar as necessidades da população em geral.



Assimile

A Carta de Atenas é composta por cento e onze propostas, declarações sobre as condições das cidades e, em parte, propostas para a correção dessas condições, agrupadas em cinco categorias: moradia, lazer, trabalho, transporte e edifícios históricos.

Principais diretrizes da Carta de Atenas

A Carta de 1933 apresenta o urbanismo racional, tendo como principais diretrizes básicas:

- Planejamento regional e infraurbano.
- Zoneamento, com separação de usos em diferentes zonas.
- Subordinação da propriedade privada do solo urbano ao coletivo.
- Verticalização das edificações situadas em grandes áreas verdes.
- Industrialização e a padronização das construções.

Segundo o documento, o Estado e a administração pública ajustariam sua ação pela julgada racionalidade inerente ao conhecimento técnico e científico.

Para o CIAM, a preservação do legado do passado era um consentimento que se fazia à história, tendo uma avaliação altamente

seletiva, onde se analisava o bem monumental afastado do contexto urbano em que estava inserido.

Essas propostas foram importantes para a época, como o zoneamento funcional rígido, com áreas verdes reservadas a funções diversas; um único tipo de moradia urbana, principalmente, composta por blocos de apartamentos altos e com bom espaço entre si (FRAMPTON, 1997). O autor completa a análise e conclui que, mais de trinta anos depois, não reconhecemos nas propostas nada além da expressão de uma preferência somente estética. As cidades cresceram e se desenvolveram desordenadamente.



Pesquise mais

Se tiver curiosidade, entre no site do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), e veja a Carta de Atenas completa. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2017.

Relação do urbanismo e Carta de Atenas

Vamos conhecer a proposta apresentada por Le Corbusier para Paris, antes da Carta de Atenas, conhecida como Plan Voisin, que tinha o objetivo de criar uma cidade que representasse a nova era que então surgia. A cidade moderna seria setorizada: divisão entre áreas comerciais, de negócios, de lazer e residenciais, bem como previa a separação entre veículos e pedestres, com grandes áreas verdes entre os edifícios.

A proposta visava um centro comercial com torres isoladas, que seriam distribuídas em um plano ortogonal. Esse plano possuiria, na visão do arquiteto, duas artérias ou vias de circulação para os carros e um sistema subterrâneo de trens.

A área de negócios apresentava grande densidade (edifícios altos e com grande ocupação), sendo as outras áreas do centro ocupadas com a circulação de pedestres, além das áreas verdes e separação de classes, fazendo a ruptura com a cidade tradicional e transformando-a numa máquina viva. A parte residencial contaria com prédios altos, como uma vila vertical, onde, no pavimento térreo, os restaurantes e serviços ganhariam espaço. A cobertura contaria com piscina e apoio infantil.

Figura 1.15 | Maquete Plan Voisin, urbanização de Paris, 1922-47, Le Corbusier



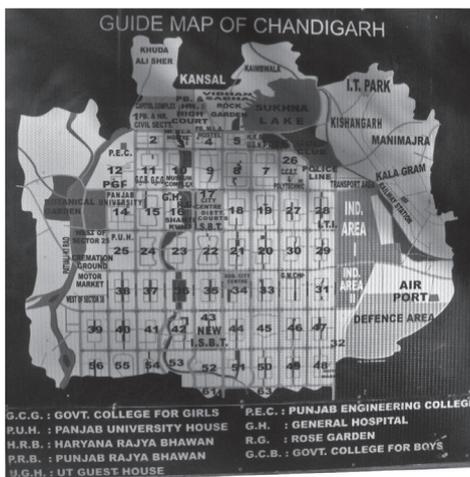
Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d8/Plan_Voisin_model.jpg>. Acesso em: 16 maio 2017.

Os preceitos da urbanística modernista estão presentes desde o final do século XIX. As experiências de construção de grandes conjuntos habitacionais demandam também um pensamento de planejamento urbano. Le Corbusier, como um dos grandes nomes desse momento, inicia seus estudos urbanos da *Ville Radieuse*.

Ville Radieuse ou Cidade Radiante é um planejamento urbano (também não executado), que comenta a respeito da cidade pensada “a cidade do amanhã, na qual o relacionamento homem-natureza será restabelecido” (BOESINGER, 1994, p. 187). É projetada para conter um meio eficaz de transporte, bem como uma abundância de espaço verde e luz solar.

Le Corbusier, em sua obra tardia, realizou inúmeros projetos urbanísticos no papel, como vimos anteriormente, mas foi chamado pelo governo da Índia para trabalhar no projeto de Chandigarh, a nova capital do Estado de Punjab. Criou o plano diretor (Figura 1.16) e alguns prédios do governo (Figura 1.17) (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

Figura 1.16 | Planejamento urbano para Chandigarh, Índia, por Le Corbusier, 1951



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/Bd/Le_Corbusier_Map.jpg>. Acesso em: 19 maio 2017.

Figura 1.17 | Planejamento urbano para Chandigarh, Índia, por Le Corbusier, 1951



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/84/Palace_of_Assembly_Chandigarh_2007.jpg/640px-Palace_of_Assembly_Chandigarh_2007.jpg>. Acesso em: 19 maio 2017.



Exemplificando

O arquiteto Le Corbusier, conhecido como pai da Arquitetura Moderna, criador dos cinco pontos dessa nova arquitetura purista e racional, também projetou edifícios como os da Figura 1.18, em sua obra tardia, ligada ao Brutalismo, com formas escultóricas e intenso trabalho com a luz, como em Ronchamp (1951-55).

Figura 1.18 | Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/de/2/29/Notre_Dame_du_Haut%28ws%29.jpg>. Acesso em: 19 maio 2017.

As reuniões dos CIAM – tratavam sobre problemas urbanísticos (BENEVOLO, 2011, p. 508). Assim, os que foram realizados entre 1933 a 1947 foram dominados pelo arquiteto Le Corbusier, que deu ênfase ao planejamento urbano. O CIAM de 1933 foi o que mais discutiu o tema do urbanismo de forma abrangente, como o já mencionado, por meio da Carta de Atenas.

Urbanismo Modernista e Carta de Atenas

A crítica à cidade tradicional, privilegiadora do espaço de produção (trabalho, comércio, circulação) reorientava as diretrizes da cidade moderna, como no discurso sintetizado pelas quatro funções urbanas preconizadas pela Carta de Atenas: trabalhar, circular, habitar e cultivar o corpo e o espírito. (SEGAWA, 1997, p. 121)

”

Portanto, a habitação tornava-se a parte mais nobre da cidade e não era separada dos espaços de recreação e demais equipamentos de assistência médica, ensino, comércio, transporte, entre outros.

Completa o arquiteto Hugo Segawa (1997, p. 121): “a unidade de vizinhança configura um padrão mínimo de território racionalmente hierarquizado e autossuficiente”. As unidades de habitação tinham, então, autonomia e caráter funcional diante da cidade tradicional.

Um exemplo europeu, influenciado pelo projeto da Ville Radieuse

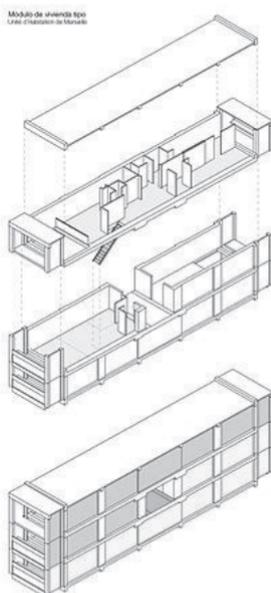
(Cidade Radiante), de Le Corbusier, foi a unidade de habitação Unité d'Habitation (Unidade de Habitação), em Marselha, França, em 1946-52, do mesmo arquiteto. Com formas escultóricas, o edifício traz inovações nas questões relacionadas ao morar em apartamento, pois foi implantado em um parque e elevado sobre pilotis, privilegiando ventilação cruzada nas unidades - plantas estreitas (Figura 1.20) e balcões com brises.

Figura 1.19 | Formas escultóricas da unidade habitacional



Fonte: <<https://goo.gl/CDSKZx>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

Figura 1.20 | Unidade Habitacional de Marselha, França



Fonte: <<https://goo.gl/BCKy9n>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

A unidade é uma resposta à crise habitacional existente após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Alguns críticos apontam o isolamento dos moradores do restante da cidade, mas o projeto foi pensado para uma cidade idealizada, diferente de qualquer contexto urbano existente (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

Sendo assim, essa dualidade comentada anteriormente entre o espaço público e o espaço privado encontrou manifestações distintas na resolução dos conjuntos habitacionais brasileiros. Um exemplo é o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes ou Pedregulho, no Rio de Janeiro (Figura 1.21), projetado em 1947, pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, que traçava formas de convivência entre os habitantes, controlando da unidade de habitação até as áreas livres, influência das reuniões dos CIAM.

As áreas livres, os espaços coletivos, os equipamentos coletivos, como a lavanderia, mostravam o refinamento formal à semelhança de Le Corbusier.

Lembre-se: você foi designado para projetar a área comum de um prédio residencial. Como iniciar o projeto? E as referências históricas?

Figura 1.21 | Conjunto Residencial Pedregulho, RJ, 1947, Affonso Eduardo Reidy



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Conjunto_Residencial_Mendes_de_Moraes_%28Pedregulho%29.jpg>. Acesso em: 16 maio 2017.



Refleta

Conclui Bonduki apud Segawa (1997) que, nos anos 1940 e 1950, havia condições governamentais de implantação de habitações sociais em massa e de qualidade, atendendo às necessidades da população de baixa renda, ao menos para limitar e gerar outro padrão de qualidade ao processo de favelização e periferização, que então crescia (e crescem) nas principais cidades do país.

Sem medo de errar

E agora, como resolver a questão para a área comum do projeto do condomínio no qual trabalhando? Você precisa mostrar quais são as referências históricas para o projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

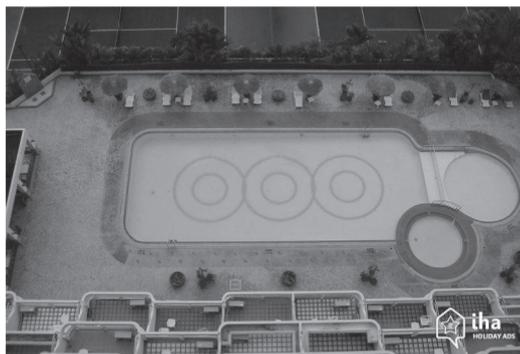
Os ambientes de uso comum de um condomínio podem ser salões de festa, quadras de esporte, espaço gourmet, piscina e todos os espaços utilizados de forma igual entre os moradores. Assim, o seu desafio é pensar nesse projeto.

A Carta de Atenas seria o caminho inicial para a ideia. Vamos relembrar os seus aspectos:

- Planejamento regional e infraurbano.
- Zoneamento, com separação de usos em diferentes zonas.
- Subordinação da propriedade privada do solo urbano ao coletivo.
- Verticalização das edificações situadas em grandes áreas verdes.
- Industrialização e a padronização das construções.

Com base nessa pesquisa histórica sobre a Carta de Atenas, você partirá para o projeto. A setorização proposta pelo Urbanismo Modernista será seu ponto de partida para a área comum do condomínio com a implantação do zoneamento, por meio da separação de usos em zonas distintas, de modo a evitar o conflito de usos incompatíveis: salão de festas, espaço gourmet, próximo da piscina; quadras e espaço verde podem estar juntos; brinquedoteca e salão de jogos. A padronização da construção deve estar presente (alturas, revestimentos, estrutura).

Figura 1.22 | Condomínio – áreas setorizadas



Fonte: <https://s.ihna.com/476200009974/Alojamentos-turisticos-luxo-Patong-beach-Andaman-Beach-Suite_9.jpeg>. Acesso em: 5 jun. 2017.

Com o estudo do Urbanismo Modernista e da Carta de Atenas, seu conceito e exemplos relacionados, você será capaz de realizar o projeto do condomínio, entendendo o Movimento Moderno no Urbanismo.

Avançando na prática

Projeto de praça

Descrição da situação-problema

Você deve medir uma praça para um projeto no qual seu escritório irá trabalhar. A praça está abandonada e sem estilo definido. Você decide inspirar-se na Arquitetura Moderna, realizando o desenho dela com linhas mais simples, setorizando o espaço. Como executar a ideia?

[...] as vanguardas do século XX se propuseram questionar as formas e os espaços da cidade, postulando sua completa revisão em novos termos. Os heroicos esforços do movimento moderno incidem prioritariamente sobre o ambiente humano por excelência: a cidade. As utopias urbanas. Que desde o renascimento foram configuradas em estabelecimentos finitos, geométricos, murados e circunscritos, nitidamente separados da natureza ao seu redor, ganham tons de verde: 'la ville au milieu du vert', de Le Corbusier, talvez seja uma das imagens mais pregnantes dentre as muitas criadas por seu gênio inesgotável. Deixo a outros eruditos a demonstração de como esse processo de verificação das cidades modernas vai lentamente se dando, com a paulatina introdução de jardins públicos, jardins botânicos, jardins particulares, parques, etc., incorporados pouco a pouco no tecido duro da cidade. Mas se bem o sonho de Corbu arranque destes muitos precedentes, nele, como sempre há uma importante inversão: o verde deixa de ser elemento parcial de contraponto a um tecido construído consolidado; a trama tradicional é eliminada; e a cidade flutua, apoiada em pilotis, logo acima dos jardins ininterruptos; e mesmo onde sombreia recupera nas coberturas a verdejante paisagem. (ZEIN, 2006, p. 31-32)

Jardins, praças, parques são fundamentais para uma cidade. Revise os pontos principais da Carta de Atenas e imagine como podem ser úteis para o seu projeto da praça moderna.

Quanto mais você dominar as teorias que estudou na Arquitetura e Urbanismo Moderno, mais opções você terá, tornando mais fácil e rápida a execução do projeto.

Resolução da situação-problema

Utilize a história para as referências, pois conhecendo o seu percurso você já adquiriu as competências necessárias para realizar o trabalho proposto. Quando menos você esperar, já estará dominando as principais referências do urbanismo moderno para a realização do projeto. Revise os pontos principais da Carta de Atenas, por exemplo.

A Carta de 1933 apresenta o urbanismo racional e são suas diretrizes básicas:

- Planejamento regional e infraurbano.
- Zoneamento, com separação de usos em diferentes zonas.
- Subordinação da propriedade privada do solo urbano ao coletivo.
- Verticalização das edificações situadas em grandes áreas verdes.
- Industrialização e padronização das construções.

Segundo o documento, o Estado e a administração pública ajustariam sua ação pela julgada racionalidade inerente ao conhecimento técnico e científico.

O aspecto a ser utilizado para o projeto da praça, que foi retirado da Carta de Atenas, seria o zoneamento, com separação de usos em diferentes zonas, como no exemplo, de escala maior, do Parque da Juventude, projetado pela arquiteta Rosa Kliass, em São Paulo, 2003-05, dividido em: Parque Esportivo – quadras, estacionamento; Parque Central – vegetação, ruínas do presídio; Parque Institucional – praça, escolas, biblioteca e metrô (Figura 1.23).

Figura 1.23 | Parque da Juventude - praça



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f9/Parque_da_Juventude.JPG>. Acesso em: 5 jun. 2017.

A sua praça ficaria dividida em: edificação de apoio, contemplação (lago), área com sombra, caminhada e corrida e recreação. Com esses elementos e a pesquisa realizada, conseguirá realizar o projeto. Pense na forma principal (quadrado com divisão nos caminhos em círculos), nos pisos (areia para corrida e blocos de cimento),

mobiliário (em concreto), cores (concreto aparente), iluminação (de piso, alta), além da vegetação a ser recuperada.

Este exercício mostra como o conhecimento das teorias principais da arquitetura e urbanismo e suas possibilidades podem ajudar a definir várias estratégias para a execução dos projetos por meio de pesquisas.

Faça valer a pena

1. A Arquitetura Moderna é a investigação das maneiras possíveis de organizar o ambiente construído, desde os objetos de uso até a cidade e o território (BENEVOLO, 1984, p. 33). O autor complementa que, no primeiro pós-guerra, a pesquisa arquitetônica elabora uma alternativa à cidade pós-liberal ou industrial.

Leia o texto apresentado, analise e responda qual seria essa alternativa à cidade industrial.

- a) A praça moderna.
- b) O edifício moderno.
- c) A cidade moderna.
- d) A cidade tradicional.
- e) O edifício tradicional.

2. A dualidade entre o espaço público e o espaço privado encontrou manifestações distintas na resolução dos conjuntos habitacionais brasileiros.

Analise as afirmações:

I - Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, no Rio de Janeiro.

II - Projetado em 1947, pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

III - Controle da unidade de habitação até as áreas livres.

IV - Projeto influenciado pelas reuniões dos Metabolistas.

Sendo assim, consideram-se corretas as alternativas que mostram as características dessa tipologia arquitetônica encontrada no Conjunto Pedregulho:

- a) I, II.
- b) II, III.
- c) I, III.
- d) I, II, IV.
- e) I, III, IV.

3. A Arquitetura Moderna é a investigação das maneiras possíveis de organizar o ambiente construído, desde os objetos de uso até a cidade e o território (BENEVOLO, 1984, p. 33). No primeiro pós-guerra, a pesquisa arquitetônica elabora uma alternativa à cidade pós-liberal ou industrial – a cidade moderna. Surgem, nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), análises das funções urbanas, com a Carta de Atenas em 1933. Enunciado: Leia o trecho apresentado sobre a Arquitetura Moderna e a Carta de Atenas e responda o que previa o documento.

- a) Habitar, brincar, cultivar o corpo, circular.
- b) Habitar, cultivar o corpo e circular.
- c) Habitar, brincar, cultivar plantas e o espírito, circular.
- d) Habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, circular.
- e) Habitar, trabalhar, cultivar plantas e não circular.

Seção 1.3

Memorial do Plano Piloto de Brasília

Diálogo aberto

O estudo do Movimento Moderno é o tema abordado na Unidade 1. Na Seção 1.3, o urbanismo será o foco, com o exemplo do Plano Piloto de Brasília. Os temas abordados dentro do Urbanismo Modernista serão: precedentes do Plano Piloto de Brasília, conceituação e memorial.

Com esses conteúdos você será capaz de realizar projetos e pesquisas com referências históricas acerca do Urbanismo Moderno.

Não se esqueça de que você é dono de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade, que é conhecido por realizar projetos com um viés moderno, ou seja, no escritório os projetos têm características da Arquitetura e Urbanismo Modernista.

Você foi convidado a participar de um evento 1. e realizar um workshop sobre Arquitetura e Urbanismo Moderno e ficou responsável pelo projeto do Plano Piloto de Brasília. Você precisa mostrar a teoria e imagens para ilustrar. Como realizar a tarefa proposta?

A partir da pesquisa histórica sobre o Plano Piloto de Brasília, proposta pelo Urbanismo Modernista, você conseguirá realizar o workshop solicitado.

Pesquise, conheça, reconheça... Bom estudo!

Não pode faltar

Precedentes do Plano Piloto de Brasília

Como já estudamos no início da unidade, no Brasil a Arquitetura Moderna teve início com um eco da vanguarda europeia na Semana de Arte Moderna, em 1922, com exposições, apresentações, concertos, etc. Em 1927, Gregori Warchavchik projeta a Casa Modernista em São Paulo, destituída de ornamentação e formada por volumes geométricos brancos. Em 1929, Le Corbusier debate com autoridades problemas urbanísticos pelo Brasil (RJ e SP).



Movimentos de Vanguarda – nas artes visuais ou na arquitetura, os movimentos de vanguarda rejeitam as ideias convencionais e tradicionais. Caracterizam-se, portanto, por artistas e obras inovadores.

Arquitetura Moderna – surge no século XX como uma rejeição a tradição e crença de que a forma segue a função, por meio da racionalização científica (princípios clássicos, sem ornamentação).

Na Revolução de 1930, de Getúlio Vargas, Lúcio Costa é nomeado diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e convida, entre outros, G. Warchavchik para ser professor. Com os conflitos da Revolução, a construção civil no país fica impedida de exercer seu curso normal.

Em 1935 institui-se um concurso para o Ministério da Educação e Saúde no qual participam sem sucesso os arquitetos modernos. No entanto, o ministro Gustavo Capanema consegue que o projeto de execução seja o de Lúcio Costa (1936), que convida Carlos Leão, Jorge Moreira, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer (ainda um jovem arquiteto). O paisagismo fica a cargo de Roberto Burle Marx, com murais cerâmicos de Cândido Portinari e esculturas de Bruno Giorgi, Celso Antônio e Jacques Lipchitz.

O projeto é composto por dois edifícios perpendiculares (um vertical e outro horizontal), com áreas abertas com pilotis, separando as áreas fechadas no pavimento térreo. A fachada norte é composta por panos de vidro com brises horizontais; as outras são empenas cegas. A cobertura do bloco vertical abriga volumes com administração, salões de refeição, entre outros, rodeados por terraços e jardins, seguindo a assessoria de Le Corbuiser (usando os cinco pontos da nova arquitetura).

A partir desse projeto ampliam-se as oportunidades para os arquitetos modernos com o concurso vencido pelos irmãos Marcelo e Milton Roberto, que projetam o Aeroporto Santos Dumont, RJ; entre 1942 e 1943, Niemeyer constrói os edifícios na Pampulha, BH (a igreja, o iate e o cassino); e Lúcio Costa, com os blocos residenciais do Parque Guinle (Nova Cintra, Bristol e Caledônia, de 1948-54).

Alguns autores criticam a nova arquitetura brasileira por seu formalismo com semelhanças europeias, porém, um projeto unânime é o Conjunto Residencial Pedregulho, por sua solução formal (controle

de luz, ventilação, circulação) e programa de necessidades, entre outros, que estudamos na seção anterior. Definido por um volume simples, no qual a forma indica as diferentes funções, o projeto é de autoria do arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1947) e está localizado no bairro de São Cristóvão, próximo ao centro do Rio de Janeiro, realizado para abrigar funcionários públicos. Além de sua arquitetura original e social, a implantação do conjunto é organizada de acordo com o contexto existente e com a paisagem natural, aliando a consistência da aplicação da Arquitetura Moderna aos princípios urbanísticos dos CIAMs, mostrando a relação da forma, habitação social e coletiva, educação popular e transformação da sociedade.

Nos anos 1950, o presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, comandou a construção da nova capital do país, Brasília – que se tornaria o ícone da monumentalidade moderna. Contratou o urbanista Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, que trabalhou seu racionalismo geométrico com a sensualidade e as alegrias brasileiras, aderindo ao mundo das curvas de concreto, conforme aponta Denna (2014).



Refleta

Frase do Arquiteto J. B. Vilanova Artigas sobre a Arquitetura Moderna brasileira que surgia (1959): "Ontem, construíamos timidamente alguns edifícios; hoje, fazemos Brasília – uma cidade inteira – com argumentos nossos" (ARTIGAS, 1959 apud SEGAWA, 1997, p. 122).

Conceituação do Plano Piloto de Brasília

Com Juscelino Kubitschek, político visionário, o planejamento urbano ganhou impulso no Brasil, assim como a Arquitetura Moderna. Seu grande projeto foi a construção da capital que surgiu num território árido, longe do mar e com pouca densidade humana, Brasília, escolha essa que fazia parte de um programa para deslocar do litoral para o interior parte da população e da economia do país que crescia. Assim, comenta Benevolo (2011) que a transferência da sede política deveria acontecer ali ao mesmo tempo. A nova cidade representaria esse programa.

O presidente nomeou uma comissão estrangeira para realizar pesquisas para a escolha do local – um planalto levemente ondulado no estado de Goiás. Niemeyer foi nomeado diretor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, projetando os dois

primeiros edifícios – residência oficial e hotel para hóspedes oficiais (BENEVOLO, 2011).

Oscar Niemeyer recomendou para o plano urbanístico um concurso, no qual destacou-se o projeto de Lúcio Costa, apresentado em cinco laudas com desenhos à mão livre. O desenho final adaptou-se ao terreno. Leonardo Benevolo aponta ainda a descrição do projeto pelo seu autor e nascia assim o desenho definitivo de Brasília: o Plano Piloto.



Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada. (BENEVOLO, 2011, p. 716)

Memorial do Plano Piloto de Brasília

Brasília seria uma cidade organizada em um Eixo Monumental, que iria conter os prédios do governo e duas asas (referência a um avião) que abrigariam a população – Asa Norte e Asa Sul, que seriam divididas em grandes quarteirões chamados de superquadras.

O professor Hugo Segawa (1997) comenta que Lúcio Costa atribuiu à sua cidade uma ordenação segundo quatro grandes escalas: a monumental (não no sentido da ostentação, mas do significado); a residencial (com a proposta inovadora das superquadras – conjunto de quatro quadras com infraestrutura comercial e de serviços para a comunidade local –, gabarito uniforme de seis pavimentos, uso de pilotis, domínio do verde); a gregária (prevista para o centro da cidade, criando um espaço urbano densamente utilizado); escala bucólica (extensas áreas livres, juntamente com áreas edificadas).

O eixo Norte-Sul (rodoviário-residencial) é apresentado com uma moderna rodovia, onde estão dispostos os setores residenciais. Já o eixo Leste-Oeste (centro cívico e administrativo) forma o eixo monumental do novo centro político, com os prédios principais, como o Palácio do Governo, Supremo Tribunal e Congresso Nacional, localizados na Praça dos Três Poderes, com a Catedral

e outras funções mais afastadas, ainda no mesmo eixo. As zonas residenciais são organizadas em amplos blocos. Jardins, parques e vias urbanas compõem a cidade.

Figura 1.24a |
Plano Piloto – Eixo Monumental da
Torre de TV até a Praça dos Três Poderes



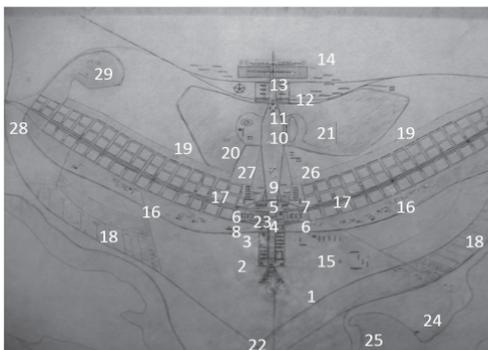
Figura 1.24b |
Superquadras



Fontes: 1.23a <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3e/Brasilia_aerea_torredetv1304_4713.jpg/640px-Brasilia_aerea_torredetv1304_4713.jpg>. 1.23b <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/74/Sqs407blocoR.JPG/800px-Sqs407blocoR.JPG>>. Acesso em: 29 maio 2017.

O Plano Piloto de Brasília é composto pelas escalas e setores que seguem.

Figura 1.25 | Desenho de Lúcio Costa com a proposta do Plano Piloto



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Brasilia_-_Plan.JPG>. Acesso em: 29 maio 2017.

Proposta para o Plano Piloto de Brasília (Figura 1.25):

1. Praça dos Três Poderes
2. Esplanada dos Ministérios
3. Catedral
4. Setor Cultural
5. Centro de Diversões

6. Setor de Bancos e Escritórios
7. Setor Comercial
8. Hotéis
9. Torre Emissora de Rádio e TV
10. Setor Esportivo
11. Praça Municipal
12. Quartéis
13. Estação Ferroviária
14. Armazenagem e pequenas indústrias
15. Cidade Universitária
16. Embaixadas e Legações
17. Setor Residencial
18. Casas Individuais
19. Horticultura, Floricultura e Pomar
20. Jardim Botânico
21. Jardim Zoológico
22. Clube de Golfe
23. Estação Rodoviária
24. late Clube
25. Residência
26. Sociedade Hípica
27. Área destinada à Feiras, Circo, etc.
28. Aeroporto
29. Cemitério

Figura 1.26 | Maquete do Plano Piloto



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5f/Brasilia_-_Model.JPG>. Acesso em: 29 maio 2017.

Ao projetar os edifícios da capital, Niemeyer segue princípios formais simples para cada um deles, como na sede do Congresso Nacional, em que surge a cúpula normal do Senado e a invertida na Câmara dos Deputados. Como mostram as imagens que seguem.

Figura 1.27 | Construção de Brasília, em 1959

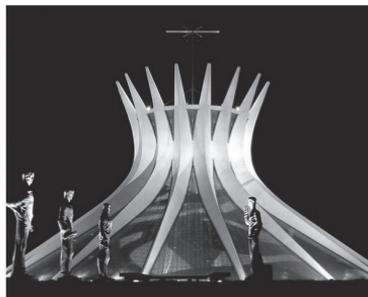


Fonte: <<https://goo.gl/wBs9sq>>. Acesso em: 29 maio 2017.

Figura 1.28a | Congresso Nacional



Figura 1.28b | Catedral



Fontes: 1.27a <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Congresso_do_Brasil.jpg>. 1.27b <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Brazil.Brasilia.01.jpg>>. Acesso em: 20 maio 2017.

Figura 1.29 | Praça dos Três Poderes com Palácio do Governo ao fundo e escultura de Bruno Giorgi



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/Os_Candangos.jpg>. Acesso em: 30 maio 2017.

Urbanismo modernista e o Plano Piloto de Brasília

Segundo Kenneth Frampton (1997, p. 312), “Brasília emergiu com duas cidades: a cidade monumental do governo e dos altos negócios, para qual os burocratas se deslocavam [...], e a ‘cidade dos barracos’, ou das favelas, cujos habitantes serviam ao ‘esplendor’ da cidade alta”. O autor ainda afirma que, dentro dos próprios limites, Brasília era uma cidade dividida por zonas diferentes, conforme a estrutura de classes, a exemplo da Ville Radieuse (1933), de Le Corbusier, estudada na Seção 1.2.

Percebemos, ainda, na arquitetura de Oscar Niemeyer a semelhança, ou influência, de Le Corbusier no projeto de Chandigarh, na Índia (1951), na Praça dos Três Poderes, onde estão reunidos os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Assim, o ciclo da arquitetura brasileira, que em 1960 ainda era vanguarda para a América Latina, foi encerrado. “Regimes militares e revoluções enfrentam-se em um combate sempre mais cerrado, onde deve ser novamente encontrada – ainda não se sabe como – a posição da arquitetura” (BENEVOLO, 2011, p. 720).

Brasília foi criada sem maiores estudos socioeconômicos, sem um sistema urbano ou rural apoiando sua implantação, explica Segawa (1997). Tornou-se uma cidade pioneira para a região, uma cidade dependente de suprimentos que vinham de outras regiões. Assim, o desenho de Lúcio Costa para a capital previa uma população inicial de 50 mil habitantes, cuja expansão máxima ocorreria por volta do ano 2000. Aconteceu o contrário: Brasília abrigou trabalhadores administrativos, além de migrantes em busca da ocupação do território. Núcleos periféricos foram criados ao longo dos anos em razão do rápido crescimento da capital - as cidades-satélites (com traçado tradicional, opondo-se às rígidas normas urbanísticas do plano-piloto), fugindo da proposta do projeto inicial de Kubitschek e Costa.



Exemplificando

Na imagem a seguir, o Eixo Monumental do Plano Piloto de Brasília, com a Praça dos Três Poderes ao fundo.

Figura 1.30 | Eixo Monumental



Fonte: <<https://goo.gl/bvYcLf>>. Acesso em 27 maio 2017.

É muito provável que Brasília, como solução urbana e arquitetônica, encerre mil e um pequenos e grandes defeitos – mas é inegável que a obra possui o essencial: expressa os grandes e nobres ideais de libertação do povo brasileiro, que já se revelam como força atuante. (GRAEFF apud SEGAWA, 1997, p. 123)

Assim, a área do Plano Piloto da cidade torna-se Patrimônio Mundial da UNESCO em 1987, devido à grande importância e contribuição para a arquitetura mundial.



Pesquise mais

A fotógrafa Joana França compartilhou uma impressionante série de fotografias aéreas da capital nacional dividida em quatro subséries, cada qual apresentando uma escala de Brasília: residencial, monumental, gregária e bucólica. Vale a pena conferir!

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasil-pelas-lentes-de-joana-franca>>. Acesso em: 30 maio 2017.

Sem medo de errar

E agora, como se preparar para o evento? Um workshop sobre o Urbanismo Moderno. O que utilizaria para realizar a tarefa proposta? Já estudamos nas seções anteriores a Arquitetura Moderna e o Urbanismo Moderno. Assim, o conteúdo principal, que fará parte da palestra, é projeto do Plano Piloto de Brasília.

Um dia antes você foi informado de que o evento será direcionado a um grupo de estudantes e arquitetos estrangeiros, que virá ao país para conhecer Brasília, entre outras cidades.

Como você é especialista no tema, vai organizar sua palestra em três tópicos principais:

1. Conceituação do Plano Piloto de Brasília: com Juscelino Kubitschek, político visionário, o planejamento urbano ganha impulso no Brasil, assim como a Arquitetura Moderna. Seu grande projeto será a construção da capital que surge num território árido, longe do mar e com pouca densidade humana, Brasília, escolha essa que fazia parte de um programa para deslocar do litoral para o interior parte da população e da economia do país, que crescia.

2. Memorial do Plano Piloto de Brasília: Brasília seria uma cidade organizada em um eixo monumental, que iria conter os prédios do governo e duas asas (referência a um avião) que abrigariam a população – Asa Norte e Asa Sul, que seriam divididas em grandes quarteirões chamados de superquadras. Lúcio Costa atribuiu à sua cidade uma ordenação segundo quatro grandes escalas: a monumental (não no sentido da ostentação, mas do significado); a residencial (com a proposta inovadora das superquadras – conjunto de quatro quadras com infraestrutura comercial e de serviços para a comunidade local –, gabarito uniforme de seis pavimentos, uso de pilotis, predomínio do verde); a gregária (prevista para o centro da cidade, criando um espaço urbano densamente utilizado); a escala bucólica (extensas áreas livres, juntamente com áreas edificadas).

3. Urbanismo Modernista e o Plano Piloto de Brasília: segundo Kenneth Frampton (1997, p. 312), “Brasília emergiu com duas cidades: a cidade monumental do governo e dos altos negócios, para qual os burocratas se deslocavam [...], e a ‘cidade dos barracos’, ou das favelas, cujos habitantes serviam ao ‘esplendor’ da cidade alta”. O autor ainda afirma que, dentro dos próprios limites, Brasília era uma cidade dividida por zonas diferentes, conforme a estrutura de classes, a exemplo da Ville Radieuse (1933), de Le Corbusier.

Além dos tópicos com imagens para ilustrar, indique referências:

SABBAG, Juliane Albuquerque Abe. Brasília: **1960-2010**. Do Urbanismo Moderno ao Planejamento Estratégico. [S.l.]: Editora Appris, 2016.

ARPDF. CODEPLAN. DePHA. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Brasília: GDF, 1991. 76 p., il. Disponível em: <http://brasiliapoetica.blog.br/site/media/relatorio_plano_piloto_de_brasilia_web2.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

E ainda pode mostrar trechos dos pequenos documentários sobre aspectos do Plano Piloto de Brasília:

Quatro vídeos rápidos sobre as quatro escalas do Plano Piloto – Bucólica, Monumental, Residencial e Gregária. Disponível em: <<https://brasiliadf50.wordpress.com/category/escalas-do-plano-piloto/>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

Museu virtual sobre o Plano Piloto. Disponível em: <http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html>. Acesso em: 11 jun. 2017.

E, a partir da pesquisa histórica sobre a construção da nova capital do país, Brasília, seus antecedentes e projeto final de Lúcio Costa, com os prédios de Niemeyer, você conseguirá realizar com sucesso o workshop, entendendo o Movimento Moderno na Arquitetura e Urbanismo. O projeto do Plano Piloto reunirá aspectos do Urbanismo e Arquitetura Moderna no Brasil.

Sucesso!

Avançando na prática

Trabalho em Brasília

Descrição da situação-problema

[...] a arquitetura é guiada por sonhos, não só por inquietudes cotidianas. Ao contrário da construção, ela não pode ser apressada. Quando conseguimos nos deter por um momento e olhar para um belo edifício, percebemos claramente a sua importância: a arquitetura é nosso próprio espírito humano, materializado em pedra e espaço. (DENISON, 2014, p. 7)

Você é um arquiteto e surgiu uma oportunidade de viajar para Brasília a trabalho. Você foi contratado para fazer um levantamento da cidade. Como você vai se preparar para essa oportunidade?

Resolução da situação-problema

Como arquiteto, você precisa, antes de chegar lá, pesquisar a história da Arquitetura e do Urbanismo de Brasília. Tente compreender como a cidade surgiu, seu projeto e execução. Estude o Movimento Moderno.

- Inovações arquitetônicas: A Praça dos Três Poderes, integrando o urbanismo e a arquitetura, no topo do Plano Piloto; as superquadras, com o ideal de complementar as áreas de residências com serviços, comercial abertos; a plataforma rodoviária como ligação entre a capital e as cidades-satélites.

- Lugares para conhecer: caminho da Torre de TV, passando pela plataforma rodoviária (ao centro), pelo Museu Nacional, Catedral Metropolitana (à direita) e área comercial de shoppings (à esquerda), percorrendo o Eixo Monumental, a Esplanada dos Ministérios (posicionadas de ambos os lados), até chegar ao Palácio do Itamaraty e o da Justiça (em lados opostos, para chegar na Praça dos Três Poderes que apresenta os prédios do Palácio do Planalto (à esquerda), Supremo Tribunal Federal (à direita) e ao centro, as cúpulas invertidas do Congresso Nacional, obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer que acompanham o traçado urbano proposto por Lúcio Costa.

- Qual é a diferença no papel de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para Brasília?

O Modernismo foi introduzido no Brasil por meio da atuação e da influência de arquitetos estrangeiros adeptos do movimento moderno, embora tenham sido arquitetos brasileiros, como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que mais tarde tornaram este estilo conhecido e aceito.

Brasília ganha forma no plano urbanístico, desenhado por Lúcio Costa, que ordena o espaço baseado nas escalas de usos, dentro da qual cada função urbana cria estruturas morfológicas próprias e identificáveis: a monumental coletiva - edifícios públicos; a residencial-cotidiana - superquadras de moradia; a gregária-concentrada - espaço de lazer; e a bucólica - isolada, para recreação à beira do lago.

O Modernismo Arquitetônico, que rompe com o estilo ornamental e neo-colonial, propondo traços geométricos mais livres, é destaque na arquitetura dos edifícios da capital pelas mãos de Oscar Niemeyer - na Praça dos Três Poderes e nos Palácios do Planalto e da Alvorada.

Com base na pesquisa histórica sobre a construção da nova capital do país, com o projeto urbanístico de Lúcio Costa e os prédios de Niemeyer, você conseguirá realizar com sucesso o trabalho em Brasília.

Faça valer a pena

1. No Brasil, a Arquitetura Moderna teve início com um eco da vanguarda europeia na Semana de Arte Moderna, em 1922, evento realizado no Teatro Municipal de São Paulo com exposições, apresentações, concertos, que pregavam o ideal de uma arte genuinamente brasileira.

De acordo com o estudo da seção, qual das alternativas a seguir mostra um dos precedentes do Plano Piloto de Brasília?

- a) Gregori Warchavchik projeta a Casa Modernista em São Paulo.
- b) Ruy Ohtake projeta o Hotel Unique em São Paulo.
- c) Edison Musa projeta o Edifício Rio Branco no Rio de Janeiro.
- d) Le Corbusier projeta a Vila Savoye na França.
- e) Álvaro Siza projeta o Museu Iberê Camargo em Porto Alegre.

2. O então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, nos anos 1950, comandou a construção da nova capital do país, Brasília – que se tornaria o ícone da monumentalidade moderna. Apoiou artistas e arquitetos do período, valorizando, assim, o Brasil.

De acordo com o trecho apresentado, assinale a alternativa correta. Quais foram os profissionais contratados pelo presidente?

- a) Lúcio Costa e Affonso Eduardo Reidy.
- b) Carlos Leão e Oscar Niemeyer.
- c) Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.
- d) Affonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer.
- e) Le Corbusier e Oscar Niemeyer.

3. Lúcio Costa atribuiu à cidade de Brasília uma ordenação segundo quatro grandes escalas: a _____ (não no sentido da ostentação, mas do significado); a _____ (com a proposta inovadora da superquadra – conjunto de quatro quadras com infraestrutura comercial e de serviços para a comunidade local –, gabarito uniforme de seis pavimentos, uso de pilotis, predomínio do verde); a _____ (prevista para o centro da cidade, criando um espaço urbano densamente utilizado); escala _____ (extensas áreas livres, juntamente com áreas edificadas).

Complete as lacunas no texto, respondendo quais são as quatro escalas inovadoras criadas pelo arquiteto Lúcio Costa para o projeto urbano de Brasília.

- a) monumental – residencial – antissocial – bucólica.
- b) mínima – residencial – gregária – bucólica.
- c) monumental – comercial – gregária – triste.
- d) monumental – residencial – gregária – bucólica.
- e) monumental – residencial – antissocial – triste.

Referências

- BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOESIGER, Willy. **Le Corbusier**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CORBUSIER, Le. **Planejamento urbano**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DENISON, Edward (Ed.). **Arquitetura: 50 conceitos e estilos fundamentais explicados de forma clara e rápida**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- DENNA, Jonnes. **Tudo sobre arquitetura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- DESIGN MUSEUM. **Cinquenta cadeiras que mudaram o mundo**. Tradução de Eliza Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- FAZIO, Michael; MOFFETT, Mirian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial**. 3.ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- ZEIN, Ruth Verde. **Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

Pós-Modernismo

Convite ao estudo

Vimos na unidade anterior os conceitos e as características do Movimento Moderno e da Arquitetura Modernista. Agora iremos para o momento posterior, quando passa a ser colocada uma crítica aos ideários da Arquitetura e do Urbanismo Moderno. Esse momento foi denominado na historiografia da arquitetura e das artes em geral como Pós-Modernismo.

Nesta unidade, aprofundaremos nossos conhecimentos e nossos aprendizados no curso de Arquitetura, para aumentar o nosso repertório e desenvolvermos a nossa prática de projeto, pois as atividades desenvolvidas de história, teoria e crítica da arquitetura visa à aplicação de formas que sejam pertinentes ao projeto, e não arbitrárias. Dessa maneira, através dos conhecimentos que a crítica capacita, vemos que os estudos de história e teoria não são áreas autônomas, sem relação com a prática, mas que, ao contrário, nos possibilita a reflexão com os momentos passados e presentes, sendo um fio condutor para os projetos.

Veremos agora, onde a crítica ao Modernismo incidiu, quais são os principais pontos a que ele se direcionou e quais foram as propostas desse novo ideário que foi denominado de Pós-Modernismo.

Como meio de examinar com mais profundidade o Pós-Modernismo, fomos solicitados a formar uma equipe multidisciplinar para desenvolver o projeto curatorial e expográfico da ala histórica de uma exposição internacional de arquitetura e urbanismo. Essa ala receberá o nome de "Pós o quê?" e tratará dos movimentos e das discussões que surgiram na segunda metade do século XX e seus desdobramentos no século XXI. Essa ala será subdivida em três setores, e cada um deverá apresentar os seguintes pontos ao visitante: (setor 1) a crítica ao Modernismo, as discussões sobre

a conceituação, definições e períodos do Pós-Modernismo; (setor 2) a arquitetura historicista e regionalista, sua conceituação e seus exemplos no Brasil; e (setor 3) a arquitetura racionalista, de decadência e fratura, do romantismo social relacionados à arquitetura orgânica, ecológica e retomada de princípios dos socialistas utópicos.

Deveremos entregar uma série de estudos para esses setores e, para isso, faremos um levantamento das obras e das críticas desenvolvidas nesses períodos. Nesta seção estudaremos quais são as principais críticas feitas ao Modernismo e faremos uma introdução aos conceitos que foram desenvolvidos para o que é considerado "Pós-Modernismo". Mostraremos também os exemplos desse movimento que foi desenvolvido nos anos de 1960, 1970 e 1980.

Seção 2.1

Crítica ao Modernismo

Diálogo aberto

Nesta seção iniciaremos nossos estudos a respeito do Pós-Modernismo na arquitetura, contextualizando-o com relação ao período no qual se desenvolveu e apresentando as críticas que esse movimento elaborou com relação ao movimento anterior, o da Arquitetura Modernista. Para isso, veremos: (1) introdução ao Pós-Modernismo - conceituação contexto e período; (2) Pós-Modernismo anos 1960; (3) Pós-Modernismo anos 1970 e 1980; e (4) crítica ao Modernismo. Buscaremos analisar como esses elementos e as ideias propostas pelo movimento estão presentes no nosso cotidiano e quais são as propostas colocadas hoje que questionam ou replicam o que foi apontado pelo Pós-Modernismo Arquitetônico.

Precisamos elaborar as soluções de um projeto expográfico que explique o contexto no qual surgiu o Pós-Modernismo, seus conceitos e características, e, ao mesmo tempo, provoque questões e críticas ao visitante.

Esse primeiro desafio será a elaboração do espaço expositivo do que se denominará a partir de agora "setor 1", além de apresentar ao visitante os principais pontos do Modernismo que foram criticados pelos sucessores, bem como possibilitar, por meio do projeto desse setor, estabelecer discussões sobre a conceituação e as propostas que foram desenvolvidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Para esse ambiente, nosso cliente deseja mostrar os elementos do Movimento Pós-Moderno que se contrapõe ao Modernismo, a ruptura com a reta, com a forma funcionalista.

Nossa equipe deve pensar em uma maneira adequada de projetar esse espaço, de maneira que não se utilize apenas de painéis com textos, mas que apresente maquetes, objetos e ambientes imersivos para que os visitantes, ao mesmo tempo, entendam os conceitos e as ideologias que estavam na base da discussão desse movimento e também possam sentir visual e fisicamente os resultados dessas novas propostas. Deveremos também indicar quais foram os principais

pensadores e arquitetos de cada uma das décadas indicadas, suas principais obras e também desenvolver uma reflexão própria sobre os exemplos escolhidos, de maneira que, com essa reflexão, também o visitante levante suas próprias questões.

Cabe, além disso, reforçar a ideia de que para todo desenho e esboço que serão feitos para essa proposta, aplicaremos os nossos conhecimentos das teorias e dos conceitos estudados nas seções e disciplinas anteriores e, ao mesmo tempo, acrescentaremos novas práticas e informações.

Para isso, propomos as seguintes questões: como elaborar um ambiente que apresente ao visitante as relações de projeto às quais os arquitetos, a partir da década de 1950, passaram a questionar? Qual é a importância que os diferentes contextos culturais e sociais suscitaram na elaboração de novos projetos urbanísticos e arquitetônicos.

Agora vamos em frente com a nossa pesquisa!

Não pode faltar

O Pós-Modernismo surgiu em meio à retomada da construção civil, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. No primeiro, as invenções de novos produtos suscitaram necessidades e invenções de desejo criado pelo mercado, intensificado pelas campanhas de marketing; na Europa, houve a necessidade de criar o novo em meio à existência do antigo a ser preservado.

Se por um lado o Modernismo propunha uma tábula rasa na paisagem, com o uso da racionalidade no emprego e uso das formas que obedeciam diretamente à função, ou seja, o Modernismo se propunha ser mais funcional com relação às demandas sociais, ao contrário o Pós-Modernismo passou a se preocupar também com as questões estéticas como ferramenta para as soluções de ordem social.

Durante o desenvolvimento desses movimentos, os construtores e arquitetos do movimento modernista estabeleceram uma ruptura em relação às soluções e aos elementos ornamentais utilizados nas construções do final do século XIX e início do século XX. O que se propôs, no decorrer do desenvolvimento das posturas dos modernistas, foi a busca de uma arquitetura internacional, tornando sua linguagem e suas soluções mais homogêneas, unificando-as.



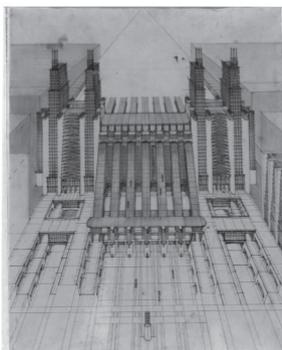
Ornamento: o uso do ornamento foi bastante condenado pelos arquitetos da Arquitetura Moderna a partir de um manifesto que teve grande influência, escrito por Adolf Loos intitulado *Ornamento é crime* (1908), no qual se afirma que a falta de ornamento era um sinal de força e de bom uso do trabalho, pois sua ausência economizava material e mão de obra.

A definição do que é ornamento é entendida de maneira diferente quando visto como sendo simbólico ou sendo estético, mas independentemente de seu sentido e função, entendemos no senso comum como ornamento aqueles motivos e formas que são aplicados às estruturas dos edifícios e aos objetos.

O Pós-Modernismo resgata o ornamento, dando-lhe até mesmo novos sentidos e assumindo uma posição crítica no uso do ornamento com relação ao Modernismo Arquitetônico.

A revolta contra o capitalismo industrial, que produzia uma intensa desigualdade social e a crença na tecnologia, levou os arquitetos italianos Antonio Sant'Elia (1888-1916) e Mario Chiattone (1891-1957) a escreverem o manifesto *L'Architettura futurista* (1914) e também o escultor Umberto Boccioni (1882-1916), com seu *Manifesto dell'Architettura futurista* (1911). Neles, a cidade e a casa futurista são vistas como uma máquina, que funciona perfeitamente em todas as suas partes, uma visão que antecede as propostas dos arquitetos modernistas.

Figura 2.1 | Arquitetura futurista - Stazione d'aeroplani e treni con funicolari e ascensori su tre piani stradali, de Antonio Sant'Elia, parte da série La Città Nuova (1914)



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Stazione_Sant%27Elia.jpg>. Acesso em: 25 jun. 2017.

O Modernismo propunha a pureza das formas, a exclusão do que considerava excessos, o rompimento com a história da arquitetura, a

busca no emprego de formas e volumes retilíneos, claros e simples, com volumes e espaços independentes. A busca da maior eficiência para o desempenho das atividades humanas direcionava as soluções possíveis que os arquitetos modernistas acreditavam que poderiam estabelecer nas construções e no urbanismo. Essa é uma das razões da valorização e intensificação do uso de soluções padronizadas.

A Arquitetura Moderna impunha, a partir de seus ideais, um movimento universalista, descartando elementos e hábitos locais importantes estabelecidos dentro de cada contexto urbano. Esse fato é alvo de uma das principais críticas feitas às propostas do Movimento Moderno: a de considerar o projeto de um ambiente único, universal, feito para um homem também universal, portanto, fictício. A escala entre o objeto arquitetônico e o humano também deixou de existir; os edifícios são grandes torres, dispersos em amplas áreas vazias na paisagem.

O principal paradigma do Modernismo era a construção de residências modernas, padronizadas, destruindo as construções antigas existentes no local, para assim impor, na prática, os seus pressupostos teóricos, o que implicava a total perda de referências com os contextos históricos existentes nos locais de renovação urbana. Essa atitude passou a ser objeto de crítica de muitos arquitetos e urbanistas a partir do final da década de 1950, principalmente na Europa, onde a paisagem urbana tinha séculos de história e de memória.

Dois autores são essenciais para que se possam entender as rupturas que ocorreram na arquitetura durante o século XX. A primeira ruptura simbólica ocorreu a partir da publicação do livro de Le Corbusier, *Por uma arquitetura* ([1998], título original *Vers une architecture*, 1923), e a segunda é com o livro de Robert Venturi, *Complexidade e contradição em arquitetura*, publicado em 1966.

Uma das críticas de Venturi (1995) ao pensamento do Movimento Moderno é que ele ignora as complicações deste e evita as ambiguidades.

Os arquitetos já não se podem deixar intimidar pela linguagem puritanamente moralista da arquitetura moderna ortodoxa. Gosto mais dos elementos híbridos do que dos “puros”, mais do que são fruto de acomodações do que dos “limpos”, [...], ambíguos em vez de “articulados”, [...], redundantes em vez de simples. Sou mais favorável à vitalidade desordenada do que à unidade óbvia. (VENTURI, 1995, p. 2)



O Pós-Modernismo se formula como uma espécie de antítese do movimento moderno, como uma retomada aos valores culturais locais que ultrapassava as questões unicamente de cunho construtivo. Ao mesmo tempo, certas correntes do Pós-Modernismo acreditavam no uso de certos valores formais históricos que os consideravam atemporais.

O arquiteto italiano Aldo Rossi publica em 1966 seu livro *A arquitetura da cidade*, no mesmo ano em que Venturi publicou *Complexidade e contradição*, tornando-se também um dos clássicos da literatura sobre arquitetura. Rossi questiona a recusa do uso dos elementos simbólicos locais e da arquitetura vernácula pelo Movimento Moderno e busca empregar as formas utilizadas na história a partir dos modelos reais encontrados na cidade existente.

Na filosofia, o livro essencial para o entendimento do Pós-Modernismo é do francês Jean-François Lyotard (2004), *A condição pós-moderna*, editado pela primeira vez em 1979 (NASCIMENTO, 2011). Ele retrata o desencanto e a frustração com relação aos progressos e às soluções de desenvolvimento prometidos pela *Modernidade*, bem como o fim das utopias e dos grandes projetos que prometiam o fim dos problemas sociais. O capitalismo tardio que se coloca em marcha a partir da Segunda Guerra Mundial modificou as forças produtivas, as classes sociais, intensificou as desigualdades sociais e a diferença entre ricos e pobres. As vanguardas são assimiladas pelos meios de comunicação e consumo, perdendo todo o seu caráter de questionamento das causas das desigualdades e dos conflitos sociais e de instrumento para a mudança social. Os movimentos artísticos se veem envolvidos na institucionalização dos seus conceitos, tornando-se uma forma controlada de rebeldia, um véu que disfarça uma suposta liberdade que é controlada pelas classes dominantes.

Podemos falar então de Movimentos Pós-Modernos, pois são várias as suas vertentes e os elos condutores na história usados pela Pós-Modernidade como referência, o que impede de que se identifiquem as razões que causaram as diversas rupturas históricas. Para o Pós-Modernismo, o essencial é o instante que contém os três tempos - passado, presente e futuro -, rompendo com o modernismo comercial e invocando elementos históricos. Para Venturi (1995), a Arquitetura Moderna era simplista e insípida.

Se os Estados Unidos foram o local ideal para os aportes propostos

pelo Modernismo, principalmente a cidade de Chicago, totalmente destruída pelo fogo, também o foram para as propostas do Pós-Modernismo, como comentamos no início.

O pós-modernismo faz alusões às formas do passado, ao emprego da ironia, à inspiração vernácula. No Movimento Pós-Moderno, os arquitetos voltam a estudar as obras de Vitruvius e Palladio. No projeto para o centro de pesquisas Kline (Kline Biology Center), Philip Johnson (1906-2005) emprega os paradigmas semelhantes ao do Classicismo: a preocupação com a simetria e a monumentalidade com o emprego de uma estrutura de colunas.



Assimile

Monumentalidade: na arquitetura, o termo pode ser definido como sendo uma qualidade de um edifício ou estrutura para transmitir valores considerados importantes para uma determinada cultura. Normalmente possui características grandiosas em forma e dimensão.

Figura 2.2 | Pós-Moderno: Edifício Yale Kline Biology Tower, do arquiteto Philip Johnson (1962). Yale University, New Haven, Connecticut, EUA



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=837117>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Nos anos que se seguiram ao Pós-Guerra, houve certo consenso entre os arquitetos quanto a uma consciência de continuidade, mas a partir do início dos anos 1960 passou a ficar clara a ideia de crise do Movimento Moderno, e grande parte do que foi produzido nesse período já se encontrava muito distante do Movimento Moderno.

Os Pós-Modernistas recuperaram a história como material de

criação, portanto a noção de monumento também é recuperada, pois resgatam a sua importância para o espaço social e para a memória coletiva.

Robert Venturi, nos Estados Unidos, e Aldo Rossi e sua crítica tipológica, na Itália, abriram novos caminhos e alternativas construtivas. A busca de soluções para o espaço urbano, em Rossi, necessita compreender os fatos urbanos em todas as suas esferas: política, social e arquitetônica. A história deve ser analisada para que se possam entender as relações do homem no interior das cidades.

O Pós-Modernismo se propôs a não ser reducionista, isto é, ele propôs expor todo o pluralismo e a complexidade da arquitetura, mostrando que ela não é algo abstrato, mas, sim, possui aspectos que dependem da cultura local, portanto as formas adotadas se comunicam com a sociedade para a qual foi construída. A arquitetura é vista como um meio de comunicação. Não por acaso, que a Arquitetura Pós-Moderna está ligada às propostas do pensamento estruturalista, do qual os escritos de Ferdinand Saussure, em 1916, foram o fundamento teórico inicial – a língua passa a ser vista como uma estrutura de signos que eram parte de uma estrutura maior e que faz parte da estrutura social. Essa visão saussuriana, a partir do Pós-Guerra, ganhou força na década de 1960, com Roland Barthes, com sua obra *Elementos de Semiologia* (1964), e com Michel Foucault.

O Movimento Pós-Moderno dos anos de 1960 tem como representantes os arquitetos Robert Venturi, Aldo Rossi e Charles Moore, que tanto nos seus projetos arquitetônicos como em suas obras escritas colocam em discussão e apresentam uma mudança nas formas arquitetônicas. Outro fato que marca esse período é o fechamento, em 1968, da escola de Ulm, que era continuadora dos princípios da Bauhaus, portanto tinha como premissas a concepção racionalista do desenho.

Na década de 1970, o termo Pós-Moderno ganha relevância com a obra de Charles Jencks (2006), que publicou *Movimentos Modernos em Arquitetura* em 1973, obra que discutiu a variedade das experiências que existiram na Arquitetura Moderna, por isso o uso plural dos termos. Em 1977, Jencks retoma a discussão em *The language of Post-Modern Architecture* [sem edição traduzida para o português].

O grupo inglês Archigram (CABRAL, 2004) surgiu em 1960 e elaborou propostas radicais ao utilizar imagens tecnológicas para os seus projetos, que na maioria das vezes não são possíveis de serem

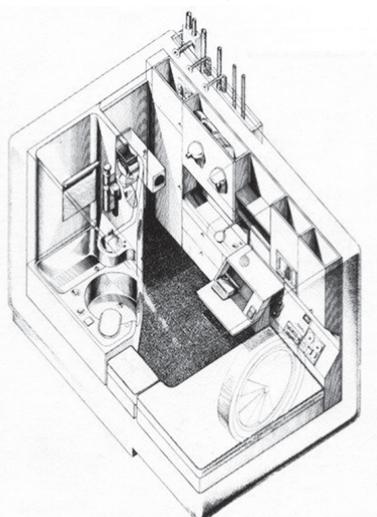
realizados. O grupo foi constituído por Peter Cook (1936-), David Greene (1937-), Michael Webb (1937-), Dennis Crompton (1935-), Warren Chalk (1927-1987), Ron Herron (1930-1994) e criou o *Magazine Archigram* em 1961, para divulgarem as suas ideias. Um dos principais fundamentos era a crença na superação de todas as condicionantes da arquitetura tradicional e a crença no uso de uma supertecnologia, baseada na cibernética.

Ao contrário do grupo Archigram, os arquitetos como Rossi e Kahn defenderam os elementos históricos, culturais e simbólicos que a arquitetura produz e que são diferenciadores de uma arquitetura de escala industrial e de massa.

No final da década de 1960 surge a arquitetura High-Tech, que teve como um dos principais representantes o arquiteto Norman Foster, que explora o desenho industrializado e propõe criar o próprio clima no interior do edifício, independentemente do clima externo natural da região.

Na década de 1970, um dos edifícios emblemáticos foi a Torre de Cápsulas de Nakagin em Tóquio (1972), do arquiteto Kisho Kurokawa. Sua proposta era de uma arquitetura metabólica, que se adaptasse às novas necessidades que pudessem surgir de acordo com a situação, utilizando a lógica de agregação de células pré-fabricadas, que podiam ser combinadas a partir de diferentes articulações.

Figuras 2.3 | (a) Nakagin Capsule Tower; (b) Planta do Edifício Nakagin Capsule Tower



Fontes: <<https://goo.gl/9xYgMT>>; <<https://goo.gl/hmRE8Z>>. Acesso em: 25 jun. 2017.



No Modernismo é deixado de lado todo o uso de ornamentação, sendo esta uma das críticas do Movimento Pós-Modernismo, o qual retoma o uso de elementos ornamentais, afirmando que o edifício modernista é muito simples e sem alma. Sendo assim, como é possível considerar a Torre de Cápsulas de Nakagin em Tóquio do arquiteto Kisho Kurokawa? Não é ela um exemplo da aplicação direta de formas simples e de valorização da estrutura?

Outro exemplo importante dessa época foi o Centro Georges Pompidou (*Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou*, 1972-1977), na França, projeto de Richard Rogers e Renzo Piano. O projeto é baseado nas possibilidades da alta tecnologia e se estrutura por meio de um sistema de cabos e tubos de aço que ficavam expostos. Essa estrutura torna-se também um elemento de visualidade do edifício. As cores são outra característica importante do edifício, pois elas definem cada função que a estrutura desempenha na construção. Explorar as possibilidades da textura e da cor é mais outra característica do Pós-Modernismo.

Figura 2.4 | Centro Georges Pompidou



Fonte: <<http://www.istockphoto.com/br/foto/the-pompidou-centre-in-paris-gm623979952-109601051>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Com a crise mundial que ocorreu no final dos anos de 1970, os arranha-céus, as propostas da Arquitetura do Movimento Moderno e dos anos de 1960 e 1970 e o otimismo tecnológico são questionados, e as distorções e os problemas que causaram ao seu entorno, em todos os níveis, urbanístico e histórico, entram na pauta da discussão.

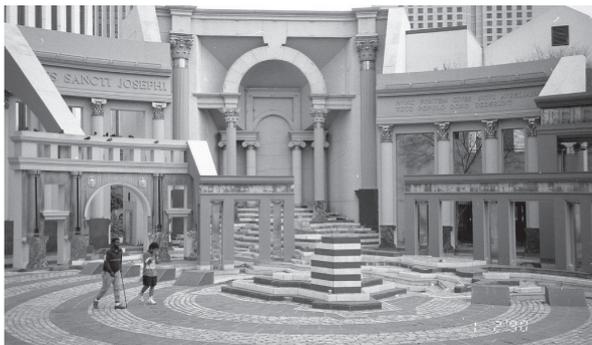


Os Pós-Modernistas criticavam a padronização dos arquitetos modernistas e a aplicação do que foi denominado de *international style*. Em contraposição a isso, os arquitetos propuseram diferentes soluções para o projeto arquitetônico e urbano.

A fragmentação é um dos conceitos utilizados na Pós-Modernidade, tratando da fragmentação do sujeito contemporâneo, que não é um, universal, totalitário, mas, sim, vários. A globalização gerou novas formas de percepção e também provocou o fortalecimento das identidades locais. Na arquitetura, essa fragmentação é apresentada através de colagens, superposições de formas e espaços.

A Praça de Itália (Piazza d'Italia, New Orleans, EUA, 1974-1978), projetada pelo arquiteto Charles Moore, é um bom exemplo dessa fragmentação.

Figuras 2.5 | (a) e (b) Piazza d'Italia, New Orleans



Fontes: <<https://goo.gl/q59qTT>>; <<https://goo.gl/6tt0Kc>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Outra característica da qual os pós-modernistas também fizeram uso em alguns momentos, foi o recurso da simetria. Associada à linguagem clássica e neoclássica, com o uso de colunas e frontões, foi aplicada aos mais diferentes tipos de edifícios e espaços urbanos. Era uma crítica direta ao Modernismo, que negava os estilos clássicos.

Figuras 2.6 | (a) Portland Building, vista aérea; (b) Portland Building



Fontes: <<https://goo.gl/G1oHNz>>; <<https://goo.gl/zYuwG1>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

É importante considerar que uma das principais características do Pós-Modernismo é o retorno ao ornamento, à valorização da história como fonte de informação, à arquitetura como meio de diálogo com a sociedade e não como instrumento de mudança social, sendo os aspectos qualitativos mais considerados para o projeto do que uma proposta revolucionária.



Pesquise mais

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo: Edições 70, 2016.

Esse é um dos mais importantes livros de Rossi. Nele o autor trata das principais questões que o Pós-Modernismo resgata: os problemas históricos ligados aos fatos urbanos, e os fatos urbanos em si, como reflexos da ação constante da cidade, como memória e construção social que se relaciona ao privado e ao público.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

O autor trata da pós-modernidade em seus vários aspectos culturais: social, estético, filosófico e literário, sendo o tema central as mudanças que ocorreram no tempo e no espaço. Para ele, essa condição pós-moderna é uma consequência da crise do capitalismo da segunda metade do século XX.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Bauman é sociólogo e nessa obra analisa os principais aspectos que provocaram uma mudança na sociedade, por meio da análise dos meios pelos quais essa transição ocorreu.

Sem medo de errar

Quando pensamos no projeto de uma exposição temos que ter logo em mente o tema no qual iremos trabalhar, qual será o recorte conceitual que iremos propor e o que desejamos comunicar ao visitante. Propor uma exposição sobre um tema qualquer é também construir uma narrativa, pois nosso projeto define e elabora o que vai ser visto e dito, logo é um meio de informação, comunicação e construção de conhecimento com o público.

O tema que nos foi proposto para a ala histórica da exposição se relaciona ao Pós-Modernismo, então, devemos pensar quais são os principais conceitos desse movimento que desejamos que o público compreenda, quais são as obras mais emblemáticas dos arquitetos desse período.

Um início para se pensar essa proposta é apresentar as principais características do Modernismo com as quais o Pós-Modernismo se antagoniza. Podemos propor a apresentação de alguns conceitos-chave da modernidade, como o racionalismo e o funcionalismo arquitetônico.

O Pós-Modernismo critica o desenho funcional, o objeto que esquece a sua função estética e social, a ausência dos contextos. Na linguagem museológica podemos fazer referência a esses aspectos a partir da linguagem e do design adotado para os suportes expositivos, através dos recursos multimeios adotados pela pós-modernidade.

A pós-modernidade chama a atenção para o contexto, portanto vai na direção contrária do desenho universal, que era o *International Style* de origem europeia. São os casos específicos que serão tratados individualmente de acordo com o contexto local. A globalização da economia acirrou as inseguranças e a soberania de Estados e povos.

Apresentar os principais teóricos da pós-modernidade na arquitetura seria uma ótima linha condutora para o entendimento dessa ala histórica: Robert Venturi, Charles Moore, James Stirling e Michael Graves, entre outros.

Pense em distribuir algumas maquetes no espaço. Quem sabe o próprio espaço ou partes dele possa ser um ambiente da pós-modernidade onde os visitantes imergem.

Figura 2.7 | Humana Building, do arquiteto Michael Graves, Louisville, 1982-1985



Fonte: <<https://goo.gl/qoxxTg>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

O uso de cores, a composição lúdica e a relação com a funcionalidade são deixadas em segundo plano para explorar outros elementos, como o volume, os contrastes, a simetria, as referências culturais locais. Podemos pensar em apresentar elementos marcantes de determinada obra, como o que foi feito em relação ao Centro Georges Pompidou e o Centro Georges Pompidou Móvel.

Figura 2.8 | Centre Pompidou Mobile



Fonte: <http://inhabitat.com/centre-pompidou-mobile-paris-famous-art-museum-goes-nomad-with-traveling-pop-up-prefab>. Acesso em: 25 jun. 2017.

É importante apresentar a proposta de projeto para esse setor em forma de monografia escrita, dividida em introdução, desenvolvimento e exposição dos principais conceitos e características (citando os principais teóricos e arquitetos) e conclusão.

Avançando na prática

Igual, mas diferente?

Descrição da situação-problema

Os pós-modernistas criticavam a racionalidade que os modernistas pregavam à realização do homem pelos recursos que as novas tecnologias podiam proporcionar. Soluções globais para problemas locais. Para o Modernismo, o futuro estava por vir e ser construído. Essa foi uma das críticas feitas aos modernos.

Mas qual é o nível de consciência e engajamento que as pessoas têm nos processos de construção do objeto edificado e do espaço urbano? Quais são os paradigmas globais que são possíveis de serem rompidos em um mundo que, ao contrário do que o Pós-Modernismo pensou em seus anos iniciais, é fortemente hierarquizado?

Considerando esses aspectos apresentados, nossa equipe foi chamada para desenvolver um projeto localizado próximo à casa modernista de Gregori Warchavchik, de 1927, localizada na Rua Santa Cruz, 325, Vila Marina, em São Paulo, e nosso cliente deseja que o nosso projeto se contraponha, em forma de um diálogo formal, com as ideias definidoras do Modernismo, mas que, para isso, resgatássemos os principais conceitos do Pós-Modernismo.

Resolução da situação-problema

Podemos pensar nas propostas de arquitetos como Venturi e Philip Johnson. O que suas obras pretendiam simbolizar? Indicar o conjunto de forças assimétricas que estão envolvidas e que submetem o projeto é um dos elementos que possibilitam demonstrar as contradições existentes nas comunidades e no discurso de igualdade social que se pretende hegemônico.

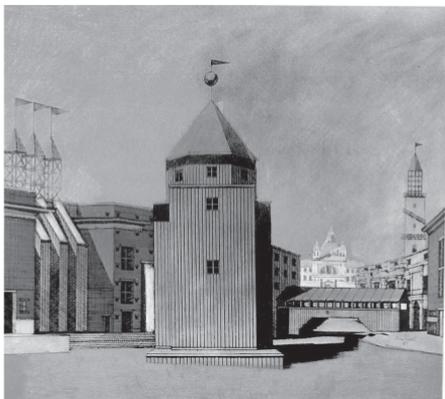
Para apresentar as contradições poderíamos aprofundar as noções de memória coletiva no tempo e no espaço e analisar, sob a ótica das propostas do Pós-Modernismo, como elas foram resolvidas e se realmente foram.

O Pós-Modernismo em sua crítica ao Modernismo realmente passou a valorizar uma memória coletiva? Ou na verdade houve apenas uma apropriação dos elementos de memórias coletivas locais para assim desmembrá-las e se apropriar de seus elementos visando um consumo em massa, que homogeneiza todas as diferenças?

Esses são uns dos caminhos para se pensar a questão proposta. Seria interessante que a equipe pudesse apresentar alguns edifícios que demonstrassem em sua concepção esses aspectos.

Nossa equipe poderia resgatar alguns elementos da memória histórica do bairro da Vila Mariana e adotar formas que também se contraponham à linguagem formalista adotada por Warchavchik.

Figura 2.9 | (a) e (b) Teatro do Mondo, Veneza (1979) – Projeto de Aldo Rossi (desenho inspirado no modelo de teatro anatômico de Pádua e no Globe Theatre shakespeariano)



Fonte: <<https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/teatro-do-mondo/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Faça valer a pena

1. Alguns fatores colaboraram para intensificar as crises pela qual passava o Movimento Moderno e que culminaram nas propostas que surgiram a partir dos anos de 1960 e, entre os resultados, as tentativas para solucionar os problemas habitacionais.

Considerando o texto apresentado, sobre o surgimento do Pós-Modernismo, analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

a) O fracasso concreto de alguns projetos arquitetônicos que seguiam os pressupostos modernos, culminou na demolição de alguns edifícios e conjuntos habitacionais.

- b) O surgimento de propostas hipertecnológicas que contrariavam as premissas do Movimento Moderno, pois este acreditava em meios mais naturais e alternativos para a construção.
- c) A crítica com relação à recuperação de qualquer corrente que prestigiasse o histórico, cuja valorização era uma das bases do Movimento Moderno.
- d) A descrença com relação a uma arquitetura ecológica, que utilizasse recursos naturais para iluminação e conforto térmico.
- e) A descrença na possibilidade pluralista e múltipla que pudesse afirmar algum tipo de descontinuidade.

2. O movimento da Arquitetura Pós-Moderna abre uma série de propostas para a elaboração do projeto, e entre as principais causas que suscitam esses movimentos estão as críticas aos ideais do Movimento Moderno.

Entre os temas que abrem os novos horizontes, leia as afirmações a seguir.

I- A valorização da cultura popular local.

II- A arquitetura deixando de ser um meio de comunicação simbólica.

III- O papel da história na elaboração do projeto arquitetônico.

IV- As discussões sobre o papel da arquitetura no âmbito político que são retiradas da agenda.

Com base nas afirmações sobre os temas propostos pelo Pós-Modernismo, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas a afirmativa I está correta.
- b) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) Apenas a afirmativa II está correta.
- e) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.

3. As discussões entre os arquitetos, os teóricos e os pensadores dos pós-modernistas comentam sobre a recuperação da tradição, de uma espécie de valorização das memórias coletivas locais.

Sobre esse tema, avalie as afirmações a seguir.

I – O uso das formas clássicas ocorre para reafirmar o grande passado clássico grego, do qual o ocidente se coloca como único herdeiro.

II – Os arquitetos localizados fora do ambiente europeu, principalmente os da América Latina, desenvolveram um regionalismo crítico em defesa das particularidades locais.

III – A noção de diferença é evitada, por isso o uso das formas clássicas, pois se pretende que o mundo seja entendido como uma aldeia global.

IV – O uso de elementos da tradição e o resgate de formas e espaços da memória coletiva locais, que são também submetidas à hierarquização. Com relação a um tipo de resgate da tradição e de memórias coletivas a partir das afirmações apresentadas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas a afirmativa III está correta.
- b) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) Apenas a afirmativa I está correta.
- e) Apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.

Seção 2.2

Arquitetura Historicista e Arquitetura Regionalista

Diálogo aberto

Daremos continuidade à proposta que nossa equipe recebeu de nosso cliente, que é a de desenvolver um projeto curatorial e expográfico da ala histórica de uma exposição internacional de arquitetura e urbanismo. Essa ala receberá o nome de “Pós o quê?” e tratará dos movimentos e discussões que surgiram na segunda metade do século XX e seus desdobramentos no século XXI. Agora, para o setor 2 dessa ala histórica, desenvolveremos um espaço que apresente os conceitos da Arquitetura Historicista e Regionalista, sua conceituação e seus exemplos no Brasil. O material a ser elaborado pela equipe deverá permitir que o visitante identifique os principais conceitos tratados no primeiro período do Movimento Pós-Moderno e também conheça os principais representantes da Arquitetura Historicista Brasileira e a Regionalista. Para isso, nossa equipe precisará redigir uma série de textos teóricos direcionados ao público e pranchas ilustrativas com os principais projetos, assim como fotos e ao menos duas maquetes ou alguma apresentação em formato tridimensional.

Na seção anterior, vimos como ocorreram as críticas elaboradas com relação ao Movimento Moderno e quais foram os seus principais teóricos e representantes. Agora, analisaremos com mais profundidade o que mais tarde ficou denominado de Pós-Modernismo Historicista e no decorrer desta seção veremos como foi a sua repercussão na arquitetura brasileira.

Estudaremos, então, os principais paradigmas teóricos que foram a base desse primeiro momento e quais foram as obras mais representativas no contexto internacional. Em seguida veremos como, no contexto da arquitetura brasileira, foram aplicados os modelos historicistas propostos pelos arquitetos estrangeiros e quais foram os regionalismos, a partir da sua conceituação, sobre os quais devemos desenvolver uma resenha crítica como forma de reflexão, além de apontar algumas questões possíveis com relação ao tema.

Os conteúdos a serem mobilizados para o desenvolvimento serão:

- (1) Conceituação da Arquitetura Historicista.
- (2) Arquitetura Historicista no Brasil.
- (3) Arquitetura Regionalista.
- (4) Arquitetura Regionalista no Brasil.

Vamos em frente!

Não pode faltar

No contexto estadunidense, as atitudes perante as tradições arquitetônicas vindas da Europa eram adotadas mais pelo seu ponto de vista formal que pelos seus aspectos políticos, sociais ou até mesmo funcionais. Como exemplo, podemos citar um estilo muito recorrente em solo norte-americano que é o neoclassicismo (JENCKS, 2006). Uma das razões que determinam essa atitude foram os interesses do mercado em adotar formas mais aprazíveis ao consumidor (JENCKS, 2006). Esse tipo de visão era bastante simplificado e tinha a sua prática bem enraizada. O que começa a surgir na segunda metade do século XX foram algumas novas maneiras de lidar com essa tradição já estabelecida nos Estados Unidos.

Para entendermos como surgiu o historicismo na Arquitetura Pós-Moderna, devemos indicar algumas das considerações feitas por Jencks (1978). Na tabela apresentada a seguir, ele contrapõe três sistemas distintos com os quais os arquitetos operam por trás das motivações do projeto:

Quadro 2.1 | Modificações nas relações arquiteto-cliente

	Sistema 1 Privado	Sistema 2 Público	Sistema 3 Empreendedor
Esfera econômica	Minicapitalismo; Os recursos financeiros são restritos.	Estado bem-estar; Estado capitalista; Restrição financeira.	Monopólio capitalista; Suficiência financeira.
Motivação	Estética; Ideológica; Habitação do usuário.	Solução de problemas; Habitação do usuário.	Produção de dinheiro; Produção de dinheiro para o proprietário/ usuário.

Ideologia	Várias.	Progresso, eficiência, larga-escala, anti-história, brutalismo, etc.	Idem ao sistema 2; Mais pragmática.
Relação com o lugar	O arquiteto pertence ao local; O cliente será o usuário do local.	Arquitetos de locais mais distantes; Os usuários se mudam para o lugar.	Projetistas estão distantes e também sempre são trocados; Ausência de clientes diretos.
Relação entre cliente e arquiteto	Equipe pequena; O arquiteto pode ser um amigo ou conhecido.	O expert é uma pessoa anônima; Os desenhistas estão sempre mudando; A equipe é grande.	Empregado contratado; Não conhece os designers nem os usuários.
Dimensão dos projetos	Pequeno.	Alguns projetos são grandes.	Projetos muito grandes.
Método de desenho	Lento, sensível, inovativo, caro.	Impessoal, anônimo, sensível, baixo custo.	Rápido, barato, aplicação de fórmulas comprovadas.
Tipos de edifícios	Habitação, museus, universidades, etc.	Habitações e infraestrutura.	Shopping centers, hotéis, escritórios, indústrias, etc.
Estilo	Múltiplo.	Impessoal, seguro, contemporâneo, à prova de vandalismo.	Pragmático, clichê e bombástico.

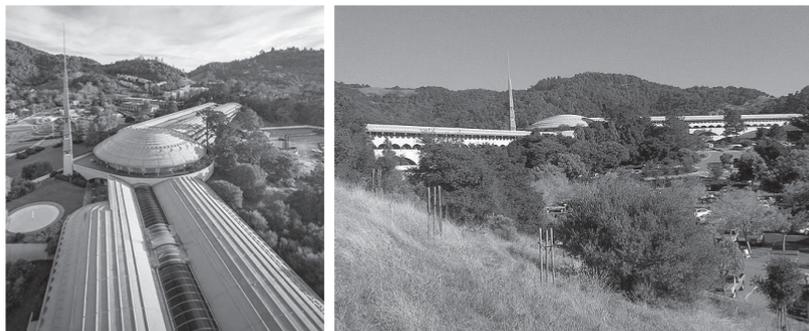
Fonte: adaptado de Jencks (1978, p. 12).

No primeiro sistema, os recursos financeiros são mais restritos e a relação arquiteto-cliente é de proximidade, enquanto nos dois últimos a relação arquiteto-cliente e arquiteto-público é distante, muitas vezes intermediada por outros agentes, sendo, segundo Jencks (2006), a dimensão do empreendimento um dos principais pontos críticos, e uma das consequências é que, por causa da dimensão do empreendimento, os profissionais envolvidos não conseguem ter o controle sobre o conjunto. A crise na arquitetura é então consequência de um amplo “sistema de causas” (JENCKS, 1978, p. 14). Outra das causas citadas por Jencks (2006) é a maneira como “o movimento moderno empobrecer a linguagem arquitetônica no nível da forma; e tem sofrido um empobrecimento no nível do conteúdo, os objetivos sociais para os quais foi realmente construída” (JENCKS, 1978, p. 14, tradução nossa).

Outra reação crítica ao que foi apontado no início do texto foi o surgimento de um movimento que consistia em não depreciar o que era popular, o que era considerado feio. Essa nova maneira foi denominada de atitude Camp. Susan Sontag em seu artigo Notes on Camp comenta que a atitude Camp “é uma forma de ver o mundo como um fenômeno estético” (SONTAG, 1967 apud JENCKS, 1985, p. 178). Essa atitude procura tudo aquilo passível de ser fruído, apreciado e ainda “[...] aceita a monotonia, o clichê e os gestos habituais de uma sociedade de produção em massa como sendo a norma, sem tentar alterá-la”, pois procura colocar em destaque, busca se apropriar dos elementos triviais, ou seja, daquilo que é considerado ruim, feio, e o torna bom, interessante. A atitude Camp assume como ruim aquilo que a cultura tradicional determina como sendo ruim, de mau gosto, mas inverte seu resultado, valorizando-o.

No final dos anos de 1950, em direção contrária à abordagem Miesiana e aos preceitos da Arquitetura Moderna em geral, surgem alguns edifícios que fogem da pureza formal ditada pelos modernos. Entre esses exemplos podemos citar o Marin County Civic Center (San Rafael, EUA), projetado por Frank Lloyd Wright (1867- 1959), cuja conclusão do conjunto da obra só ocorreu após sua morte, tendo sido finalizada em 1976. Em um dos edifícios do conjunto, a sua cúpula azul e uma torre em forma de minarete, remete à mesquita do Sultão Ahmed, conhecida como a Mesquita Azul, localizada na Turquia, enquanto que os edifícios que se estendem verticalmente remetem aos aquedutos romanos. Vemos aqui, que o uso de imagens fortes, com formas marcantes, mas sem significados intencionais, começa a aparecer no horizonte.

Figuras 2.10 | (a) e (b) Marin County Civic Center, de Frank Lloyd Wright, San Rafael, California, 1957



Fontes: <<https://goo.gl/Re1zw7>>; <<https://goo.gl/xoUUWs>>. Acesso em: 17 maio 2017.

A arquitetura também sendo considerada um discurso que determina valores, projetos de significância cultural, independentemente de sua adequabilidade às funções e contextos (LARSON, 1995), também está sujeita ao discurso que as elites possam lhe imprimir para a construção e fundamentação de um discurso. Na Arquitetura Moderna, podemos afirmar, embora de maneira simplista, que as diferenças entre os códigos elitistas e os populares são encontradas na obra de vários arquitetos (JENCKS, 1978), mas sempre existe a questão dos significados, da compreensão de códigos e símbolos. Aqueles arquitetos que afirmam que a arquitetura é uma linguagem entendida por todos ignoram que essa linguagem depende do simbolismo arquitetônico e, portanto, do repertório de cada um. Mas era contra essa atitude que os modernos se contrapunham, pois, para eles, só uma arquitetura neutra podia servir à cidade moderna.

O historicismo, nesse novo contexto, o do Movimento Pós-Moderno, é uma vertente que adota os estilos arquitetônicos do passado, exagerando nas referências históricas, às vezes de maneira a ironizar o seu uso. Também é um resgate dos valores locais, bem como é o regionalismo crítico, que veremos adiante.



Assimile

Vernacular: no caso da arquitetura, se refere ao emprego de materiais, recursos e tradições construtivas do local ou da região.

Hibridismo: é um conceito utilizado na biologia e que passa a ser empregado em outras disciplinas.

Historicismo: é um termo que se refere às tendências revivalistas que ocorreram e ainda ocorrem na arquitetura a partir do século XVIII, que se inspiram em modelos de épocas passadas.

Entre os arquitetos que adotaram o historicismo, podemos citar: Robert Venturi, que, em seu livro *Aprendendo com Las Vegas*, defende o retorno à cultura popular; Charles Jencks, que, em *The language of post-modern architecture* (1978) - sem tradução para o português -, discute os fundamentos do Pós-Modernismo e também do historicismo; e Charles Moore, que buscou criar uma arquitetura que incluía a história, as necessidades e preferências do cliente, o mito e as qualidades tácteis e visuais dos materiais (Figura 2.11).

Figura 2.11 | Moore Ruble Yudell Architects & Planners. PLAZA LAS FUENTES. Pasadena, California



Fonte: <<http://www.moorerubleyudell.com/node/1088>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Como vimos, a escola norte-americana destaca outros papéis da manifestação historicista, ao indicar o repertório do receptor do projeto, ou seja, o “pré-reconhecimento [...] como base para a expressão de valores culturais”, segundo Michael Graves (apud NEVES, 2009, p. 27), e, como Geoffrey Broadbent, observa o reconhecimento dos “edifícios como portadores de significados” (apud NEVES, 2009, p. 27). Neves comenta também que, para esses teóricos norte-americanos, “a busca pelo suporte cultural normalmente está associada a uma cultura geral, muitas vezes tendo como referência a arquitetura greco-romana” (2009, p. 27), sendo que sua proposta está muito menos interessada no papel político e social da arquitetura.

No Brasil, entre as manifestações arquitetônicas que adotaram o historicismo pós-moderno, podemos citar os projetos de Edison Musa, nascido no Rio Grande do Sul, que, após estágio no escritório de Georges Candilis (França), abriu seu escritório no Rio de Janeiro (1964). O emprego do historicismo no edifício RB1 (Figura 2.12a) pode ser identificado no uso do frontão e de elementos a que o arquiteto Michael Graves também faz referência em suas obras. Outro arquiteto que também representou essa tendência foi Éolo Maia (1942-2002), que em seu projeto Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (1984), conhecido como “rainha da sucata” (Figura 2.12b), faz citações diretas aos elementos arquitetônicos tomados da tradição clássica e o emprego de colagens e de materiais da tradição construtiva mineira.

Figuras 2.12 | (a) Edifício RB1 (1990), do arquiteto Edison Musa, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, RJ, Brasil; (b) Projeto Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves, do arquiteto Éolo Maia Belo Horizonte, 1984



Fontes: <<https://goo.gl/TNsFG7>> <<https://goo.gl/2b2TXy>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Surge outra tendência que irá criticar as questões impostas pelo racionalismo cientificistas, pelas políticas neoliberais globalizantes e pelas formas das culturas hegemônicas que desprezavam as culturas locais. Essa vertente foi denominada de Regionalismo Crítico.

O conceito de Regionalismo Crítico aparece primeiro nos ensaios publicados por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e depois é apresentado por Kenneth Frampton. Surgiu como uma tendência a partir das décadas de 1980 e 1990 e procurava elaborar uma “arquitetura do lugar”, mas sem nacionalismo, ou sem espetacularizar, ou seja, não pretendia ser cenográfico, e tampouco populista.

Se a discussão e produção teórica e prática da Arquitetura Contemporânea coloca na mira os paradigmas da Arquitetura Moderna por meio de uma produção de base historicista, o Regionalismo Crítico também é outra vertente dessa discussão, que vai se contrapor de uma determinada maneira ao que poderíamos denominar de um historicismo universalizante e considerar, então, as particularidades locais.



A Humanidade, tomada como um corpo único ingressa numa única civilização planetária que representa ao mesmo tempo um progresso gigantesco para todos e uma tarefa esmagadora de sobrevivência e adaptação da herança cultural a esse quadro novo. Sentimos todos, em graus diferentes e de maneiras variáveis, a tensão entre, de um lado, a necessidade dessa ascensão e desse progresso, e, por outro lado, a exigência de salvaguardar o patrimônio

que herdamos. Devo dizer de imediato que minha reflexão não se origina de nenhum desprezo em relação à civilização moderna universal; se existe um problema, é justamente porque sofremos a pressão de duas solicitações divergentes, mas igualmente imperiosas. (RICOEUR, 1968, p. 277)



Reconciliar o universal e o local na arquitetura para Kenneth Frampton apresentava o mesmo paradoxo que Paul Ricoeur (1968) enfrentava para a história e a verdade na filosofia. Já na primeira metade do século XX, surgem movimentos que tentam negar o racionalismo puro empregado pelo Movimento Moderno. Entre os pontos que buscam resgatar, temos: o contextualismo, a diversidade cultural, a cultura material, a arquitetura vernacular e as tradições locais. O que pretendem na verdade é conciliar o espírito da modernidade com suas técnicas, mas de uma maneira humanista, rompendo com o *International Style* e adotando uma visão que permite a expressão das diversidades culturais.



Refleta

As questões colocadas por Paul Ricoeur (1968) permanecem sendo atuais, e aqui poderíamos refletir a respeito delas com relação às cidades nas quais habitamos.

1. O que constitui o núcleo criador de uma civilização no caso de nossa própria cultura no Brasil?
2. Em que condições pode tal criação ter prosseguimento, como os núcleos históricos de uma cidade ou a memória local dos bairros?
3. Como é possível um encontro de culturas diversas, herança cultural e crescimento urbano, o enfrentamento face a uma cultura de consumo e os fenômenos de acumulação de capital?

É importante frisar que se faz necessário diferenciar o regionalismo crítico de qualquer movimento que adota o vernacular de maneira populista, sentimental. Frampton (apud NESBITT, 2008), em seu texto *Perspectiva para um Regionalismo Crítico*, deixa claro que o uso do vernacular pelo Regionalismo Crítico é motivado pela identificação de valores e tradições da cultura local e da sua capacidade de resistência, a partir de uma leitura crítica. O populismo, ao contrário, não procura evocar qualquer percepção crítica da realidade, mas, sim, a sublimação do desejo de uma experiência imediata, com fortes afinidades com as imagens publicitárias.

Entre os representantes do Regionalismo Crítico, Frampton (NESBITT, 2008) indica o grupo catalão Grupo R, que apresentou um regionalismo anticentrista na década de 1950, no qual utilizava os procedimentos racionalistas e antifascistas do GATEPAC (ala espanhola do CIAM) e, ao mesmo tempo, evocava um Regionalismo Realista que apresentava a natureza híbrida da cultura moderna. Outros representantes que podemos citar são: Ricardo Bofill (Espanha, 1939-), Alvar Aalto (Finlândia, 1898-1976), Alvaro Siza (Portugal, 1933-), Mario Botta (Suíça, 1943-) e Tadao Ando (Japão, 1941-).

Entre os que apoiaram o uso da arquitetura vernacular na crença dos valores humanistas e da conexão entre os povos e os lugares por meio do emprego do conhecimento tradicional e dos materiais locais estava o arquiteto egípcio Hassan Fathy (1900-1989). Ele buscou integrar o conhecimento das zonas rurais do Egito com os princípios do desenho urbano e, ao mesmo tempo, capacitou os habitantes nessas cidades a fabricarem os próprios materiais e a construir suas edificações. As discussões em torno do Regionalismo Crítico permanecem no cenário mundial, pois o tema apresenta várias visões nas diversas regiões da Ásia, África e América Latina.

Figura 2.13 | Mesquita de Nova Gourna, do arquiteto Hassan Fathy, Luxor, Egito



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=14646024>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

No Brasil, o Regionalismo Crítico se manifestou nas mais diferentes formas, desde o Modernismo, tais como no projeto que Lucio Costa apresentou para o concurso Vila Operaria de Monlevade, em 1934, no qual ele propõe casas que utilizam a técnica de pau a pique e o uso do concreto armado. Mesmo durante o período do apogeu do concreto aparente, entre os anos de 1960 e 1970, ocorreram iniciativas, mesmo que isoladas, de buscar o emprego de técnicas construtivas e de materiais regionais. Teóricos da arquitetura dos países latino-

americanos passam a formular novos conceitos quanto às práticas adequadas da Modernidade:

Formularam novos conceitos para tratar da síntese proposta pelo regionalismo crítico devido ao entendimento, em alguns casos, da prioridade em conduzirmos adequada e inteligentemente nossa modernização, ao invés do trabalho com valores regionais, muitas vezes frágeis ou esquecidos” (FAVILLA, 2003, p. 33).

Nesse contexto se destacam a publicação no Brasil do livro de Fathy (1980), a vinda da exposição francesa *De Architectures de Terre* (1984) e o surgimento dos SAL (Seminários de Arquitetura Latino-americana). Entre os arquitetos brasileiros podemos citar: Severiano Porto, que liderou a busca pela adaptação de uma arquitetura adequada ao sítio e ao clima com a utilização de materiais nativos; João Filgueiras Lima, vulgo Lelé (Figura 2.14); Gerson Castelo Branco, no Piauí; João Castro Filho, no Pará; e Zanine Caldas, no Rio de Janeiro.

Figura 2.14 | Memorial Darcy Ribeiro, do arquiteto João Filgueiras Lima, em Brasília



Fonte: <<http://www.iabjr.org.br/premios-da-fpaa-2012-concedem-medalha-de-ouro-para-arquiteto-brasileiro>>. Acesso em: 15 jul. 2017.



Exemplificando

Como poderíamos adotar a posição de um Regionalismo Crítico em nossos projetos? Frampton comenta que o Regionalismo Crítico é uma expressão dialética que busca construir o Modernismo universal a partir de imagens e valores localmente cultivados e, ao mesmo tempo, subverte esses valores por meio do uso de paradigmas que têm origem em fontes alienígenas.

Podemos exemplificar a adoção dos pontos de uma “arquitetura da resistência” (FRAMPTON apud NESBITT, 2008) pela adoção da

Arquitetura Moderna integrada ao contexto, ou seja, o emprego de maneira crítica, que é avaliar as condições que o contexto oferece, como o clima, os materiais disponíveis, as técnicas construtivas que podem ser empregadas, as tradições e história locais. Isto significa considerar: a relação cultura versus natureza, os aspectos táteis versus os visuais, a resistência da forma do lugar, a relação civilização e cultura, cultura mundial versus regionalismo.

Um bom representante seria o arquiteto Severiano Porto, que desenvolveu inúmeros projetos no Amazonas. Seus trabalhos unem as modernas criações da arquitetura aliadas ao emprego de técnicas desenvolvidas pelas populações do local, entre elas a dos caboclos e dos ribeirinhos.

Figura 2.15 | Centro de Proteção Ambiental de Balbina, pelo arquiteto Severiano Porto, Presidente Figueiredo, 1983



Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.188/5950>>. Acesso em: 15 jul. 2017.



Pesquise mais

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

Neste livro, o autor analisa os processos de coexistências entre os projetos de modernização e as tradições culturais que ocorreram na América Latina, por meio de uma abordagem interdisciplinar.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

O autor apresenta os processos de resistências que as culturas locais empreendem em face dos discursos hegemônicos e a constituição de sujeitos culturais híbridos.

Sem medo de errar

Um das possibilidades que nossa equipe poderá propor é criar um ambiente que apresente elementos historicistas, e que depois no decorrer do passeio, ou seja, da circulação por onde os visitantes percorrerão, esses elementos se diluam e se mesclm/transformem em outros tipos de elementos, fazendo alusão a questões simbólicas, históricas do Brasil.

No contexto da América Latina, podemos apresentar as obras de alguns dos arquitetos que adotaram o Regionalismo Crítico, entre eles o colombiano Rogelio Salmona, Fernando Castillo, no Chile, o mexicano Luis Barragán, o argentino Claudio Caveri, bem como um marco importante nesse mesmo contexto latino-americano, que foi a criação dos Seminários de Arquitetura Latino-Americana (SAL), na década de 1980.

A madeira pode ser um dos materiais bem explorados nos textos, por meio dos trabalhos de arquitetos como Severiano Porto, Zanine Caldas ou Marcos Acayaba (Figura 2.16). Podemos enfatizar na abordagem regionalista a arquitetura como um fato do lugar, tectônica, topográfica.

Figura 2.16 | Casa na Serra do Guararú, do arquiteto Marcos Acayaba, Guarujá, Brasil (1997)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-25604/classicos-da-arquitetura-residencia-em-tijucopava-marcos-acayaba-arquitetos/25604_25628>. Acesso em: 17 maio 2017.

Avançando na prática

Essa casa é daqui?

Descrição da situação-problema

A obra de Tadao Ando pode ser considerada como uma obra que

adota alguns dos princípios que poderíamos considerar fundamentais do Regionalismo Crítico? E em que medida essa afirmação estaria correta? Para as nossas condições regionais, o que poderíamos propor adotando esses mesmos princípios? Essas questões foram propostas para a nossa equipe elaborar um projeto de um restaurante no interior de um parque. Esse parque tem as condições parecidas com a do Jardim Botânico na cidade de São Paulo, uma área de preservação de Mata Atlântica.

Resolução da situação-problema

Tadao Ando une em sua obra tanto princípios da Arquitetura Modernista como os valores e as tradições da cultura japonesa, por exemplo, no acesso ao Templo da Água (templo budista) em Tsuna, no Japão, onde ele considera os princípios necessários que devem existir no ambiente para possibilitar a meditação, ao mesmo tempo em que para isso adota o uso de materiais e de uma linguagem contemporânea, como o muro em concreto.

Figura: 2.17 | Templo d'Água Honpuku, Tadao Ando, Japão



Fonte: <<http://mindboxes.tumblr.com/post/6614528042/tadao-ando-templo-d%C3%A1gua-honpuku-tadao-ando>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

Para a proposta que nos foi apresentada, poderíamos relacionar os dois pontos – a Modernidade e o Regionalismo -, ou seja, enfatizar ou valorizar os aspectos locais da arquitetura, sem populismo ou demagogia, mas por meio de expressões universais.

Podemos pensar nos contextos de Mata Atlântica original, nas regiões ao longo da costa brasileira e elaborar um espaço que apresente os princípios do Regionalismo Crítico, utilizando materiais dessas regiões ou características arquitetônicas, por meio de formas e empregos inusitados. Esse é o desafio.

Faça valer a pena

1. A partir da segunda metade do século XX, os paradigmas que guiaram a Arquitetura Modernista estavam sendo postos em questão a partir de várias críticas do que ficou denominado de Movimento Pós-Moderno. Entre os seus críticos estava um grupo de teóricos norte-americanos, cujo foco era a valorização de elementos da história e da representação e que ficou conhecido como movimentos historicistas ou formalistas. Sobre o historicismo que surgiu no interior do Movimento Pós-Moderno, analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- a) O arquiteto Philip Johnson foi um dos principais representantes, pois evitou o emprego de soluções formais, privilegiando em seus projetos a função dos edifícios.
- b) O historicismo enfatizava os aspectos estéticos dos edifícios em detrimento dos aspectos estruturais e funcionais.
- c) O historicismo pós-modernista criticou a adoção de qualquer forma arquitetônica que pudesse se transformar em mercadoria e ser publicizada.
- d) O principal objetivo da proposta historicista pós-moderna era produzir uma arquitetura duradoura e anticenográfica.
- e) Evitou o emprego da ironia e buscava tons cromáticos que possibilitassem que o edifício pudesse ficar diluído na paisagem do entorno.

2. Paul Ricoeur, ao tratar da relação entre civilização universal e culturas nacionais em seu livro *História e Verdade*, afirma que “[...] só uma cultura viva, ao mesmo tempo fiel às suas origens e em estado de criatividade no plano da arte, da literatura, da filosofia, da espiritualidade, é capaz de suportar o choque das outras culturas, e não somente suportá-la, mas dar sentido a tal encontro” (RICOEUR, 1968, p. 290).

Na arquitetura e urbanismo essas preocupações se desenvolveram no movimento que ficou conhecido por Regionalismo Crítico, termo forjado pelo crítico e arquiteto Alexander Tzonis. Sobre o Regionalismo Crítico, analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- a) Todas as culturas tradicionais têm a mesma capacidade de resistência às pressões externas, portanto as estratégias de resistência são iguais em qualquer região do planeta.
- b) A resistência às pressões sofridas sobre as culturas tradicionais face ao desenvolvimento científico global deve permitir que as primeiras se tornem homogêneas face à globalização.

- c) O termo toma a ideia de região como um constructo elaborado a partir do emprego de elementos folclóricos e nacionalistas para a defesa da cultura local.
- d) O termo empregado remete ao problema da arquitetura em estabelecer critério de elaboração para edifícios e cidades que coadune a globalização, competência global e culturas locais.
- e) O Regionalismo Crítico deve adotar os aspectos progressistas da arquitetura de maneira que estes se sobreponham aos valores relacionados ao contexto local.

3. Os críticos e arquitetos latino-americanos se debruçaram e se utilizaram de inúmeros esforços no sentido de empregar criticamente os conceitos desenvolvidos do Regionalismo Crítico. Entende-se como “empregar criticamente” não tomar o movimento pela adoção de doutrinas ortodoxas, e sim por critérios dinâmicos de avaliação e adaptação, de acordo com o lugar e o tempo.

Quanto ao Regionalismo Crítico ocorrido no Brasil, analise as seguintes afirmações e assinale a alternativa CORRETA.

- a) No Brasil, a onda de manifestações regionalistas ocorreu em diversos estados. Na década de 1980, por todo o país se desenvolveram arquiteturas que enfatizaram a busca por essas especificidades.
- b) O Regionalismo Crítico desenvolvido tem característica de cunho romântico e folclorista, deslocada das questões técnicas e científicas existentes nos países desenvolvidos.
- c) As manifestações do Regionalismo Crítico no Brasil só foram ocorrer depois da Eco Rio-1992 e devido às restrições que esse encontro estipulou para o desenvolvimento urbano nacional.
- d) Embora o Brasil tivesse uma boa quantidade de madeira disponível, os arquitetos do Regionalismo Crítico preferiram adotar apenas o concreto como material para seus projetos.
- e) O Regionalismo Crítico no Brasil ficou restrito à Região Norte, devido ao pouco acesso das comunidades dessa região ao restante do país.

Seção 2.3

Arquitetura Racionalista, Arquitetura da Decadência e Romanticista Social

Diálogo aberto

A partir dos estudos que fizemos sobre os desdobramentos que ocorreram a partir das críticas feitas pelos Pós-Modernistas em relação aos arquitetos e urbanistas modernistas, veremos nesta seção outras correntes que existiram nesse mesmo período do Pós-Modernismo, a saber: (1) Arquitetura Racionalista; (2) Arquitetura de Decadência; (3) Arquitetura Romanticista Social; e (4) Estudo comparativo: Modernismo e Pós-Modernismo.

Vamos analisar os ideais propostos por esses arquitetos e também as críticas que ocorreram dentro do próprio Movimento Pós-Moderno e como elas imprimiram sua forma na arquitetura e nas discussões sobre a cidade. A partir desse conhecimento, poderemos perceber os objetivos da produção arquitetônica que apresentaram um rompimento ou uma continuidade com as correntes anteriores e com os movimentos que surgiram a partir do pós-guerra e como o nosso espaço urbano contém suas marcas.

Daremos continuidade à proposta que foi apresentada à nossa equipe, que é a de elaborar um projeto expográfico e curatorial para a ala histórica de uma exposição internacional de arquitetura e urbanismo. Essa ala receberá o nome de "Pós o quê?" e tratará dos movimentos e das discussões que surgiram na segunda metade do século XX e seus desdobramentos no século XXI. Nas seções anteriores desenvolvemos os projetos para os dois primeiros setores, e agora, apresentaremos o projeto para o setor 3.

Nosso cliente deseja que elaboremos um projeto que apresente claramente as diferenças que são apontadas pelos arquitetos que se filiaram às correntes neorracionalistas, às correntes romanicistas em suas três subcategorias – social, orgânica e de decadência –, e, por fim, os pontos de continuidade com o Movimento Modernista. Ele deseja também que elaboremos um catálogo com imagens e textos para ser entregue aos visitantes da exposição.

Durante nossa pesquisa, nós podemos notar que vários arquitetos caminham entre uma e outra corrente, o que mostra que eles não se colocam fechados a novas experimentações e desenvolvimentos teóricos. Podemos falar de uma arquitetura dupla com relação às correntes teóricas e práticas dessa época? Qual é a dimensão do homem no interior das propostas dessas correntes e em que medida é possível percebê-las no nosso cotidiano? Com relação ao Brasil, é possível identificar na obra dos arquitetos a adoção de algum desses movimentos? Quais são as rupturas e continuidades tanto em termos formais como conceituais identificadas nesses movimentos e como podemos apresentá-las aos visitantes da exposição?

Tendo esses pontos em mente, vamos em frente!

Não pode faltar

Como podemos notar, o Pós-Modernismo não foi um movimento que tinha um programa internacional unificado e tampouco se pretendeu a tê-lo. Um exemplo que podemos citar são as discussões sobre o Regionalismo Crítico, que individualiza soluções possíveis de projeto. Considerar a história local como um dos elementos norteadores do projeto é outro fator que contribuiu para a diversidade das propostas teóricas do movimento. Mais um aspecto importante a ser comentado é a reflexão dos arquitetos sobre o papel da arquitetura no interior da sociedade, onde a arquitetura não é vista como responsável pela mudança social, mas, sim, tem um embate constante com a sociedade de maneira dialética.

Esse embate considera os fenômenos sociais, políticos e econômicos dentro de um processo de produção formal e histórico próprio e faz uma crítica ao funcionalismo decorrente das discussões geradas a partir da década de 1960, principalmente após a falência das propostas modernistas para as soluções urbanas.

A Seção Internacional de Arquitetura da XV Trienal de Milão (1973), organizada por Aldo Rossi, foi uma das primeiras manifestações nesse sentido. Nela, os arquitetos do grupo italiano *Tendenza* mostraram sua posição com relação a determinados pontos do Movimento Moderno, se distanciando do seu conteúdo ideológico e adotando uma correspondência de continuidade com o racionalismo.

A discussão sobre a ideia de continuidade – *continuità* – tinha se iniciado na década de 1950, com Ernesto Rogers, quando era editor

da revista italiana Casabella-Continuità (SOUTO, 2010), que buscava superar a rejeição dos arquitetos modernistas com relação à história. Os posicionamentos de Rogers tiveram bastante influência no pensamento de Aldo Rossi (*Arquitetura da Cidade*, 1995), e a Trienal foi o primeiro encontro onde ocorreram as discussões e os posicionamentos a respeito de um tipo de arquitetura “racional”, que passou a ser denominado de Neorracionalismo, ou Racionalismo Pós-Moderno.

A corrente do Neorracionalismo e a corrente contextualista foram as bases das críticas aos paradigmas dos arquitetos modernistas, com forte condenação ao impacto causado ao ambiente urbano provocado pela implantação das suas propostas. O Neorracionalismo retoma as propostas do Racionalismo italiano da década de 1920, mas com diversas modificações, entre elas a busca por relacionar os projetos com o contexto urbano no qual iriam ser inseridos. Essas correntes não abstraem seu objeto (o edifício) de seu entorno, ao contrário elas propõem uma relação de contiguidade e de diálogo com o espaço urbano.

As principais características formais do Neorracionalismo a partir dos anos de 1970 foram a utilização de colunas cilíndricas, de formas geométricas simples e a adoção de uma decoração mais austera e o emprego de elementos historicistas, pois os fatos históricos, segundo os neorracionalistas, não se repetem pelo simples uso de estruturas formais semelhantes, o que quer dizer que são independentes de qualquer ideologia com as quais pudessem ser relacionadas. Como comenta Vittorio Gregotti (1972), a história é um meio, uma tomada de consciência que conduz a diversos lugares.

Para os arquitetos italianos que adotaram o Neorracionalismo, os objetos e as estruturas eram considerados ferramentas para o projeto urbano, e a cidade era um objeto de criação coletiva no qual todos podiam interferir e participar na sua elaboração.



Refleta

Os arquitetos neorracionalistas não excluíram a história da sua prática projetual, as discussões do grupo Tendenza e as questões de continuidade. O contexto urbano também não é descartado do projeto. O contexto urbano envolve a noção de espaço, e a ideia de lugar é o espaço personalizado. Para o pensamento moderno o edifício deveria buscar sua expressão única independentemente do local no qual estava

inserido. Como podemos considerar os projetos de Oswald Mathias Ungers a partir dos conceitos propostos pelo Neorracionalismo?

Refleta a partir do projeto de Ungers para o Instituto de Pesquisa Polar e Marítima.

Figuras 2.18 | (a) Vista aérea do Instituto de Pesquisa; (b) Vista lateral do Instituto de Pesquisa



Fontes: <<https://goo.gl/Xo5BaS>>; <<https://goo.gl/9FZX1S>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Entre os arquitetos, participaram desse movimento Mario Botta (Suíça, 1943-), os alemães Joseph Paul Kleihues (1933-2004) e Oswald Mathias Ungers (1926-2007) e o italiano Aldo Rossi (1931-1997).

Figura 2.19 | (a) Formas geométricas simples, de Mario Botta; (b) Monumentalidade e geometrismo, de Oswald Ungers



Fontes: <<http://www.rodgersbuilders.com/projects/bechtler-museum-of-modern-art/>>; <https://en.wikipedia.org/wiki/Oswald_Mathias_Ungers#/media/File:Messe-Torhaus,_Frankfurt.jpg>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Os arquitetos neorracionalistas propunham fazer uma releitura do passado partindo mais de princípios tipológicos de maneira a relacionar os valores da arquitetura clássica com as propostas dos arquitetos do

Modernismo e a novas visões a respeito do objeto urbano. A partir das influências do grupo Tendenza, fora da Itália, a arquitetura clássica serviu de referência tipológica para uma nova proposta estética, na qual os arquitetos buscaram reestabelecer a continuidade com as tipologias clássicas tradicionais.



Assimile

Tipologia é um conceito que abarca tanto as representações das atividades como também as diferenças das formas, classificando-as. Na arquitetura, a tipologia analisa os tipos elementares da forma.

Morfologia urbana trata do estudo das formas e estruturas urbanas.

"A morfologia urbana é o estudo das formas da cidade. A tipologia construtiva é o estudo dos tipos de construção. Ambas as disciplinas estudam duas ordens de fatos homogêneos; além disso, os tipos construtivos que se concretizam nos edifícios são o que constitui fisicamente a cidade". (ROSSI apud PEREIRA, 2012)

Outro evento que também provocou uma retomada à Arquitetura Racionalista foi a exposição organizada em Londres, em 1975, por Leon Krier, cujas preocupações ainda estão vinculadas à reconstrução da cidade europeia e às discussões sobre a continuidade ou descontinuidade com relação ao Movimento Moderno. Segundo Anthony Vidler (VIDLER apud NESBITT, 2006), em *The third typology*, os arquitetos racionalistas reafirmam a especificidade da arquitetura enquanto disciplina própria a partir de suas estruturas formais.

Em contraste às ideias do Neorracionalismo e do Racionalismo dos arquitetos modernistas, surgem também correntes que pregam um tipo de idealismo de salvação humanitária com características formais mais orgânicas e com fortes preocupações sociais que foram denominadas de Romantismo Arquitetônico ou Novos Romantismos. Dentro dessa corrente podemos identificar três subcategorias: o Romantismo Orgânico, o Romantismo de Fractura e Decadência e o Romantismo Social. São tendências que se inspiram em áreas externas ao campo especializado da arquitetura.

Os Novos Romantismos surgiram também junto aos outros Movimentos do Pós-Modernismo a partir da década de 1970 e inspiraram-se nas questões regionais, sociais e ecológicas, mas apresentavam características mais emocionais que as racionais de algumas das tendências pós-modernistas e denunciavam o que consideravam o

exagero da civilização técnica e os seus malefícios. O que dá unidade a essas tendências românticas é o seu caráter emocional.

A Arquitetura de Fractura e Decadência explora o efeito ruína nas construções, a partir de uma referência às ruínas de edifícios antigos, mas um efeito ruína não como o de preservação de um edifício antigo, mas, sim, um recurso estilístico inserido em um edifício novo. É um elemento que tem a intenção de chocar o público e pode ser utilizado em uma posição inesperada de um edifício, por vezes se contrapondo ao estado em que o material utilizado como acabamento em uma fachada se apresenta, como o projeto para a joalheria Schullin (Figura 2.20 (a)) em Viena, 1974, de autoria do arquiteto austríaco Hans Hollein. Ele também faz uma referência bem-humorada às ruínas (Figura 2.20(b)) em um trabalho apresentado na Bienal de Arquitetura em Veneza em 1980.

Figura 2.20 | (a) Fachada da joalheria Schullin; (b) Facciata per la Strada Novissima



<<https://goo.gl/6ePTnN>>; <<https://goo.gl/A6dPrD>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Os adeptos do Movimento Fractura e Decadência não se integram aos conceitos dominantes do Pós-Modernismo da época, sendo considerados marginais à linha evolutiva geral da arquitetura, embora também possa fazer um apelo ao Kitsch, e suas fendas são criadas propositalmente na fachada dos edifícios, inspirando-se nas ruínas artificiais dos jardins românticos do século XIX. É um tipo de ruptura da forma estável e pura, com a qual se pretende sugerir que a estrutura do edifício está se desfazendo, como podemos observar nas obras do grupo SITE (Sculpture in the Environment) fundado por James Wines na década de 1970.

Figura 2.21 | Fachada da empresa BEST. James Wines & SITE. Best Indeterminate Façade Building. Houston, Texas, 1975



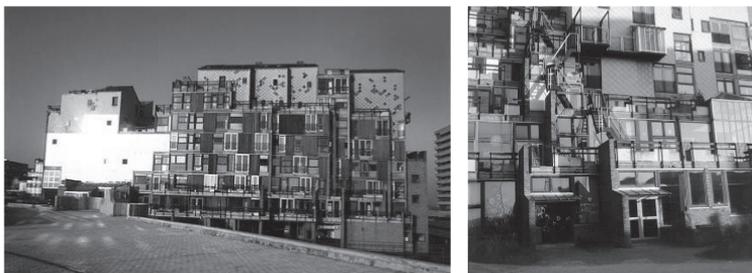
Fonte: <<http://ndagallery.cooperhewitt.org/gallery/8451365/BEST-Indeterminate-Façade-Building>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

O Romantismo, ou Romanticismo Social, também surgido nos anos de 1970, inspirou-se nos movimentos dos arquitetos e urbanistas do socialismo utópico do século XIX e que tinham como base a *Città Ideale* dos arquitetos renascentistas (MUMFORD, 2007), alimentando uma nova perspectiva na maneira de se apropriar da ciência e da cultura.

Em um contexto histórico mundial, sob as ameaças de um conflito nuclear que pudesse ser provocado pela Guerra Fria, pela insegurança e pela falta de boa qualidade de vida nas grandes cidades e deterioração do meio ambiente, pelas convulsões sociais e políticas, como a Guerra do Vietnã, e as ditaduras latino-americanas, alguns grupos de arquitetos passaram a ver a arquitetura como um microcosmo, no qual os habitantes da cidade pudessem ter participação nas soluções sociais e urbanas do espaço no qual estavam inseridos. Esses arquitetos buscavam suas referências nas soluções propostas pelos arquitetos utópicos e propunham uma arquitetura democrática. O resultado para alguns seria uma arquitetura singular, de aspecto pitoresco, que rompesse com a monotonia urbana, produzindo espaço que se destacassem na paisagem.

Entre os arquitetos que se destacaram nessa tendência, temos o belga Lucien Kroll (1927-), que propôs uma arquitetura ecológica e resultado de uma invenção coletiva, processo denominado de arquitetura aberta. O inglês Ralph Erskine (1968-1975) e o dinamarquês Jørn Utzon (1918-2008) fizeram parte dessa corrente. Outro expoente é o grupo inglês Archigram, que partia da existência e aceitação da sociedade de produção em massa e propunha uma reformulação da arquitetura a partir de uma arquitetura aberta, mutável e nômade, pois via a mobilidade urbana como uma qualidade inerente às cidades, que é retratado no projeto *Walking City*, no qual era proposta uma espécie de cidade andante, que seria adequada aos viajantes.

Figuras 2.22 | (a) e (b) Residência estudantil em Wolluvé St. Lambert, Bélgica



Fonte: <<http://homeusers.brutele.be/kroll/auai-project-ZS.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Também dentro dessa corrente romântica e próxima ao Romantismo Social, a arquitetura denominada de Romantista Orgânica, ou apenas Romantismo Orgânico, era inspirada nas obras de Antoni Gaudí e no movimento da Art Nouveau. Os arquitetos não dispensam o uso da tecnologia e de materiais, novos aliados das técnicas artesanais, evitam o uso exclusivo da linha reta e da geometria pura adotada pelos modernistas e pelos neorracionalistas e faziam uso das curvas e das formas animais e vegetais.

Entre os precursores dessa tendência temos Erich Mendelsohn (1887-1953), cuja obra sinaliza a linguagem que será desenvolvida pelos românticos orgânicos no Pós-Modernismo, apropriando-se das formas orgânicas que são produzidas com materiais tradicionais e artesanais, e o educador, filósofo e artista suíço Rudolf Steiner, fundador do método Waldorf. Seguindo essa linguagem de linhas sinuosas e não dispensando a tecnologia, entre os arquitetos que adotaram essa corrente podemos citar o austríaco Günther Domenig (1934-2012), Inken (1942-) e Hinrich Baller (1936-), que trabalharam juntos entre 1967 e 1989, Tom Alberts e Max Van Huut (Alberts & Van Huut International Architects, fundada em 1963) e Bruce Goff (1904-1982).

Figuras 2.23 | (a): Projeto Rudolf Steiner, Casa Duldeck, 1925; (b) Edifícios residenciais em Blockinneren, 1984



Fontes: <<https://goo.gl/iHKj6C>>; <<https://goo.gl/rkBK3x>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

A modernidade resgatada é como podemos nos referir ao momento que se segue após a superação da euforia pós-modernista e que se apresenta sob várias correntes: continuação da Modernidade Clássica, ou Modernismo Tardio, Tecnicismo, Alta Tecnologia, Modernidade Moderada.

O Modernismo Tardio retoma os princípios propostos por Le Corbusier e pela Bauhaus, utilizando novas tecnologias e adequando-as aos novos contextos sociais. Entre seus principais representantes temos os americanos Charles Gwathmey (1938-2009) e Richard Meier (1934-), o japonês Tadao Ando (1941 -) e o alemão Günter Behnisch (1922-2010), o qual também desenvolve a chamada Arquitetura de Alta Tecnologia.

Os arquitetos que adotam uma continuação da Arquitetura Moderna, o fazem empregando elementos resultantes da alta tecnologia por meio de novas linguagens expressivas, como as irregularidades dos desconstrutivistas e os elementos novos de construção, expressando-se por uma ampla variedade formal do novo pluralismo.



Exemplificando

Um exemplo da atualização da linguagem dos modernistas é a Sala do Plenário, em Bonn, Alemanha, projetada por Günter Behnisch, que fez uso de linhas retas, cortinas de vidro e cobertura plana, que eram formas adotadas pelos arquitetos modernistas, atualizadas por meio do emprego da alta tecnologia.

Figura 2.24 | Sala do Plenário na cidade de Bonn (1991-1992) – O moderno atualizado



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/G%C3%BCnter_Behnisch#/media/File:Bonn_Bundestag.jpg>. Acesso em: 16 jun. 2017.

A Arquitetura de Alta Tecnologia conduz à arquitetura de construção que emprega uma tecnologia bastante sofisticada, podendo ser dividida em Arquitetura *High Tech* (Alta Tecnologia propriamente dita) e Tecnicismo, sendo ambas uma atualização do espírito de experimentação do século XIX, que adotou a standardização dos elementos construtivos e o emprego de peças pré-fabricadas. Os arquitetos representantes são Norman Foster (1935 -), Michael Hopkins (1935 -), Günther Behnisch, Frei Otto (1925-2015) e Santiago Calatrava (1951 -), Renzo Piano (1937 -), Jean Nouvel (1945 -), entre outros. O Tecnicismo é uma versão exagerada da Alta Tecnologia, que tem entre os principais representantes o arquiteto Shin Takamatsu (1948 -).

A Modernidade Moderada marca a maior parte da produção dos últimos anos, principalmente a partir da década de 1980. Essa corrente é um tipo de fusão entre alguns preceitos da Arquitetura Moderna e a adequação dos elementos e clareza construtiva. Entre os arquitetos dessa corrente, podemos citar Herman Hertzberger (1932-), Otto Steidle (1943-2004) e Ralph Erskine (1914-2005).

Todas essas tendências que vimos anteriormente mostram o aspecto experimental da arquitetura, que por vezes recorre às linguagens arquitetônicas de diferentes épocas, resgatando, atualizando e ressignificando elementos e conceitos e inovando nas formas, o que mostra que a arquitetura não está sob a regência de leis imutáveis.



Pesquise mais

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Editora, 2015.

O autor explica a prática arquitetônica por meio da organização de elementos que são dispostos de maneira parecida a uma teoria, discorrendo sobre questões tais como o público e o privado, o território e a prática projetual.

MONTANER, Josep Maria. Gustavo Gili Ebook, 2014.

Introduz o leitor aos mecanismos da crítica arquitetônica por meio dos textos de vários arquitetos do século XX até o pós-estruturalismo de Rem Koolhaas e Peter Eisenman, entre outros arquitetos contemporâneos.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

O autor analisa os movimentos e teorias arquitetônicas que surgiram após a Segunda Guerra Mundial de 1945 até 1992, através de imagens que estão relacionadas a essas teorias.

Sem medo de errar

O tema do setor 3 apresenta correntes arquitetônicas que foram desenvolvidas paralelamente às críticas e propostas feitas pelos pensadores e arquitetos pós-modernistas – até encontramos vários arquitetos que trafegavam entre esses diferentes polos, como Aldo Rossi.

Para que esse setor não se confunda com as propostas dos setores anteriores, mas que ao mesmo tempo o visitante possa perceber que alguns arquitetos e propostas que nesse local são apresentadas se misturam e por vezes percorrem o interior das teorias propostas pelos pós-modernos, nossa equipe poderia propor uma série de vídeos que apresentam imagens de alguns projetos que são denominados de “modernidade resgatada”, intercaladas com projetos de arquitetos modernistas.

Ainda com Aldo Rossi, poderíamos apresentar a cidade e a arquitetura identificadas como estruturas espaciais que são exploradas pelos neorracionalistas e também fazer uma apresentação paralela de projetos neoclássicos que são encontrados nas cidades brasileiras e os projetos que os novos racionalistas propuseram. A partir dessas imagens, nós poderíamos inserir exemplos dos pós-modernistas buscando provocar as relações das correntes arquitetônicas apresentadas, aos visitantes.

Figuras 2.25 | (a) A coluna que sustenta, de Aldo Rossi – Esquina da Wilhelmstrasse e Kochstrasse, Berlim, Alemanha, 1988; (b) Eclétismo brasileiro, de Francisco de Oliveira Passos – Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Brasil, 1909

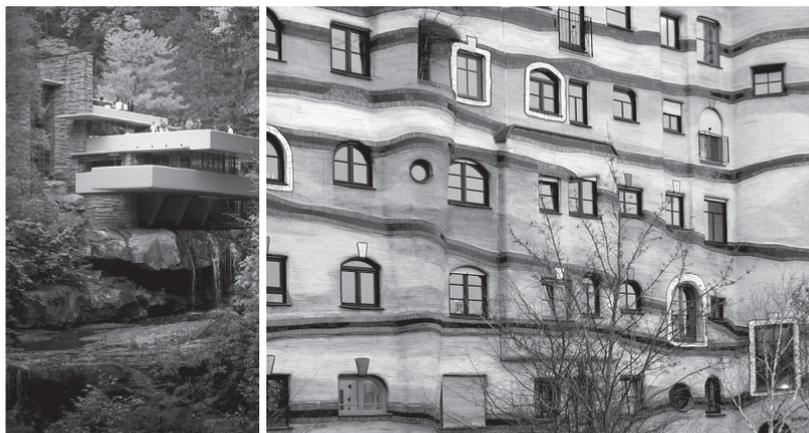


Fontes: <<https://goo.gl/tsqN2b>>; <<https://goo.gl/TXrhT>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Nossa equipe também poderia apresentar projetos que levantassem reflexões entre os visitantes a respeito do que poderia ser considerada Arquitetura Orgânica dentro das correntes românticistas orgânica e social, além de provocar a dúvida apresentando projetos

que envolvam a alta tecnologia, mas com formas acentuadamente curvilíneas. Alguns exemplos podem ser exibidos, entre eles os projetos de Frank Lloyd Wright (Figura 2.26 (a)) e a Casa Espiral, de Friedensreich Hundertwasser (Figura 2.26 (b)).

Figura 2.26 | (a) Fallingwater ou Casa Kaufmann, de Frank Lloyd Wright, 1939, Pennsylvania, EUA; (b) Casa Espiral – Friedensreich Hundertwasser (1928-2000), Darmstadt, Alemanha



Fontes: <<https://goo.gl/Ybeymb>>; <<https://goo.gl/asxfw8>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Figura 2.27 | (a) Casa Batlló, 1904-1906, Antoni Gaudí, Espanha; (b) Torre Sunrise, Zaha Hadid, Kuala Lumpur, Malásia



Fontes: <<https://goo.gl/MFtrmc>>; <<https://goo.gl/JTt5zu>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Avançando na prática

Uma casa para morar

Descrição da situação-problema

Um dos visitantes da exposição ficou muito interessado nos conceitos desenvolvidos pela corrente romântica orgânica e também pelos arquitetos que adotaram o Modernismo Moderado.

Ele possui um terreno em uma área com um declive moderado rodeada por mata de conservação e solicitou à nossa equipe que elaborássemos um projeto que explorasse o sistema construtivo de tecnologia avançada e que adotasse as premissas da Arquitetura Orgânica e a tipologia dos modernistas moderados.

Resolução da situação-problema

Se a Arquitetura Romântica Orgânica pode ser considerada uma reação às propostas do Racionalismo Modernista e ao *International style*, devemos pensar em soluções que aproximem elementos da Arquitetura Moderna e ao mesmo tempo rompa com a sua rigidez.

No projeto do arquiteto Hugo Häring (Figura 2.28 (a)), identificamos a linguagem utilizada pelos arquitetos modernistas e verificamos que o arquiteto incorpora formas que rompem com a ortogonalidade dos planos. Na outra imagem, temos o projeto do arquiteto Robert Harvey Oshatz (Figura 2.28 (b)), um edifício que abusa das curvas, utilizando materiais naturais com alta tecnologia.

Figura 2.28 | (a) Curvas na cidade, de Hugo Häring – Berlim, 1984; (b) Curvas na mata, de Robert Harvey Oshatz – Portland, Oregon, 2004



Fontes: <<https://goo.gl/CD7cdb>>; <<https://goo.gl/zkajq8>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Faça valer a pena

1. Foi a partir da Seção Internacional de Arquitetura em 1973, organizada por Aldo Rossi, durante a XV Trienal de Milão, que as ideias sobre a continuidade com o racionalismo passaram a ser defendidas e divulgadas, derivadas do posicionamento de Ernesto Rogers, quando dirigia a revista Casabella. Com relação aos modelos de renovação e experimentação arquitetônica da corrente neorracionalista, leia as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- a) Os arquitetos neorracionalistas não dispensam o uso da história e nem desconsideram o contexto no qual a obra será edificada.
- b) Para os arquitetos neorracionalistas, a história é um elemento que serve de orientação, pois os fatos se repetem, portanto as soluções são semelhantes.
- c) Buscaram tipologias que pudessem ser estandardizadas para baixar o custo de construção e também facilitar a busca de soluções universais.
- d) O emprego de alinhamentos verticais e horizontais na Arquitetura Neorracionalista mostrava a impossibilidade de se desvincular das premissas da Arquitetura Modernista.
- e) O Neorracionalismo afirma que a arquitetura está baseada na forma e estrutura urbana funcional, por isso é dada uma forte ênfase no desenvolvimento das cidades.

2. Considerados como uma corrente arquitetônica que está fora das correntes principais da Arquitetura Contemporânea, os Romantismos que surgem a partir da segunda metade do século XX contribuíram para levantar questões nas discussões teóricas da arquitetura e nas propostas de projeto que ainda hoje não foram superadas. Esses Romantismos (ou Romanticismos) apresentam três subcorrentes principais: Orgânico, Social e de Decadência. Considerando o que foi apresentado no texto-base, analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- a) O Romanticismo Social da segunda metade do século XX tem suas raízes principalmente nos escritores do romantismo alemão do século XIX, principalmente Goethe.
- b) Os romancistas sociais da arquitetura propunham processos pouco participativos que envolvessem os habitantes da cidade, pois eram mais teóricos que práticos.
- c) As três correntes romancistas têm em comum o fato de colocarem no interior da arquitetura temas que são externos ao seu próprio campo especializado.

- d) O Romantismo Orgânico é herdeiro do orientalismo europeu, porque resgata as formas da arte do oriente médio, principalmente os arabescos.
- e) A corrente românticista social buscava parcerias com os governos para implantar soluções definitivas nas cidades.

3. O Pós-Modernismo reagiu diretamente a um dos preceitos principais do Modernismo, que foi em relação à utilização de modelos históricos, o emprego de ornamentos, a coluna da antiguidade clássica, a aplicação de simetria nos volumes do edifício. Esse o Pós-Modernismo que resgata a história acaba por resgatar o próprio Modernismo em tendências paralelas ao do Movimento Pós-Moderno, que perde seu fôlego com o passar do tempo.

Existiram várias correntes que retomaram o Modernismo Clássico à sua maneira. Analise as afirmações a seguir e identifique qual apresenta características dessas correntes e assinale a alternativa CORRETA.

- a) A Modernidade Moderada repete as propostas do Modernismo Clássico a partir de projetos de grandes conjuntos habitacionais e o uso de fachadas metálicas.
- b) O Modernismo Moderado adotou uma linguagem formal minimalista, excluindo aquilo que o Modernismo Clássico propunha a mais, como o uso exclusivo de linhas verticais e horizontais.
- c) Um dos principais representantes da corrente do Modernismo Moderado foi o arquiteto francês Jean Nouvel pelo uso que faz da iluminação e das cortinas de vidro em seus projetos.
- d) O Novo Modernismo relacionado ao Modernismo Clássico resgata o gosto pela tecnologia, que conduz ao uso de tecnologia sofisticada e a uma arquitetura denominada de High Tech.
- e) A retomada dos princípios da Arquitetura Moderna a partir da década de 1980 ocorre devido ao esgotamento dos materiais naturais e às crises ambientais.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Uma fábula da técnica na cultura do estado do bem-estar: grupo Archigram, 1961-1974. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 247-263, dez. 2004. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20050422102317.pdf>. Acesso em: 4 maio 2017.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CARRASCOZA, João Anzanello; FURTADO, Juliana de Assis. O pensamento estruturalista e as teorias de comunicação. 2009. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 173-183, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/6853/6189>>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- FAVILLA, Daniela. **O Regionalismo Crítico e a arquitetura brasileira contemporânea: o caso de Severiano Porto**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- FATHY, Hassan. **Construindo com o povo: arquitetura para os pobres**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- FRAMPTON, Kenneth. Perspectivas para um regionalismo crítico. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica, 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 504-520.
- GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins, 2015.
- JENCKS, Charles. **Movimentos Modernos em Arquitetura**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- _____. **The language of Post-Modern Architecture**. Londres: Academy Editions, 1977.
- _____. **The Language of Post-Modern Architecture**. Londres: Academy Editions, 1978.
- _____. **What is Post-Modernism?** Londres: Academy Editions, 1989.
- _____. **Movimentos Modernos em Arquitetura**. Londres: Academy Editions, 2006.
- LARSON, Magali Sarfatti. **Behind the Postmodern Facade: Architectural Change in Late Twentieth-century America**. University of California Press: EUA, 1995.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. José Olympio, 2004.
- MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- MUMFORD, Lewis. **História das utopias**. Portugal: Antígona, 2007.

NASCIMENTO, João Paulo Costa do. **Abordagens do pós-moderno em música: a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 173 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/gf5mh/pdf/nascimento-9788579830983-02.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2017.

NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NEVES, Vinícius Freitas. **Produção arquitetônica, linguagem e construção da cidade:** estudo do uso de elementos historicistas na Arquitetura Contemporânea de Florianópolis. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92984>>. Acesso em: 19 maio 2017.

ORTIZ, Renato. **Reflexões sobre a Pós-Modernidade:** o exemplo da arquitetura. [s.d.]. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_10.htm>. Acesso em: 15 jul. 2017.

PASSARO, Andrés Martín. **O projeto arquitetônico e a análise projetual como instrumento de trabalho.** Dissertação (Mestrado) – FAU/USP, São Paulo, 1996.

PEREIRA, Renata Baesso. Tipologia arquitetônica e morfologia urbana: uma abordagem histórica de conceitos e métodos. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da arquitetura moderna.** Lisboa: Edições 70, 1982.

RICOEUR, Paul. Civilização universal e culturas nacionais. In: **História e Verdade.** Rio de Janeiro: Editora Forense, 1968.

SONTAG, Susan. **Notas sobre Camp.** Disponível em: <https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag_notas-sobre-camp.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SOUTO, Ana Elisa Moraes. **Projeto arquitetônico e a relação com o lugar nas obras de Paulo Mendes da Rocha, 1958-2000.** Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2010. v. 1. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26718>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott. **Aprendendo com Las Vegas.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

VIDLER, A. A terceira tipologia. In: NESBITT, K. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Tardomodernismo

Convite ao estudo

Olá, aluno!

Nesta unidade, continuaremos o estudo da História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III, conhecendo o conceito e os fundamentos do Tardomodernismo. Os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, tornam-se importantes para as referências teóricas aplicadas na realização de projetos.

Seguem alguns esclarecimentos que podem auxiliar no estudo do tema. É fundamental lembrarmos o Modernismo como ruptura filosófica e prática com o passado, ocorrida ao longo do século XX, de acordo com o autor Francis Ching (2014), que teve início no fim do século XIX.

O Pós-Modernismo como vimos, “[...] foi uma resposta direta à alienação e à crescente desilusão com a arquitetura moderna, sentidas por arquitetos e pelo público no final dos anos 1960” (DENISON, 2014, p. 118). Já o Tardomodernismo é traduzido como uma continuação do Movimento Moderno, utilizando a funcionalidade e tecnologia industrial – estética da máquina –, diferentemente do conceito de Le Corbusier da máquina de morar. Essa será a nossa abordagem de estudo (FRAMPTON, 1997).

Você já pode imaginar como esses temas auxiliam na execução de um projeto, pois as referências históricas são a base para o projetar. Conheceremos os princípios da teoria e da história a partir do Tardomodernismo, e você pode ter certeza de que, com o tempo, entendendo os percursos da história da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo, o estudo será muito prazeroso de ser realizado.

Você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e

projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna. Como iniciar esses estudos no tema?

Na Seção 3.1, aparece a primeira situação de trabalho que seria você participar de uma reunião para apresentar uma proposta de projeto de pesquisa na área do Tardomodernismo, com ênfase na proposta do Novo Urbanismo. O que você poderá fazer para ter o seu projeto de pesquisa aceito, além das solicitações da universidade?

A Seção 3.2 traz você como professor e arquiteto que fará a abertura do semestre falando de alguns projetos – escolheu Arquitetura High-Tech e Arquitetura Slick-Tech. Você precisa mostrar quais são as referências históricas para os movimentos. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

Você foi convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura, na Seção 3.3, e deve realizar um artigo sobre Prototipagem na Arquitetura e Fabricação Digital na arquitetura. Você precisa mostrar a teoria e imagens para ilustrar o texto. Como fazer?

As seções da Unidade 3 apresentarão o estudo do Tardomodernismo, além do Novo Urbanismo, Arquitetura High-Tech e Slick-Tech e Arquitetura de Continuidade e Repetição. Assim, a unidade trata da importância de conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução ao longo dos tempos.

Venha junto nesta tarefa e conheceremos ainda mais o universo da história da Arquitetura e do Urbanismo!

Seção 3.1

Novo Urbanismo

Diálogo aberto

Caro aluno!

Lembre-se de que você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna. Você participará de uma reunião para apresentar uma proposta de projeto de pesquisa na área do Tardomodernismo com ênfase na proposta do Novo Urbanismo. O que você poderá fazer para ter o seu projeto de pesquisa aceito, além das solicitações da universidade?

Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos, sejam eles teóricos ou práticos.

Assim, faz parte dos conteúdos de estudo a introdução ao Tardomodernismo – conceituação, contexto e período; conceituação do Urbanismo Pós-Moderno; Novo Urbanismo; Urbanismo Ecológico. Com esses conteúdos você será capaz de realizar uma apresentação para os coordenadores de projeto entenderem o Movimento Moderno Tardio e, conseqüentemente, sua ideia para o projeto de pesquisa.

Agora é com você. Aproveite o estudo desta seção!

Não pode faltar

Introdução ao Tardomodernismo: conceituação, contexto e período

O Tardomodernismo, Neomodernismo ou Moderno Tardio, de acordo com o teórico americano Charles Jenks, é considerado um prolongamento do pensamento moderno, a partir da década de 1960, que respeita a linguagem e as teorias dos seus antecessores, produzindo uma Arquitetura Modernista amaneirada, ou seja, não tão purista, como previa Le Corbusier, mantendo assim o compromisso com a estética unificada e exclusiva – a estética da máquina –, assim como a funcionalidade e a tecnologia industrial (COHEN, 2013).

É uma arquitetura produzida nos anos de 1970, paralela às tendências pós-modernas. Os tardomodernistas, diferentemente dos pós-modernistas, utilizaram formas abstratas como as modernas, mais rebuscadas, às vezes escultóricas e, ao mesmo tempo, simples.

Um exemplo dessa arquitetura é o Hotel Lyttos, em Creta, na Grécia, projetado por Suzana e Dimitris Antonakakis (1974-76), que foi pensado com ênfase, tanto na paisagem, como nos temas locais.

Figura 3.1 | Hotel Lyttos, Creta, Grécia, de Suzana e Dimitris Antonakakis (1974-76)



Fonte: <<http://www.amb-grece.fr/actuhelleniquesenfrance/images/antonakakis.gif>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

O Modernismo perde a identidade, e o Modernismo Tardio procura diferentes soluções com o uso de geometrias mais trabalhadas e diferentes materiais. Os arquitetos utilizavam recursos como a individualização dos espaços, o corte de volumes, o acúmulo de elementos individuais, para criar efeitos plásticos, e percursos interiores (Figura 3.1) (FRAMPTON, 1996).



No Brasil, o triunfo representado pela construção de Brasília por dois arquitetos do Rio de Janeiro, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, não eclipsou outros polos de atividade cultural. Em São Paulo, o novo brutalismo vai ecoar na obra de Paulo Mendes da Rocha, cuja própria residência (1964) é um notável manifesto, áspero, mas caloroso, no qual até as divisórias móveis são feitas em concreto. (COHEN, 2013, p. 434)

Essa observação pode ser feita pelas imagens a seguir (Figuras 3.2 e 3.3). Ainda comenta o historiador da Arquitetura Cohen (2013) que, após uma pausa no período da Ditadura Militar, ele projeta, entre outros, o Museu Brasileiro da Escultura (MuBE), em 1988-94 (Figura 3.4).

Figuras 3.2 e 3.3 | Residência Paulo Mendes da Rocha, Butantã/ SP – fachada e interior em concreto aparente



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/7455_arq086-01-01.jpg>; <http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/7455_arq086-01-06.jpg>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Figura 3.4 | Museu Brasileiro da Escultura, MuBE, São Paulo



Fonte: <<https://goo.gl/sxxvyK>>. Acesso em: 3 jul. 2017.



Refleta

Em Salvador, o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, usa um método de pré-fabricação e constrói o Hospital de Taguatinga (1968), entre outros.

Figura 3.5 | Hospital de Taguatinga



Fonte: <https://c1.staticflickr.com/8/7745/18335275596_8c3b075fd3_b.jpg>. Acesso em: 30 jun. 2017.

Conceituação do Urbanismo Pós-Moderno

Antes de falarmos sobre o tema, devemos ter em mente que Arquitetura e Urbanismo estão interligados sempre. Entendemos por projeto as plantas, os cortes, as elevações, os detalhes construtivos e o volume, elementos do que se quer edificar. O mesmo raciocínio é usado para o projeto de urbanização de uma área, por meio de uma planta com as ruas, os lotes, o terreno e os desníveis, além da infraestrutura (água, energia elétrica, gás, telecomunicações, etc.). Os espaços construídos mediam relações sociais, nos espaços onde o urbano vai acontecer.

Retomando, o termo pós sugere uma ruptura radical, sendo o moderno percebido como do passado. Segundo Charles Jenkes, o fim da Arquitetura Moderna se deu com a destruição, em 1972, do conjunto habitacional popular projetado pelo arquiteto símbolo modernista Minoru Yamasaki, Pruitt-Igoe, em St. Louis, EUA (1956), onde a racionalidade da rua havia penetrado no interior das vidas privadas em seus blocos únicos, influenciado pelas ideias de Le Corbusier, como estudamos na Unidade 1 – Urbanismo Modernista (Figura 3.6) (COLIN, 2010).

Figura 3.6 | Conjunto habitacional Pruitt-Igoe, EUA



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/09/Pruitt-Igoe_1968March03.jpg/600px-Pruitt-Igoe_1968March03.jpg>. Acesso em: 15 jul. 2017.

Nos anos 1980, o pós-moderno ganha o cenário da Arquitetura por meio de divulgações em revistas e exposições, com seus ornamentos historicistas, sem rejeitar o discurso moderno (COHEN, 2013). As ideias

de Robert Venturi pretendiam combater a monotonia dessa Arquitetura Moderna, buscando revalorizar a complexidade dos vários contextos sociais.

O debate atual sobre a sustentabilidade, que envolve também a Arquitetura, pode ser relacionado com dois pensamentos. O primeiro, como reflexo do pensamento iluminista, reproduz o domínio do homem sobre as coisas, sustentando que a natureza deveria ser obrigada a servi-lo. Assim, a modernidade é a época do petróleo, e a arquitetura dos grandes centros urbanos, os arranha-céus de aço e vidro, grandes incorporadores e consumidores de energia são vilões do pensamento sustentável (COLIN, 2010).



Exemplificando

Um exemplo é o arranha-céu com pele de vidro e aço, Lever House (Figura 3.7), em Nova Iorque (1951-52), do arquiteto Gordon Bunshaft, do escritório Skidmore, Owins e Merrill (SOM).

Figura 3.7 | Lever House, Nova Iorque, 1951-52



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Lever_House_390_Park_Avenue.jpg>. Acesso em: 3 jul. 2017.

Críticos, nos anos 1970, apontaram o esgotamento da Arquitetura Moderna e um novo rumo, também para o Urbanismo. O segundo pensamento considera a relação do homem com a natureza, utilizando fontes de energia renováveis, reciclagem, reaproveitamento de água, novos sistemas de aquecimento e refrigeração, etc. (COLIN, 2010).

As fachadas com duplas peles de vidro resolveram a carga térmica incidente, mas, por outro lado, criaram um gasto de recursos contrários ao princípio da sustentabilidade. Essas soluções encaram os problemas de maneira quantitativa e não abrem mão da imagística modernista, a poética do vidro, sem ornamento (Figura 3.7) (COLIN, 2010).

Novo Urbanismo



[...] o objetivo do urbanismo é analisar criticamente a qualidade do espaço da vida urbana, oferecer uma visão desejável e possível, propor e instrumentar uma estratégia de mudança. Esta estratégia deveria ser acompanhada pelos instrumentos necessários para induzir e conduzir a alteração da realidade proposta. (WILHEIM, 2008, p. 191)

O Novo Urbanismo é um movimento que nasceu nos Estados Unidos, em 1980, relacionado ao Urban Village europeu, ou seja, Vilas Urbanas caracterizadas pelas médias densidades de casas, com zonas mistas e ênfase para o espaço público e o pedestre. A escala é mais humana, no que se refere ao desenvolvimento urbano, com distâncias passíveis de serem percorridas a pé.

As atividades do movimento tiveram início, de fato, a partir dos anos 1990, e tiveram origem nas críticas dos anos 1960 e 1970, de pensadores como Lewis Mumford, Jane Jacobs e Herbert Gans, nos Estados Unidos, e nas propostas de uma nova escala para a vida nos grandes centros (COLIN, 2010).

As cidades crescem de maneira desordenada, com a ocupação de áreas periféricas. Essas áreas não possuem infraestrutura adequada, como transporte público acessível, espaços verdes e de integração entre os moradores; elas apresentam um intenso fluxo de veículos, dispersão de estabelecimentos comerciais, etc. Uma solução que tem se mostrado eficiente é a adequação dessas cidades-bairros ou a construção destas, baseados nos princípios do Novo Urbanismo para amenizar os problemas acumulados ao longo dos anos.

O Novo Urbanismo tem como objetivo melhorar a qualidade de vida no mundo atual. Organizou-se no Congresso para o Novo Urbanismo, fundado em 1993, com a Carta do Novo Urbanismo.

A reestruturação das políticas públicas e as propostas a seguir fazem parte do Novo Urbanismo:

- Os bairros devem ser diversificados (uso e população).
- Os bairros devem ser projetados tanto para o pedestre, como para o carro.
- Todas as cidades devem ter espaços públicos definidos e acessíveis, além de instituições com serviços para a comunidade
- Os sítios urbanos devem ser moldados pelo edifício e pela paisagem, marcando a história local, o clima, etc.

Os novos urbanistas apoiam o planejamento regional para áreas livres e o desenvolvimento equilibrado entre o trabalho e a residência. A meta era reduzir o tráfego, aumentar as moradias e a oferta de trabalho, além de preservação histórica, ruas seguras, edifícios verdes, reciclagem e revitalização de edifícios.

Seaside (Figura 3.8), na Flórida, é um distrito entendido como um segmento urbano marcado por um elemento característico principal, o próprio projeto, diferenciado por sua forma de conceber o espaço urbano e as edificações. Nos EUA esta é uma forma de se contornar a rigidez do zoneamento tradicional e, em Seaside, foi parte do processo do projeto dos arquitetos Andrés Duany e Elizabeth Plater-Zyberk, em 1981 (COLIN, 2010).

Figura 3.8 (a) | Seaside, Flórida – vista aérea; Figura 3.8 (b) | Seaside, Flórida – urbanização da cidade



Fontes: (a) <<https://goo.gl/XVvc6H>>; (b) <http://1www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/bd42_056-02.jpg>. Acesso em: 1 set. 2017.

As cidades eram voltadas ao pedestre em meados do século XX. Com o desenvolvimento do transporte de massas, a cidade cresceu, permitindo o surgimento de novas comunidades como extensão dos antigos subúrbios de bonde e de trem. Com os automóveis baratos e as políticas públicas favoráveis, começou-se a focar as necessidades do carro.

Figura 3.9 | Bairro Sankt Eriksområdet, Estocolmo, 1990



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/be/Sankt_Eriksomr%C3%A5det_2014%2C_1.JPG>. Acesso em: 1 set. 2017.

O filósofo social e historiador Lewis Mumford, nos anos 1950, criticava o desenvolvimento antiurbano da América do pós-guerra, assim como fez a escritora e ativista política Jane Jacobs no início dos anos 1960. Portanto, conectividade, diversidade, pedestres, mistura de usos e tipos, qualidade de vida, arquitetura e desenho urbano tornam-se elementos do Novo Urbanismo (Figura 3.9).



Assimile

As metodologias do Novo Urbanismo incentivam a integração do usuário em relação ao local, voltando-se para os quesitos de sustentabilidade, qualidade de vida, facilidade para os pedestres, conectividade, uso misto de estabelecimentos, diversidade de moradias, boa estruturação das quadras, aumento da densidade populacional, mobilidade sustentável (transporte público, bicicletas) e ações sustentáveis (como a reutilização da água).

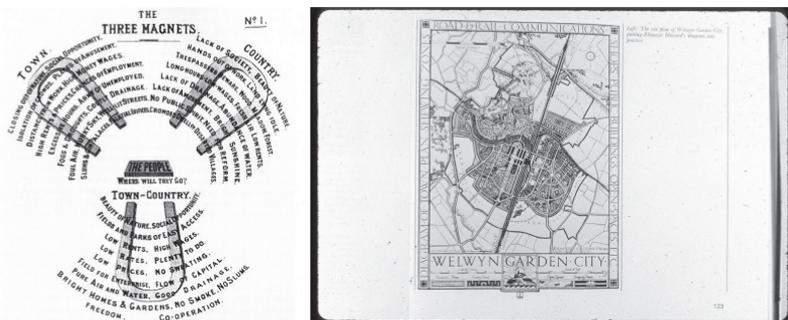
Urbanismo Ecológico

O ano era 2009 e a Escola de Pós-Graduação em Design da Universidade de Harvard, em Cambridge, organizou uma conferência para discutir o significado e os rumos do Urbanismo Ecológico. Assim, é o urbanismo que respeita a natureza. Segundo Mohsen Mostafavi (2014), diretor da escola de Design de Harvard, para ser ecológico o urbanismo deve respeitar o passado, planejar e projetar espaços urbanos que respondam às necessidades de sustentabilidade da sociedade atual; ser produtivo e funcional; valorizar o simples e reciclar o existente.

A origem está nas Cidades-Jardins do Amanhã (The Garden Cities of Tomorrow), do urbanista Ebenezer Howard, de 1920. Suas

preocupações de integração entre cidade e campo consistiam em uma estratégia de planejamento para evitar o fluxo migratório do campo em direção às grandes cidades – os três ímãs. Neste conceito, a cidade e o campo possuem fluxos interligados, formando um sistema colaborativo e simbiótico entre eles – conceito utilizado em estratégias de planejamento urbano atuais.

Figura 3.10 | (a) Os três ímãs; (b) A Cidade-Jardim de Howard



Fontes: (a) <http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/2b92421e4d7a_bizzio01.jpg>; (b) <<https://historq.files.wordpress.com/2014/06/40-welwyn.jpg>>. Acesso em: 3 jul. 2017.



Pesquise mais

A urbe (cidade; aglomeração urbana) é composta por: lixo, mudanças climáticas, desigualdade social, ambientes urbanos produtivos, recursos naturais, administração, infraestrutura energética. O conhecimento e a linguagem podem ser o ponto de partida para a evolução de uma nova estratégia urbana, como projeto e planejamento como fundamentais para chegar a resultados sustentáveis. Pesquise mais sobre o tema na referência a seguir:

MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth. **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.

Sem medo de errar

Você, como professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, propõe o início dos estudos em Arquitetura e Urbanismo Pós-Moderno, com ênfase no Tardomodernismo.

O seu projeto foi escolhido para ser apresentado em uma reunião com coordenadores de pesquisa. O projeto será realizado na área do

Tardomodernismo, com ênfase na proposta do Novo Urbanismo. O que você poderá fazer para ter o seu projeto de pesquisa aceito, além das solicitações da universidade?

Crie um arquivo com slides com a conceituação do movimento, como aprendemos na seção: o Novo Urbanismo foi um movimento que nasceu nos Estados Unidos em 1980, que está relacionado ao Urban Village europeu, ou seja, Vilas Urbanas caracterizadas pelas médias densidades de casas, com zonas mistas e ênfase ao espaço público e ao pedestre. A escala é mais humana, no que se refere ao desenvolvimento urbano, com distâncias passíveis de serem percorridas a pé. Foi um movimento antidoto à dispersão urbana do pós-guerra, embora com atividades formais apenas a partir dos anos 1990.

Características práticas, além de exemplos nos quais encontramos essa nova proposta de urbanismo e *reestruturação das políticas públicas – os bairros devem ser diversificados em uso e população; devem ser projetados tanto para o pedestre, como para o carro; cidades grandes e pequenas devem ser formadas por espaços públicos fisicamente definidos e acessíveis e por instituições de comunidade; os sítios urbanos devem ser moldados pela arquitetura do edifício e da paisagem, marcando a história local, o clima, a ecologia, etc.*

Assim, com esses conteúdos você será capaz de realizar sua apresentação, fazendo o percurso pelo desenvolvimento urbano a partir do Modernismo, estudado na Unidade 1, e aprofundando seus conhecimentos nesta seção, com o Tardomodernismo.

Avançando na prática

Projetando um loteamento

Descrição da situação-problema

Você é um arquiteto com especialização em Urbanismo e foi contratado por uma construtora para realizar o projeto urbano de um loteamento de residências unifamiliares no litoral, mas que tem a localização afastada da areia e que conta com ruas, serviços, recreação, lazer e vegetação incluídos. Para essa tarefa você utilizou o Novo Urbanismo como inspiração para o projeto, conteúdo que você já estudou nesta seção. Como executar a ideia?

Este exercício mostra como o conhecimento das teorias

principais da Arquitetura e suas possibilidades podem ajudar a definir várias estratégias para a execução dos projetos por meio de pesquisas. Utilize a história para as referências. Quanto mais você dominar as teorias que estudou, mais opções você terá para a execução do projeto.

Resolução da situação-problema

Figura 3.11 | O empreendimento brasileiro Pedra Branca (SC), 1997



Fonte: <http://cidadepedrabranca.com.br/wp-content/uploads/2014/05/IMG_89021.jpg>. Acesso em: 5 jul. 2017.

Seguindo o movimento Novo Urbanismo, surgido nos anos 1980 nos EUA, teremos que levar em consideração as seguintes características, pensando em soluções para a redução da emissão de CO₂:

- Bairros devem ser diversificados (uso e população).
- Projetos para valorização do pedestre e do carro.
- Espaços públicos definidos e acessíveis.
- Os sítios urbanos devem ser moldados pela arquitetura do edifício e da paisagem.

Esses empreendimentos, como a Cidade Universitária Pedra Branca, em Santa Catarina, não são apenas uma mescla de serviços e vias de locomoção; busca-se uma maior interação de classes sociais e estilos, tanto arquitetônicos como de comportamento. *Este será o ponto de partida para o projeto urbano do loteamento, trabalhando em parceria com o arquiteto que projetará as residências de uso misto.*

Faça valer a pena

1. O _____, retomando o teórico americano Charles Jenks, é considerado um prolongamento do pensamento _____, a partir da década de _____, que respeita a linguagem e as teorias dos seus antecessores, produzindo uma Arquitetura Modernista amaneirada, ou seja, não tão _____ como previa Le Corbusier, mantendo assim o compromisso com a estética unificada e exclusiva – a _____ –, assim como a funcionalidade e a tecnologia industrial. (COHEN, 2013)

Em sequência, responda as palavras que completam corretamente as lacunas:

- a) Tardomodernismo – moderno – 1960 – purista – estética da máquina.
- b) Tardomodernismo – pós-moderno – 1970 – ornamentada – estética da máquina.
- c) Pós-Modernismo – moderno – 1970 – purista – estética da máquina.
- d) Modernismo – pós-moderno – 1960 – purista – estética da máquina.
- e) Pós-Modernismo – tardomoderno – 1960 – ornamentada – estética da máquina.

2.



[...] o objetivo do urbanismo é analisar criticamente a qualidade do espaço da vida urbana, oferecer uma visão desejável e possível, propor e instrumentar uma estratégia de mudança. Esta estratégia deveria ser acompanhada pelos instrumentos necessários para induzir e conduzir a alteração da realidade proposta. (WILHEIM, 2008, p. 191)

O Novo Urbanismo é um movimento que nasceu nos Estados Unidos em 1980 e que está relacionado ao Urban Village europeu, ou seja, Vilas Urbanas caracterizadas pelas médias densidades de casas, com zonas mistas e ênfase para o espaço público e o pedestre.

Porque

Promove o desenvolvimento urbano em uma escala mais humana, especificamente com distâncias passíveis de serem percorridas a pé, como antídoto à dispersão urbana do pós-guerra.

A respeito dessas duas afirmativas sobre o Novo Urbanismo, é correto afirmar que:

- a) A primeira é uma alternativa verdadeira; e a segunda é falsa.
- b) As duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira é uma alternativa falsa; a segunda, verdadeira.
- d) As duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- e) As duas são falsas e não estabelecem relação entre si.

3. Segundo Mohsen Mostafavi (2014), diretor da escola de Design de Harvard, para ser ecológico o Urbanismo deve respeitar o passado, planejar e projetar espaços urbanos que respondam às necessidades de sustentabilidade da sociedade atual.

Analise as afirmações:

I – O Urbanismo Ecológico é aquele que respeita a natureza.

II - A origem está nas Cidades-Jardins do Amanhã (The Garden Cities of Tomorrow), do urbanista Ebenezer Howard, de 1920.

III – Proposta de integração entre cidade e campo.

IV – O conhecimento e a linguagem podem ser o ponto de partida para a evolução de uma nova estratégia urbana.

V – Não deve ser produtivo e funcional; valorizar o simples e reciclar o existente.

Segundo o Urbanismo Ecológico, quais das afirmações apresentadas estão corretas?

- a) Apenas I, II.
- b) Apenas I, IV.
- c) Apenas I, II, IV.
- d) Apenas I, II, III.
- e) Apenas I, II, III, V.

Seção 3.2

Arquitetura High-Tech e Slick-Tech

Diálogo aberto

Caro aluno!

Lembre-se de que você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna. A Seção 3.2 traz você como professor e arquiteto que fará a abertura do semestre falando de alguns projetos – escolheu Arquitetura High-Tech e Arquitetura Slick-Tech. Você precisa mostrar quais são as referências históricas para os movimentos. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos, sejam eles teóricos ou práticos. Assim, fazem parte dos conteúdos de estudo: Arquitetura High-Tech; Arquitetura Slick-Tech; Arquitetura Sustentável; Arquitetura Ecológica. E com esses conteúdos, sua conceituação e exemplificação, você será capaz de realizar uma aula inaugural completa, para que todos entendam o Movimento Moderno Tardio.

O conhecimento por meio da História vai levar você a um universo novo. Aproveite o estudo desta seção!

Não pode faltar

Arquitetura High-Tech

Uma linha que ficou imune ao contágio do pós-modernismo foi a dos arquitetos que se dedicavam a explorar novas tecnologias. Mesmo quando sua orientação estava fora de sintonia com a cultura dominante, eles persistiram durante essa zona de turbulência, inspirados [...] pela fase heroica da pesquisa espacial. (COHEN, 2013, p. 437)

Esses profissionais propunham a alta tecnologia por meio de objetos autônomos, que geravam tensões urbanas.



Depois da II Guerra Mundial, as incertezas racionais do movimento moderno explodiram numa miríade de abordagens do projeto arquitetônico. As novas tecnologias, os novos materiais e talvez as ideias políticas e sociais igualmente novas encorajaram essas mudanças. (GLANCEY, 2012, p. 470)

O próprio Le Corbusier, nos anos 1950, transformou a Arquitetura Moderna em Tardomodernismo, como já estudamos na seção anterior.

No início dos anos 1970, surge a Arquitetura High-Tech, que utiliza os métodos e as tecnologias de construções, incluindo a pré-fabricação e a padronização, criando uma estética estrutural e funcional (DENISON, 2014). Do inglês abreviado High Technology, a alta tecnologia era apresentada por meio da honestidade dos materiais em suas fachadas, sendo o aço e o concreto armado os mais utilizados por sua alta resistência, com estruturas mais leves e interiores com planta livre, sustentados por um esqueleto externo de ferro e aço. O editor Denison comenta ainda que essa estética não reflete o que acontece internamente, mostrando os edifícios com pouca relação com seu entorno (Figura 3.12). A Arquitetura High-Tech tem sua origem no Palácio de Cristal, construído em ferro em Londres (1851), de Joseph Paxton (DELIUS, 2000).

O maior exemplo dessa arquitetura é um centro de arte e cultura, numa região central de Paris, antes dominada por cortiços – Centre Georges Pompidou (Figuras 3.12 e 3.13) –, projeto dos arquitetos Richard Rogers (britânico) e Renzo Piano (italiano), em 1971-77 (nome em homenagem ao presidente que o idealizou). Abriga o Museu de Arte Moderna, a biblioteca, o centro de desenho industrial, além de um laboratório de música e pesquisa acústica (GLANCEY, 2012).

Figuras 3.12 | (a) Centro Georges Pompidou – Entorno; (b) Centro Georges Pompidou - Fachada



Fonte: (a) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fb/Centre_Pompidou%2C_seen_from_Tour_Montparnasse.jpg>; (b) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e1/Le_Centre_Pompidou_-_panoramio.jpg/1280px-Le_Centre_Pompidou_-_panoramio.jpg>. Acesso em: 12 jul. 2017.

É interessante nos aprofundarmos mais no projeto que apresenta algumas particularidades (Figura 3.13). De acordo com Benevolo (2007), os arquitetos projetam o edifício com duas fachadas distintas. A fachada externa é ocupada pelas grossas tubulações das instalações, que penetram horizontalmente no volume. A fachada interna é livre e transparente e é a interface de todas as ligações dos espaços abertos e fechados. O que chama a atenção no projeto são as cores vivas da canalização aparente, na fachada voltada para a rua: azul para o ar condicionado; amarelo para os circuitos elétricos; verde para a tubulação de água; e o vermelho para a circulação de pessoas pela escada rolante, que leva o visitante do térreo ao topo, e os elevadores (CENTRO GEORGES POMPIDOU, 2017).

Figura 3.13 | Tubulações coloridas aparentes



Fonte: <https://cdn.pixabay.com/photo/2014/10/21/17/54/pompidou-496846_960_720.jpg>. Acesso em: 12 jul. 2017.

No início foi um choque para quem se aproximava pela primeira vez do edifício que se esconde atrás das tubulações, vidros, passagens e escadas. O projeto funcionaria como uma estação de abastecimento cultural. De acordo com Cohen (2013), o Centre Pompidou (Figura 3.14) possui características marcantes, como os espaços abertos com grandes vãos; exibição de equipamentos mecânicos – não estruturais; e exibição da estrutura metálica.

Figura 3.14 | Pompidou, Paris



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e1/Le_Centre_Pompidou_-_panoramio.jpg/1280px-Le_Centre_Pompidou_-_panoramio.jpg>. Acesso em: 12 jul. 2017.



Pesquise mais

Entre no site do Centro Georges Pompidou e conheça todos os espaços que compõem esse símbolo da Arquitetura High-Tech. Disponível em: <<https://www.centrepompidou.fr>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Outro arquiteto que aplicou a estética high-tech foi o inglês Norman Foster, que se interessou pelas novas tecnologias. O Hong-Kong e Shanghai Bank (Figura 3.15), projeto de 1979-86, tem como característica a ausência de estrutura de suporte interno. A luz solar natural é a principal fonte de iluminação no interior do prédio, entre outras estratégias adotadas pelo arquiteto.

Figura 3.15 | Hong-Kong e Shanghai Bank, Norman Foster



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/38/HK_HSBC_Main_Building_2008.jpg/576px-HK_HSBC_Main_Building_2008.jpg>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Arquitetura Slick-Tech

O Tardomodernismo, como já estudado, é uma continuidade do pensamento moderno, adaptando-o a novas perspectivas, mas mantendo sua relação com tecnologia, funcionalidade e universalismo. São seus expoentes os tecnicistas e os brutalistas, diferentemente das proporções trabalhadas pelos arquitetos do Modernismo. Entre tais profissionais estão: Renzo Piano, Richard Rogers e Norman Foster, trabalhando sobre o rótulo High-Tech; e, no Slick-Tech, Cesar Pelli (Figura 3.16) (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

Figura 3.16 | Cesar Pelli, Centro de Design Pacific, Los Angeles, EUA, 1975 – pele de vidro e aço



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d2/PacificDesignCenter01.jpg/1280px-PacificDesignCenter01.jpg>>. Acesso em: 1 set. 2017.

O termo Slick-Tech, do inglês slick, liso/polido, arquitetura polida, designa a versão do tecnicismo em que a tecnologia não estaria disponibilizada para autoexibição, mas para a linguagem que leva ao extremo, à tendência modernista da caixa de vidro, na qual são concebidos os edifícios com formas geométricas puras. Sua principal característica foi a aplicação do sistema da cortina de vidro, que correspondia ao modo de executar a fachada inteiramente em painéis leves, o que conferia rapidez e economia, com a total eliminação dos marcos metálicos, ocorrida em meados dos anos 1960.

Os primeiros edifícios verticais com pele de vidro foram concebidos por Mies van der Rohe. O Seagram Building (1955), situado na Fifth Avenue, Nova York, se constituiu no marco principal da tendência, sendo considerado o primeiro edifício totalmente revestido de vidro temperado (Figura 3.17).

Figura 3.17 | Seagram Building, 1955



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/f1/NewYorkSeagram_04.30.2008.JPG/499px-NewYorkSeagram_04.30.2008.JPG>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Aço e vidro são os principais materiais usados, além do concreto armado e pedras (mármore, granito). Os arquitetos tardomodernistas dão continuidade ao Estilo Internacional, que é atualizado em termos de métodos, materiais e técnicas, mas respeita os seus pressupostos.

As principais características da Arquitetura Slick-Tech são: ênfase dos problemas técnicos, físicos e construtivos, resultando no purismo geométrico e no uso de sistemas mecanizados (pré-fabricação, circulação vertical, climatização artificial, etc.; flexibilização extrema da planta, concepção purista e sentido sutil de proporções, intensificados pelo uso de materiais não texturizados, estrutura metálica, cores platinadas, transparência e leveza.



Exemplificando

Outro exemplo de Arquitetura Slick-Tech é o Prédio da ONU, de Oscar Niemeyer, 1947-53, em Nova York (Figura 3.18). Perceba as semelhanças com o exemplo anterior.

Figura 3.18 | Prédio da ONU, de Oscar Niemeyer, 1947-53, Nova York



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/UNO_New_York.JPG>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Arquitetura Sustentável

A Arquitetura Sustentável surgiu no final dos anos 1960, junto com a crítica de que a tecnologia solucionaria qualquer problema (DENISON, 2014).

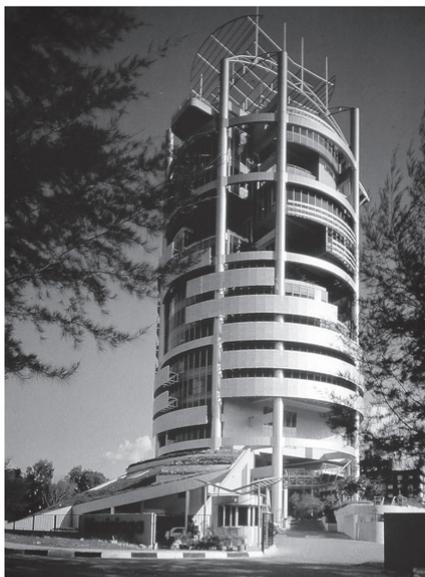


Em 1980 e 1990, a Arquitetura Sustentável visou a produção de edificações e espaços urbanos adaptados às condições bioclimáticas de um lugar, reduzindo o desperdício energético, os riscos ecológicos e os impactos socioambientais.

Encontramos algumas vertentes da Arquitetura Sustentável:

- Arquitetura Bioclimática: redução ou eliminação do uso de energia elétrica que significa usar a eólica e a solar, como no projeto Menara Mesiniaga (Figura 3.19).

Figura 3.19 | Arquitetura Bioclimática Menara Mesiniaga (leva em conta movimentos do sol), Malásia, 1992



Fonte: <<https://goo.gl/FBgU7P>>. Acesso em: 1 set. 2017.

Um arquiteto brasileiro que trabalhou seguindo essa linha foi João Filgueiras Lima, o Lelé (1932-2014), que demonstrou na prática dos seus projetos o que vem ser essa arquitetura, funcional, regional, nacional e internacionalmente reconhecida (Figura 3.20).

Figura 3.20 | Rede de Hospitais Sarah Kubitschek: Brasília, Rio de Janeiro e Salvador



Fonte: <https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/72/17/arq_37217.jpg>. Acesso em: 16 jul. 2017.

- **Arquitetura Alternativa:** reaproveitamento de resíduos ou materiais naturais, substituíveis ou recicláveis. Nessa vertente o arquiteto japonês Shigeru Ban (1957) é o expoente.

- **Eco-Tech:** faz uso da alta tecnologia; arquitetura inteligente que prevê o uso de formas de gerar energia elétrica sem a emissão de carbono. O arquiteto Norman Foster trabalha nessa vertente (DENISON, 2014).

“Na arquitetura sustentável, as decisões tomadas hoje não devem ter um impacto negativo sobre a saúde, as oportunidades ou prosperidade de gerações futuras” (DENISON, 2014, p. 150). Esse é o princípio de sustentabilidade que inclui também a área econômica e social, sendo os edifícios também responsáveis pelo uso de uma parcela de recursos finitos do planeta (DENISON, 2014).

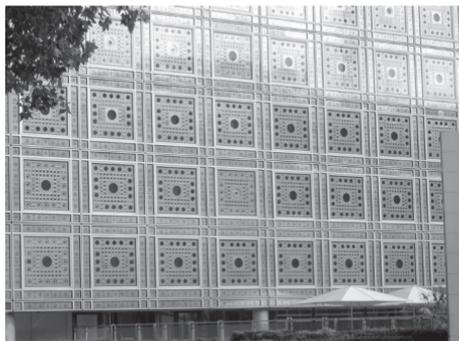
Arquitetura Ecológica

Passou-se a designar Arquitetura Ecológica ou Ecoarquitetura, desde os anos 1970, a corrente pós-moderna que defendia o uso de materiais que não agredissem o meio ambiente, de modo a minimizar seu efeito sobre os recursos naturais, a partir de então reconhecidamente limitados.

Podemos incluir nessa tipologia arquitetônica também a Arquitetura Neovernacular, que é o resgate de práticas arcaicas menosprezadas pelo Modernismo, valorizando o papel dos povos indígenas e remanescentes de culturas antigas, considerando que estes teriam muito a ensinar sobre o que seria uma sociedade verdadeiramente ecológica (DENISON, 2014).

As características são a adoção dos princípios da sustentabilidade; a aplicação de sistemas computadorizados; o uso de materiais high-tech como o alumínio, reticulados metálicos, tubos fluorescentes, com preocupações ambientais, como no edifício do Instituto do Mundo Árabe, em Paris (1981-87), projeto de Jean Nouvel, que na fachada sul utiliza um sistema de diafragma de metal abertos e fechados por células fotoelétricas que regulam a iluminação no interior (Figura 3.21).

Figura 3.21 | Detalhe da fachada do Instituto do Mundo Árabe, em Paris (1981-87), de Jean Nouvel



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/it/e/ec/Istituto_del_Mondo_arabo_facciata.JPG>. Acesso em: 15 jul. 2017.



Refleta

Os pós-modernistas esforçaram-se para chegar aos diversos usuários de seus edifícios – o que os fez utilizarem um amplo espectro de meios comunicativos. Os **tardomodernistas** permanecem fiéis à linguagem restrita e hermética dos modernos, inspirada na sociedade industrial, mecanizada e abstrata.

Sem medo de errar

Lembre-se de que você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna.

A Seção 3.2 traz você como professor e arquiteto que fará a abertura do semestre falando de alguns projetos – os escolhidos foram Arquitetura High-Tech e Arquitetura Slick-Tech. Você precisa mostrar quais são as referências históricas para os movimentos. Qual

elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

Para a aula de abertura você poderá montar um arquivo em PowerPoint, fazendo um paralelo entre as duas arquiteturas:

ARQUITETURA HIGH-TECH	ARQUITETURA SLICK-TECH
Arquitetura de alta tecnologia	Arquitetura polida/lisa
Maior expressão do Tardomodernismo	Evolução do Estilo Internacional
Funcionalidade, planta livre	Flexibilização da planta
Pouca relação com o entorno	Reflete o entorno (vidro espelhado)
Tecnologia metal e vidro	Pele de vidro – metal e vidro
Exposição do conteúdo; da tecnologia	Tecnologia não exibida; caixa de vidro
De dentro para fora – ossatura	Purismo geométrico
Arquitetos: Renzo Piano, Richard Rogers	Arquitetos: Mies van der Rohe, Cesar Pelli
Figura 3.22 (a) Renzo Piano, Richard Rogers, Centro Georges Pompidou, Paris, 1971	Figura 3.22 (b) Cesar Pelli, Centro de Design Pacific, Los Angeles, 1975
	

Fontes: (a) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/9/95/Pompidou_center.jpg>; (b) <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d2/PacificDesignCenter01.jpg/1280px-PacificDesignCenter01.jpg>>. Acesso em: 1 set. 2017.

E com esses conteúdos, sua conceituação e exemplificação, você será capaz de realizar uma aula inaugural completa, para que todos entendam o Movimento Moderno Tardio.

Avançando na prática

Projetando um Museu High-Tech

Descrição da situação-problema

Você é arquiteto e foi contratado para realizar um projeto de um museu importante para a sua cidade. Seu escritório é reconhecido pelos grandes trabalhos inspirados na Arquitetura High-Tech. Como apresentar a proposta para o seu cliente?

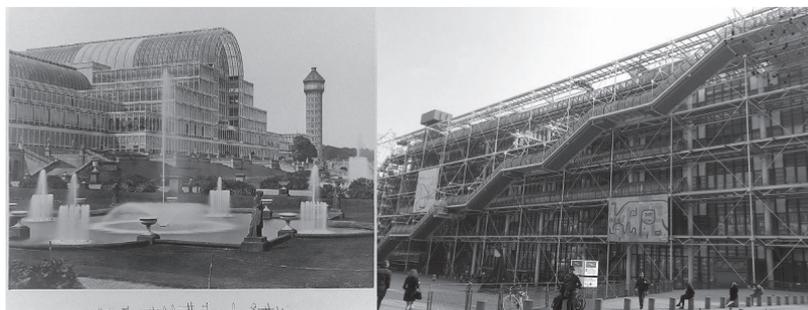
Resolução da situação-problema

Tendo como base a história, mostre o conceito, como surgiu e exemplos dessa arquitetura. Pode ser por meio de pranchas pequenas e ilustradas:

ARQUITETURA HIGH-TECH

- **Surgimento:** início dos anos 1970; utiliza os métodos e as tecnologias de construções, incluindo a pré-fabricação e padronização, criando uma estética estrutural e funcional.
- **Conceito:** do inglês abreviado High Technology, alta tecnologia. Apresentada por meio da honestidade dos materiais em suas fachadas, sendo o aço e o concreto armado os mais utilizados por sua alta resistência, com estruturas mais leves e interiores com planta livre, sustentados por um esqueleto externo de ferro e aço. Essa estética não reflete o que acontece internamente, mostrando os edifícios com pouca relação com seu entorno.
- **Origens:** a Arquitetura High-Tech tem sua origem no Palácio de Cristal, construído na cidade de Londres (1851), em ferro, de Joseph Paxton.
- O maior exemplo dessa arquitetura é um centro de arte e cultura, numa região central de Paris, antes dominado por cortiços – Centre Georges Pompidou –, projeto dos arquitetos Richard Rogers (britânico) e Renzo Piano (italiano), em 1971-77 (nome em homenagem ao presidente que o idealizou).

Figura 3.23 | (a) Palácio de Cristal; (b) Centro Georges Pompidou



Fontes: (a) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1a/Crystal_Palace_Centre_transept_%26_north_tower_from_south_wing.jpg>; (b) <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3f/Centre_Georges_Pompidou_%28Paris%29.jpg>. Acesso em: 16 jul. 2017.

Com isso, será possível conceituar o projeto proposto ao cliente, por meio dos painéis apresentados a ele, para que compreenda a proposta da Arquitetura Tardomodernista para o museu.

Faça valer a pena

1. Era início dos anos 1970 e surge essa arquitetura, que utiliza os métodos e as tecnologias de construções, incluindo a pré-fabricação e a padronização, criando uma estética estrutural e funcional, apresentada por meio da honestidade dos materiais em suas fachadas (DENISON, 2014).

Leia atentamente o texto apresentado e responda a qual arquitetura ele faz referência:

- a) Arquitetura Slick-Tech.
- b) Arquitetura Ecológica.
- c) Arquitetura High-Tech.
- d) Arquitetura Bioclimática.
- e) Arquitetura Moderna.

2. O termo _____, do inglês liso/polido, designa a versão do tecnicismo em que a tecnologia não estaria disponibilizada para _____, mas para a linguagem que leva a extremos a tendência modernista da _____, na qual se concebe os edifícios com formas _____. Sua principal característica foi a aplicação do sistema da _____, que correspondia ao modo de executar a fachada inteiramente em painéis leves, o que conferia rapidez e economia, com a total eliminação dos marcos metálicos, ocorrida em meados dos anos 1960 (Figura 3.17).

Figura 3.17 | Seagram Building, 1955



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/f1/NewYorkSeagram_04.30.2008.JPG/499px-NewYorkSeagram_04.30.2008.JPG>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Leia atentamente o texto e observe a imagem apresentada para completar as lacunas na sequência correta:

- a) Slick-Tech – autoexibição – planta livre – geométricas complexas – cortina de vidro.
- b) High-Tech – autoexibição – caixa de vidro – geométricas puras – cortina de vidro.
- c) High-Tech – autoexibição – planta livre – geométricas complexas – curva.
- d) Slick-Tech – autoexibição – caixa de vidro – geométricas puras – cortina de vidro.
- e) Slick-Tech – autoexibição – caixa de vidro – geométricas puras – curva.

3. Passou-se a designar Arquitetura Ecológica, ou Ecoarquitetura, desde os anos 1970, a corrente pós-moderna que defendia o uso de materiais que não agredissem o meio ambiente.

Porque

São obras que minimizam seus efeitos sobre os recursos naturais, a partir de então, reconhecidamente limitados. É um exemplo dessa arquitetura o edifício do Instituto do Mundo Árabe, em Paris (1981-87), projeto de Jean Nouvel.

A respeito dessas duas afirmativas sobre a Arquitetura Ecológica, é correto afirmar que:

- a) A primeira é uma alternativa verdadeira e a segunda é falsa.
- b) As duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira é uma alternativa falsa, a segunda, verdadeira.
- d) As duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- e) As duas são falsas e não estabelecem relação entre si.

Seção 3.3

Arquitetura de Continuidade e Repetição

Diálogo aberto

Olá, aluno!

Lembre-se de que você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna. Como iniciar esses estudos no tema?

Você foi convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura, na Seção 3.3, e deve realizar um artigo sobre Prototipagem na Arquitetura e Fabricação Digital na Arquitetura. Você precisa mostrar a teoria e imagens para ilustrar o texto. Como fazer?

Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos.

Na Unidade 3, avançaremos no estudo, conhecendo o Tardomodernismo e o Novo Urbanismo, Arquitetura High-Tech e Slick-Tech, Arquitetura de Continuidade e Repetição, nosso tema desta seção, como já mencionado.

Assim, com esses conteúdos você será capaz de escrever o artigo para a publicação especializada para a qual foi convidado.

Agora é com você. Pense em sua formação profissional e aproveite o estudo!

Não pode faltar

Arquitetura de Continuidade

A Continuidade é uma das Leis da Gestalt, que aborda a leitura visual da forma do objeto, fazendo uso de fundamentos científicos da Psicologia da Percepção da Escola Gestalt. Representa a fluidez de uma composição, a concordância, sem interrupções que surgem por meio de formas, texturas, cores, entre outras (FILHO, 2008).



Pesquise mais

A Gestalt é uma escola de psicologia experimental (século XIX) que atua no campo da teoria da forma, percepção, etc. Utiliza as Leis da Gestalt:

Unidade, segregação, unificação, fechamento, continuidade, proximidade, semelhança e pragnância da forma.

Ainda podemos ver a conceituação da forma por meio de: harmonia, equilíbrio, peso e direção, equilíbrio simétrico ou assimétrico, contraste, cor, etc.

Essa teoria sugere respostas ao porquê de umas formas agradarem mais que outras, por exemplo. Mais informações no livro:

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2008.

Uma das principais estratégias de projeto que auxiliavam os modernistas na concepção de sua arquitetura espacial era a hierarquia de formas e volumes – a composição volumétrica. Hierarquia e composição superadas são características tipicamente pós-modernas, como é pós-moderna a alteração da máxima modernista de Mies van der Rohe “menos é mais” por “mais é mais”.



Reflita

Estádios de futebol repetem as formas e linhas de maneira sequencial em todo o seu contorno (Figura 3.24).

Figura 3.24 | Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (antes da reforma)



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cf/Maracana-predefinicao.jpg>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

A continuidade explora qualquer invenção que permita expansão e desenvolva a infraestrutura da continuidade, como escada rolante (Figura 3.25b), ar-condicionado, extintor de incêndio, saída de incêndio, cortina de fumaça. É sempre interior, tão abrangente que mal se podem perceber limites (KOOLHAAS, 2002).

Figura 3.25 | (a) Rem Koolhaas, Biblioteca Central de Seattle, EUA, 2004; (b) Rem Koolhaas, Biblioteca Central de Seattle, EUA, 2004 – interior/escada rolante



Fontes: (a) <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7f/2009-0604-19-SeattleCentralLibrary.jpg>>; (b) <http://images.adsttc.com/media/images/53cd/11b7/c07a/80c6/4a00/02b3/slideshow/1028097379_seattle-central-library-fdoherrera-142.jpg?1405948329>. Acesso em: 17 jul. 2017.



Pesquise mais

Remment Lucas Koolhaas, mais conhecido como Rem Koolhaas (1944), é um holandês, arquiteto e teórico da arquitetura. Fundou o OMA – Office of Metropolitan Architecture –, e têm vários projetos pelo mundo. Ganhou o Prêmio Pritzker (o Oscar da arquitetura) em 2000.

Pesquise suas publicações no site do arquiteto. Disponível em: <<http://oma.eu/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Arquitetura de Repetição

No projeto do arquiteto Ludwig Mies van der Rohe (Figura 3.26) notamos a presença, aparentemente inevitável, da repetição na estrutura fachada.

Figura 3.26 | Lake Shore Drive, Chicago, EUA, Ludwig Mies van der Rohe, 1949-51



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/860-880_Lake_Shore_Drive.jpg>. Acesso em: 17 jul. 2017.

O uso de formas de repetição é tão disseminado, essencial e, ainda, universal à composição arquitetônica que poderíamos dizer, caso buscássemos definir a essência da arquitetura, que o conceito de repetição deveria necessariamente compor essa definição.

Portanto, a repetição é o modo pelo qual a arquitetura encontra e constrói a sua racionalidade e o seu sentido poético (Figura 3.27). Essa não é, no entanto, uma característica exclusiva da arquitetura. Talvez nem mesmo das artes, ou da arte em si.

Figura 3.27 | Edifício Administrativo COAS, Otxotorema Arquitetos – Bilbao, Espanha, 2013



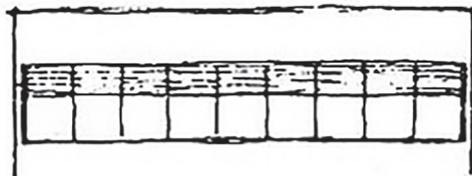
Fonte: <http://images.adsttc.com/media/images/538e/924e/c07a/8056/9e00/0213/slideshow/e10_RPB.jpg?1401852472>. Acesso em: 17 jul. 2017.



Assimile

A repetição de formas simples pode ser usada para criar movimento, atividade e direção. O uso repetido de formas regulares pode aparentar harmonia, unidade e ritmo.

Figura 3.28 | Fachada de 1930 – repetição (desenho do arquiteto Lúcio Costa)



Fonte: adaptada de <http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/e1ee59ded4bd_fig_11.jpg>. Acesso em: 1 ago. 2017.

Pode-se ainda repetir somente a cor, o formato, o tamanho, a textura, a direção ou a posição de elementos na composição de padrões, que se agruparão por similaridade. A repetição de objetos pode ser feita de forma linear ou em círculos (Figura 3.29), quadrados ou configurações geométricas compostas. Elas podem ainda variar em direção ou arranjo espacial. Podem ser refletidas, inversas, imagens espelhadas ou rotacionadas (GOMES FILHO, 2008).

Figura 3.29 | Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer, 1959-70



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Brazil.Brasilia.01.jpg>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Prototipagem na Arquitetura

O pluralismo descreve muito bem a situação da arquitetura mundial atual.

Há novas forças em cena, sendo o computador, talvez, a mais evidente. Os programas de desenho eletrônico e a internet facilitaram bastante a colaboração entre arquitetos, firmas de arquitetura e diferentes escritórios (FAZIO; MOFFETT; WODEHAOUSE, 2011, p. 584).

Os arquitetos têm desenvolvido novos 'vocabulários' não somente para a produção final dos produtos, mas também para modelos físicos (maquetes), graças a uma variedade de ferramentas e técnicas que têm surgido para completar as tradicionais, potencializando todo o processo de projeto. A prototipagem digital é uma delas. (PUPO; CELANI, 2009, p. 2-3)

Diversas técnicas para a produção de modelos físicos se utilizam da modelagem 3D, produzida com o avanço de softwares e programas interativos que agem na transformação do desenho visualizado no

computador para a maquete física. As técnicas de prototipagem rápida (sobreposição de camadas), corte a laser, fresas e corte com vinil são realizadas para a produção de maquetes em escalas reduzidas e protótipos em escala 1:1. A fabricação digital inclui também técnicas destinadas à produção de edifícios ou partes deles (*file-to-factory*, metal e *tube bending*), que são destinadas à produção de fôrmas ou peças finais de edifícios, com equipamentos de CNC (PUPO; CELANI, 2009).

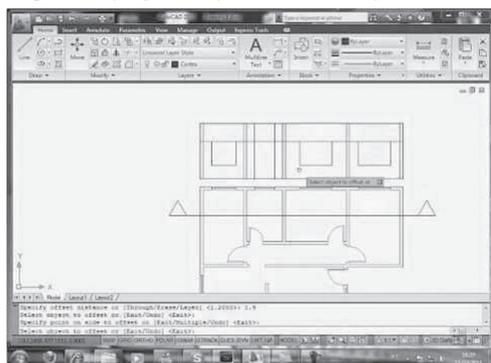
Figura 3.30 | Prototipagem rápida no processo de execução de maquetes



Fonte: adaptada de <<http://www.fec.unicamp.br/~lapac/images/galeria/bertho.jpg>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Assim, a colaboração entre os profissionais da área tornou-se efetiva, possibilitando o acesso simultâneo a desenhos, que podiam ser facilmente alterados. Os resultados em duas dimensões (2D), bem como em três dimensões (3D) (Figuras 3.31a e 3.31b), que se aproximam do realismo das fotografias, auxiliam no processo do projeto, tornando-o mais atraente aos olhos do cliente.

Figura 3.31 | (a) Imagem de projeto arquitetônico computadorizado em 2D; (b) Imagem de projeto arquitetônico computadorizado em 3D



Fontes: (a) <<https://i.ytimg.com/vi/rJ9hXXN9RBY/hqdefault.jpg>>; (b) <https://pixabay.com/p-714442/?no_redirect>. Acesso em: 1 set. 2017.

O uso de computadores para a criação de projetos teve origem nas indústrias aeroespacial e automotiva nos anos de 1960. O desenvolvimento de programas e aplicativos cresceu e, vinte anos mais tarde, quando o uso de computadores se tornou mais acessível, surgiram softwares que desenvolvem modelos 3D do período inicial em uso, como o AutoCAD de 1982, da Autodesk (DENISON, 2014).

Hoje não pensamos em arquitetura e engenharia sem o uso dessa ferramenta – o computador e as tecnologias que vêm sendo desenvolvidas, como o CAD (*computer- aided design*), que se refere ao uso de sistemas computadorizados no processo de criar, modelar, analisar, simular e otimizar um desenho técnico (DENISON, 2014).

Os programas em CAD permitem desenvolver desenhos em 2D (plantas, cortes e elevações) e maquetes digitais em 3D e, ainda, animações em 4D. Os arquivos eletrônicos são gerados para visualização, impressão ou fabricação por programas CAM (projeto de fabricação com o auxílio de computadores) e máquinas CNC (comandadas numericamente por computador), como cortadores (a laser, plasma, jato de água, ou oxy-fuel), impressoras 3D de protótipos rápidos ou, ainda, robôs industriais (DENISON, 2014).

Fabricação digital na arquitetura

A relação entre arquitetura e tecnologia é conhecida como arquitetura digital e não se refere a um estilo arquitetônico (JONES, 2014). Como já explicamos anteriormente, a partir do uso efetivo do CAD nos anos 1980, a realidade para os profissionais de arquitetura mudou, pois os desenhos antes feitos com instrumentos (escalímetro, régua paralela, esquadros e lapiseira) abrem espaço para programas computadorizados (Figuras 3.32).

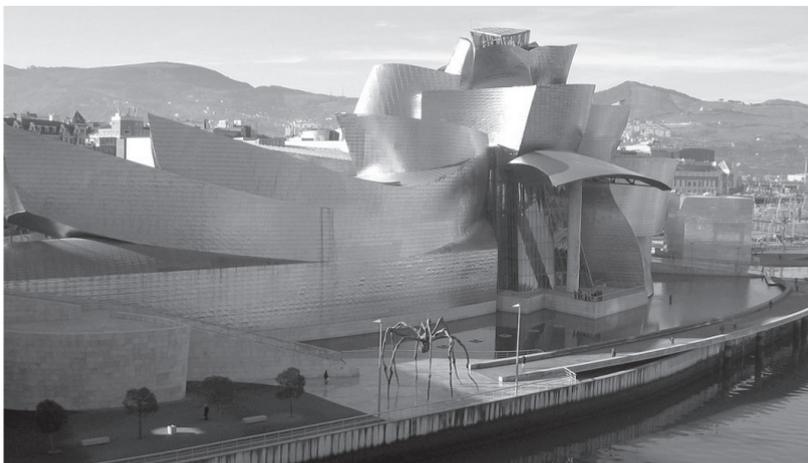
Figura 3.32 | (a) Projeto com instrumentos; (b) Projetos computadorizados



Fontes: (a) <http://dieterlorenzen.com/wp-content/uploads/2013/07/articulo_arquitectura_recomendado_dieter_lorenzen-300x300.jpg>; (b) <<http://www.aulascad.com/wp-content/uploads/2016/04/autocad-2017-novidades-7-14.jpg>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Desde o início da arquitetura digital, o desejo é de construir um prédio reativo, que responda tecnologicamente aos desejos e às necessidades dos usuários, além de expressivo e exato, como no projeto do Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry (Figura 3.33). Nesse projeto, o arquiteto e sua equipe foram aperfeiçoando as técnicas digitais aplicadas ao longo do processo do projeto do museu. Tornou-se uma ferramenta eficiente não somente para passar informações precisas à equipe de construção, mas no aproveitamento dos principais materiais empregados – o titânio e o calcário. A estrutura foi recortada com o auxílio de CNCs, bem como o revestimento; cada peça é única. Usando tecnologias como pedreiros robóticos, a arquitetura adaptativa e em rede desses pioneiros cibernéticos, pode estar ao alcance da nova geração de arquitetos digitais (JONES, 2014).

Figura 3.33 | Museu Guggenheim, Bilbao, Espanha, de Frank Gehry, em 1997



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/de/Guggenheim-bilbao-jan05.jpg/640px-Guggenheim-bilbao-jan05.jpg>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

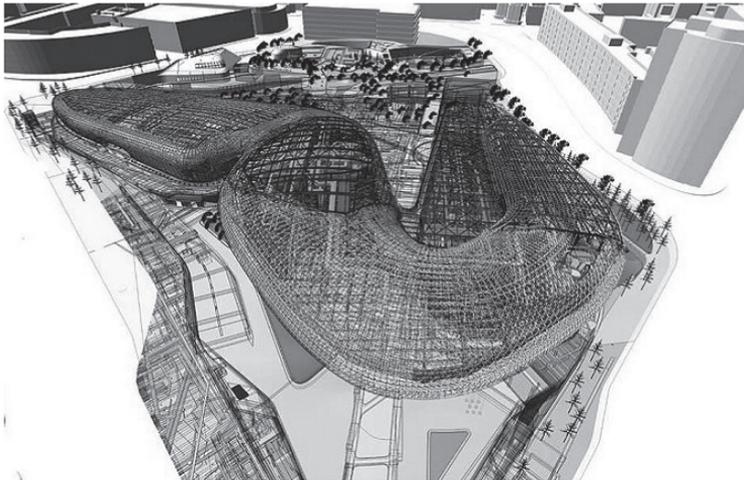


Exemplificando

Um arquiteto que foi pioneiro no uso do CATIA (1981) e do CAD (1982) em projetos de arquitetura foi o canadense Frank Gehry (1929). Ele inverteu o processo de projeto (2D para 3D).

Iniciava seu processo de projeto por esboços abstratos, maquetes físicas em papel e maquete em madeira. Criou com sua equipe programas digitais para digitalizar suas maquetes físicas para o computador, para depois fazer o desenho em duas dimensões.

Figura 3.34 | Desenho digital do escritório do arquiteto Frank Gehry



Fonte: <<http://www.digitalproject3d.com/images/geometry-sm.jpg>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

DENISON, Edward (Ed.). **Arquitetura**: 50 conceitos e estilos fundamentais explicados de forma clara e rápida. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2014.

JONES, Denna. **Tudo sobre arquitetura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014. Disponível em: <<http://www.gehrytechnologies.com>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

Prepare-se, pois na Unidade 4 estudaremos mais a fundo o trabalho desse arquiteto fundamental para a História da Arquitetura e do Urbanismo!

Cada vez mais os arquitetos rejeitavam as formas lineares do Modernismo e voltavam sua atenção para as formas distorcidas. A inspiração poderia vir da natureza, como a água corrente, por exemplo. Assim, observamos que uma das principais contribuições dos programas digitais de modelagem é a capacidade de manipular superfícies curvas.

“Com a evolução, a modelagem por computador deixou de ser uma ferramenta de auxílio para os arquitetos e modelarem suas intenções formais para ser um auxílio na geração de projetos” (JONES, 2014, p. 524). Surge uma nova abordagem – o design paramétrico –, que é a utilização de informações digitais variáveis como a luz do dia, restrições do local ou custos de material para orientar no resultado do projeto – forma, escala, dimensões, etc. Podemos ver um exemplo nos projetos da equipe da arquiteta Zaha Hadid, no Museu MAXXI (Figura 3.35).

Figura 3.35 | Museu MAXXI, Roma, Itália, de Zaha Hadid Architects, em 2010



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/MAXXI_ingresso_04.jpg>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Assim como vimos com o estudo desta seção, aspectos de continuidade e repetição podem ser ainda observados em projetos arquitetônicos, também abrindo espaço às novas criações digitais irregulares. Historiadores comentam que sistemas de projetos interligados em rede serão a próxima realidade na arquitetura digital do século XXI – é mais comunicação do que forma, pois estamos na era das redes sociais.

Sem medo de errar

Você é professor de Arquitetura e Urbanismo em uma renomada universidade em sua cidade, que é conhecida por pesquisas e projetos com um viés moderno, mas que está iniciando estudos na Arquitetura Pós-Moderna.

Com isso, foi convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura e deve realizar um artigo sobre Prototipagem na Arquitetura e Fabricação Digital na Arquitetura. Você deve organizar os conceitos e exemplos com imagens para ilustrar o texto.

Os programas em CAD permitem desenvolver desenhos em 2D, como plantas, cortes e elevações, além de maquetes digitais em 3D e, ainda, animações em 4D. Os arquivos eletrônicos são gerados para visualização, impressão ou fabricação por programas CAM (projeto de fabricação com o auxílio de computadores) e máquinas CNC (comandadas numericamente por computador), como cortadores (a laser, plasma, jato de água, ou oxy-fuel),

impressoras 3D de protótipos rápidos ou, ainda, robôs industriais.

Prototipagem: diversas técnicas para a produção de modelos físicos se utilizam da modelagem 3D, produzida com o avanço de software e programas na transformação do desenho visualizado no computador para a maquete física, com a sobreposição de camadas, corte a laser, fresas e corte com vinil, para a produção de maquetes em escalas reduzidas e protótipos em escala 1:1.

Figura 3.30 | Prototipagem rápida no processo de execução de maquetes



Fonte: adaptado de <<http://www.fec.unicamp.br/~lapac/images/galeria/bertho.jpg>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Fabricação digital: Inclui técnicas destinadas à produção de edifícios ou partes deles (*file-to-factory*, metal e *tube bending*). Destinadas à produção de fôrmas ou peças finais de edifícios, com equipamentos de CNC, entre outros.

Figura 3.36 | Fabricação digital na arquitetura efêmera – estande



Fonte: <http://images.adsttc.com/media/images/55f1/8ea7/99e9/ba9b/5600/0062/slideshow/fsa_lignum_10.jpg?1441894043>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Design paramétrico: Utilização de informações digitais variáveis como a luz do dia, restrições do local ou custos de material para orientar no resultado do projeto – forma, escala, dimensões, etc.

Figura 3.35 | Museu MAXXI, Roma, Itália, de Zaha Hadid Architects, em 2010



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/MAXXI_ingresso_04.jpg>. Acesso em: 25 jul. 2017.

“Com a evolução, a modelagem por computador deixou de ser uma ferramenta de auxílio para os arquitetos e modelarem suas intenções formais para ser um auxílio na geração de projetos” (JONES, 2014, p. 524). Com o estudo dos conteúdos da seção, você será capaz de produzir um artigo completo para a publicação indicada, considerando a importância do desenvolvimento da História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo.

Avançando na prática

Concurso Internacional de Arquitetura

Descrição da situação-problema

Você e seus sócios têm um escritório de arquitetura e urbanismo, que trabalha com projetos de características contemporâneas. Resolveram participar de um concurso de arquitetura internacional, que tem como tema a criação de um centro cultural. Como fazer para realizar tal projeto? Existe algum recurso que auxilie na representação do programa de necessidades proposto, bem como da forma para o edifício?

Resolução da situação-problema

Hoje, não pensamos em arquitetura e engenharia sem o uso dessa ferramenta – o computador e as tecnologias que vêm sendo desenvolvidas, como o CAD, que se refere ao uso de sistemas computadorizados no processo de criar, modelar, analisar, simular e

otimizar um desenho técnico (DENISON, 2014).

Os programas em CAD permitem desenvolver desenhos em 2D (plantas, cortes e elevações) e maquetes digitais em 3D e, ainda, animações em 4D. Os arquivos eletrônicos são gerados para visualização, impressão ou fabricação por programas CAM (projeto de fabricação com o auxílio de computadores) e máquinas CNC (comandadas numericamente por computador), como cortadores (a laser, plasma, jato de água, ou oxy-fuel), impressoras 3D de protótipos rápidos ou, ainda, robôs industriais (DENISON, 2014).

Vocês, jovens arquitetos, utilizarão programas para a fabricação digital dos desenhos em duas dimensões, como planta, cortes e elevações, além de programas para a criação de modelos 3D, que tornam os projetos cada vez mais reais.

Faça valer a pena

1. Figura 3.37 | Edifício com elemento compositivo da Gestalt



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Edif%3ADcio_Itatiaia_-_fachada_posterior.jpg>. Acesso em: 26 jul. 2017.

A Lei da Gestalt a respeito da fluidez de uma composição consegue ter uma harmonia do início ao fim, sem interrupções, por meio de formas, cores, texturas, etc. (GOMES FILHO, 2008).

Observe atentamente a imagem apresentada, leia a frase e responda a qual característica compositiva se refere:

- a) Unidade.
- b) Proximidade.
- c) Continuidade.
- d) Semelhança.
- e) Segregação.

2. Desde o início da _____, o desejo é de construir um prédio reativo que seja expressivo e exato, como no projeto do _____, de _____. Nesse projeto, o arquiteto e sua equipe foram aperfeiçoando as técnicas _____ aplicadas ao longo do processo do projeto do museu. Tornou-se uma ferramenta eficiente não somente para passar informações precisas à equipe de construção, mas no aproveitamento dos principais materiais empregados – o _____ e o calcário. Usando tecnologias como pedreiros robóticos, a arquitetura adaptativa e em rede desses pioneiros cibernéticos pode estar ao alcance da nova geração de arquitetos digitais. Depois de ler atentamente o texto apresentado e complete as lacunas na sequência correta:

- a) arquitetura orgânica – Museu do Amanhã – Frank Gehry – filosóficas – titânio.
- b) arquitetura digital – Museu Guggenheim de Bilbao – Santiago Calatrava – filosóficas – titânio.
- c) arquitetura orgânica – Museu do Prado – Norman Foster – digitais – titânio.
- d) arquitetura digital – Museu Guggenheim de Bilbao – Frank Gehry – digitais – titânio.
- e) arquitetura racional – Museu do Prado – Norman Foster – digitais – titânio.

3. “Com a evolução, a modelagem por computador deixou de ser uma ferramenta de auxílio para os arquitetos e modelarem suas intenções formais para ser um auxílio na geração de projetos.” (JONES, 2014, p. 524)

Porque

Surge uma antiga abordagem – o design paramétrico –, que é a utilização de informações digitais variáveis como a luz do dia, restrições do local ou custos de material para orientar no resultado do projeto – forma, escala, dimensões, etc. Podemos ver um exemplo nos projetos da equipe da arquiteta Zaha Hadid, no Museu MAXXI, em Roma, Itália (2010).

A respeito dessas duas afirmativas sobre o design paramétrico, é correto afirmar que:

- a) A primeira é uma alternativa verdadeira, e a segunda é falsa.
- b) As duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira é uma alternativa falsa; a segunda, verdadeira.
- d) As duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- e) As duas são falsas e não estabelecem relação entre si.

Referências

- BENEVOLO, Leonardo. **A arquitetura no novo milênio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- CENTRO GEORGES POMPIDOU. **O edifício**. Disponível em: <<https://www.centrepompidou.fr>>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- CHING, Francis D. K. **Introdução à arquitetura**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- COLIN, Sílvio. **A poética das diferenças na obra de Robert Venturi e Denise Scott Brown**. Rio de Janeiro: Proarq. FAU. UFRJ. 2010. Tese de Doutorado.
- DELIUS, Peter. (Edit.) **História da arquitetura: da antiguidade aos nossos dias**. Portugal: Könemann, 2000.
- DENISON, Edward (Ed.). **Arquitetura: 50 conceitos e estilos fundamentais explicados de forma clara e rápida**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2014.
- FAZIO, Michael; MOFFETT, Mirian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial**. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras 2008.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GLANCEY, Jonathan. **Arquitetura: guia ilustrado** Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- JONES, Denna. **Tudo sobre arquitetura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- KOOLHAAS, Rem. **Conversa com estudantes**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth. **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.
- PUPO, Regiane; CELANI, Gabriela. Técnicas de prototipagem digital. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 19.; INTERNATIONAL CONFERENCE ON GRAPHICS ENGINEERING FOR ARTS AND DESIGN, 8. Campinas, 2009. **Anais...** Campinas: UNICAMP, São Paulo, 2009.
- WILHEIM, Jorge. **Cidades: o substantivo e o adjetivo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. 191 p.

Desconstrutivismo e tendências

Convite ao estudo

Olá, aluno!

Na Unidade 4 desta disciplina, continuaremos com o estudo da História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III, conhecendo o conceito, os fundamentos e um comparativo do Desconstrutivismo e do Pós-Modernismo, o movimento do Desconstrutivismo e seus representantes, além da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo contemporâneo. Os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, tornam-se importantes para as referências teóricas aplicadas na realização de projetos.

O Tardomodernismo é traduzido como uma continuação do Movimento Moderno, utilizando a funcionalidade e a tecnologia industrial – Estética da Máquina –, diferentemente do conceito de Le Corbusier da Máquina de Morar. Esse será a nossa abordagem de estudo (FRAMPTON, 1997).

Desdobramento da Arquitetura Pós-Moderna, o Desconstrutivismo nasce nos anos de 1980 em oposição ao ordenamento racional do Modernismo e ao historicismo do Pós-Modernismo. O movimento manipula e questiona a forma construída para apresentar uma arquitetura caótica (JONES, 2014).

Assim, conheceremos os princípios da teoria e da história a partir do Desconstrutivismo, e você pode ter certeza de que com o tempo, entendendo os percursos da história da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, o estudo será muito prazeroso de ser realizado.

No nosso contexto de aprendizagem, você é sócio de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua

cidade. Surgiu a oportunidade de participar de um concurso internacional para o projeto de um centro cultural. Como o escritório trabalha com um viés contemporâneo, decidiram utilizar o Desconstrutivismo como estilo adotado. Como iniciar os estudos no tema para desenvolver o projeto?

Na Seção 4.1 aparece a primeira situação de trabalho, na qual você participaria de uma reunião para apresentar uma proposta de projeto para a ampliação de uma residência com estilo desconstrutivista. O que você poderá fazer para ter o seu projeto aceito pelo cliente?

Na Seção 4.2, você será convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura e deverá realizar um artigo sobre a Arquitetura Contemporânea e tendências no Brasil. Como fazer?

A Seção 4.3 traz você como o arquiteto que fará a reforma de um importante museu em sua cidade. Você precisa mostrar quais referências históricas serão utilizadas no projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

As seções da Unidade 4 apresentarão o estudo do Desconstrutivismo e da Arquitetura Contemporânea. Assim, esta unidade trata da importância de conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução ao longo dos tempos.

Vamos juntos conhecer mais sobre o universo da história da Arquitetura e Urbanismo!

Seção 4.1

Estudo comparativo: Desconstrutivismo e Pós-Modernismo

Diálogo aberto

Chamando a atenção para valores da harmonia, da unidade e da estabilidade, o desconstrutivismo apresenta uma arquitetura deslocada e visualmente imprevisível, que abala a tradição ao ser incômoda (JONES, 2014). Conheceremos os princípios da teoria e da história a partir do Desconstrutivismo, entendendo os percursos da história da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo.

Não se esqueça de que você é sócio de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade e de que surgiu a oportunidade de participar de um concurso internacional para o projeto de um centro cultural. Como o escritório trabalha com um viés contemporâneo, decidiram utilizar o Desconstrutivismo como estilo adotado. Como iniciar os estudos no tema para desenvolver o projeto? Como aplicar as características do movimento na construção?

Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos, sejam eles teóricos ou práticos.

Assim, faz parte dos conteúdos de estudo a conceituação do Desconstrutivismo, passando por suas tendências na América Latina e no Brasil, além da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo contemporâneos. Com estes conteúdos você será capaz de realizar uma apresentação consistente para o concurso internacional do qual participará.

Aproveite o estudo desta última unidade da disciplina História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III.

Não pode faltar

Conceituação do Desconstrutivismo

O texto *Da Gramatologia*, do filósofo Jacques Derrida, introduz a teoria da desconstrução e é traduzido para o inglês em 1976. A mostra no MoMA (Museu de Arte Moderna) *Deconstructivist Architecture*,

organizada pelo arquiteto Philip Johnson em 1988, reuniu modelos e desenhos de arquitetos que mudariam a arquitetura e recebeu críticas antes mesmo de inaugurar; simultaneamente um evento na Tate Gallery, em Londres, e o Instituto de Artes Contemporâneas introduziram os princípios e os arquitetos do movimento que ficou conhecido como Desconstrutivismo, em 1988.

O movimento surgiu em oposição ao racionalismo do Modernismo e a volta ao passado Pós-Modernismo, discutindo e manipulando a forma construída. O Desconstrutivismo (EUA) ou Desconstrucionismo (Europa) tem como primeira produção arquitetônica o *Parc de La Villete*, de Bernard Tschumi, no qual Derrida trabalhou com o arquiteto.



O arquiteto desconstrutivista não é, portanto, aquele que desmonta as edificações, mas aquele que localiza os dilemas inerentes aos seus interiores. O arquiteto desconstrutivista coloca as formas puras da tradição da arquitetura no divã e identifica os sintomas de uma impureza reprimida.” (FAZIO, MOFFETT, WODEHOUSE, 2011, p. 544)



Exemplificando

O arquiteto Bernard Tschumi (1944) afirma que suas edificações, como o *Parc de La Villete*, parque urbano em Paris, exploram a disjunção na cultura, enfatizando a fragmentação e a dissociação em vez da unidade e da síntese tradicionais, como exemplo as estruturas vermelhas e abstratas – *follies* (em português, loucuras) – que foram projetadas para não ter significado “sem ritmo, sem síntese, sem forma” (JONES, 2014, p. 534).

Figura 4.1 | *Parc de La Villete*, Paris, 1982-85, de Bernard Tschumi



Fonte: <<http://www.tschumi.com/media/files/00367.jpg>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Estudo comparativo: Desconstrutivismo e Pós-Modernismo

Um evento na Tate Gallery, em Londres (1988), como já mencionado, marcou o surgimento oficial do Desconstrutivismo. De maneira independente, os princípios e os arquitetos do movimento foram apresentados. O arquiteto Bernard Tschumi declarou que habitamos um espaço fraturado de acidentes, resumindo assim o movimento que nascia e retomando o Modernismo, que surgiu como ruptura filosófica e prática com o passado, ocorrida ao longo do século XX, de acordo com o autor Francis Ching (1999, p. 147), e que teve início no fim do século XIX. Já o Pós-Modernismo, como vimos, “[...] foi uma resposta direta à alienação e à crescente desilusão com a arquitetura moderna, sentidas por arquitetos e pelo público no final dos anos 1960” (DENISON, 2014, p. 118). O Tardomodernismo é traduzido como uma continuação do Movimento Moderno, utilizando a funcionalidade e a tecnologia industrial – Estética da Máquina –, diferente, do conceito de Le Corbusier da Máquina de Morar (FRAMPTON, 1997).



Assimile

O Pós-Modernismo partiu da crise da modernidade e usou uma frase de Robert Venturi, “Menos é um tédio” (*Less is a bore*), em que ironiza a frase símbolo do Modernismo de Mies van der Rohe, “Menos é mais” (*Less is more*) (FAZIO, MOFFETT, WODEHOUSE, 2011).

O Desconstrutivismo nasceu nos anos de 1980 como desdobramento da Arquitetura Pós-Moderna em oposição ao ordenamento racional do Modernismo e ao historicismo do Pós-Modernismo. O movimento manipula e questiona a forma construída para apresentar uma arquitetura caótica, deslocada e visualmente imprevisível que abalou a tradição ao ser incômoda (JONES, 2014).

Filosofia desconstrutivista

Antes de 1988, Frank Gehry, em sua residência (Figura 4.2) em Santa Monica, Califórnia, EUA, fez subtrações, ampliações, desconstruções e construções, utilizando os princípios da filosofia desconstrutivista. Materiais baratos e fabricados em série (desprezados por muitos arquitetos), aliados a chapas de metal, entre outros, fizeram parte do protótipo do arquiteto.

Figura 4.2 | Casa Gehry, Santa Monica, EUA, 1978, de Frank Gehry



Fonte: <https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/10/1350140753_1278334393_liaoyusheng6.jpg>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Gehry teve uma trajetória constante na arquitetura, pois começa sua atividade independente, combinando elementos de residências modernistas (1930), se libertando das estruturas da “caixa”, com a ampliação de sua própria residência, como já visto. Mais tarde (1991-97), projetou o Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha (Figura 4.3), inserindo no contexto urbano essa edificação de forma retorcida, que se tornaria um símbolo da arquitetura e de renascimento da cidade (GYMPEL, 2001).

Figura 4.3 | Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/87/Museo_Guggenheim_Bilbao_%28Guggenheim_Museum_in_Bilbao%29_%286937383633%29.jpg>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Com base nos conceitos filosóficos de Derrida, os profissionais desenvolveram uma sintaxe formal que ampliava ao extremo a abstração do movimento moderno. Assim, os desconstrutivistas ou os arquitetos que trabalharam essa filosofia se utilizaram de formas espetaculares, extravagantes, demonstrando a oposição contra as normas, a construção e a ornamentação.

Um dos representantes do movimento, o arquiteto Bernard Tschumi, que trabalhou com Derrida no projeto do *Parc de La Villete*, como vimos anteriormente, criou uma frase "A forma segue a fantasia" (*Form follows fantasy*), aqui invertendo a frase de Sullivan, "A forma segue a função" (*Form follows function*).

Outra fonte de inspiração foram os artistas dos movimentos de vanguarda russa (anos 1920), Construtivismo e Suprematismo. Sendo assim, o Construtivismo russo (Figura 4.4a) foi um movimento estético-político iniciado na Rússia a partir de 1919, com influência na arquitetura e na arte ocidental. Já o Suprematismo russo (Figura 4.4b) é uma pintura com base nas formas geométricas planas, sem qualquer preocupação de representação. Os elementos principais são: retângulo, círculo, triângulo e cruz. É considerada a primeira escola de pintura abstrata do Movimento Moderno (STRICKLAND, 1999).

Figura 4.4a | Construtivismo, Cartaz, de El Lissitzky, 1929; Figura 4.4b | Suprematismo, *Supremus 56*, de Kasimir Malevich, 1916



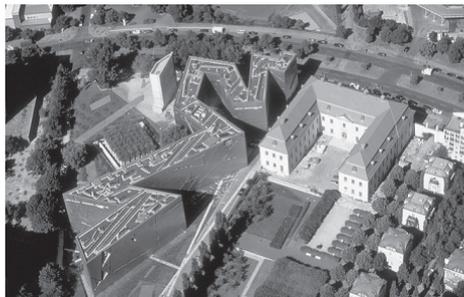
Fontes: 4.4a <https://www.catalogodasartes.com.br/Upload/@Historia_da_Arte/Construtivismo%20Russo/construtivismo%20Russo1.jpg>; 4.4b <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Kazimir_malevich%2C_suprematismo_%28supremus_no_56%29%2C_1916.JPG>. Acesso em: 10 ago. 2017.

"A arquitetura desconstrutivista procura, com o auxílio destes meios, derrubar a percepção cotidiana não questionada da arquitetura e, através dessa distanciação, tomar a vivência da arquitetura em arte". (GYMPEL, 2001, p. 109).



As áreas públicas do Museu Judaico em Berlim (Figura 4.5), Alemanha, projeto do arquiteto Daniel Libeskind (1999), são formadas a partir de uma estrela de Davi deslocada e alinhada nos eixos, com espaços expositivos subterrâneos convencionais (JONES, 2014).

Figura 4.5 | Museu Judaico, Berlim, 1999, de Daniel Libeskind



Fonte: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a9/JewishMuseumBerlinAerial.jpg>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

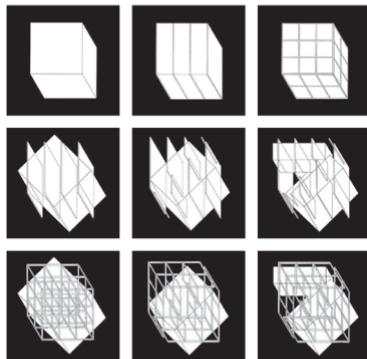
Tendências desconstrutivistas

Conheceremos alguns profissionais que trabalharam utilizando a tendência desconstrutivista.

Peter Eisenman

Na década de 1960, o arquiteto Peter Eisenman explorou as possibilidades abstratas das grelhas estruturais rotacionadas no projeto da Casa III (Figura 4.6). Os espaços tinham um efeito causado pela manipulação de elementos selecionados de acordo com um conjunto de regras.

Figura 4.6 | Casa III, Lakeville, EUA, 1969-71, de Peter Eisenman

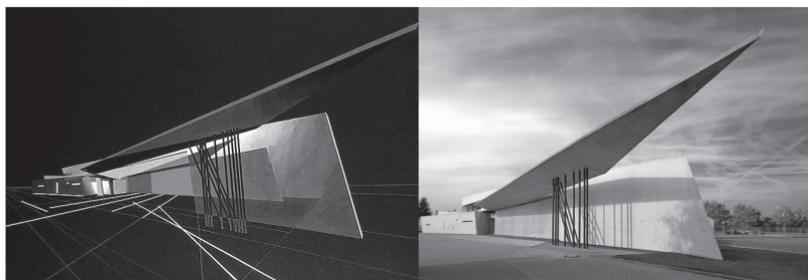


Fonte: <<http://www.eisenmanarchitects.com/house-iii.html>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

Zaha Hadid

A arquiteta iraniana Zaha Hadid (1950-2016) ganhou destaque no cenário da arquitetura quando usou a mudança de ângulos relacionados aos volumes, como na Rampa para Prática de Esqui e a Estação de Combate a Incêndio de Vitra (Figuras 4.7a e 4.7b).

Figura 4.7a | Estação de Combate a Incêndio de Vitra, Innsbruck, Áustria, 1993, de Zaha Hadid – projeto; Figura 4.7b | Estação de Combate a Incêndio de Vitra, Innsbruck, Áustria, 1993, de Zaha Hadid – construção



Fontes: 4.7a <<http://www.archdaily.com.br/784741/classicos-da-arquitetura-corpo-de-bombeiros-de-vitrazaha-hadid-architects/5038014f28ba0d599b000895-ad-classics-vitra-fire-station-zaha-hadid-rendering>> 4.7b <<http://images.adsttc.com/media/images/5038/010e/28ba/0d59/9b00/0885/slideshow/stringio.jpg?1414207182>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

Frank Gehry

Frank Gehry iniciou, discretamente, fazendo ampliações em sua própria casa (Figura 4.8), que a deixaram entre a escultura e o resíduo industrial. Seguindo o exemplo de Peter Eisenman, Gehry também precisou do computador para construir as suas estruturas desconstruídas, pois o Desconstrutivismo surgiu paralelamente ao uso da informática na arquitetura. Nos seus interiores, as plantas baixas têm uma organização convencional.

Figura 4.8 | Casa Gehry, Santa Monica, EUA, 1977-78, de Frank Gehry



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Gehry_House_-_Image01.jpg>. Acesso em: 6 ago. 2017.

Rem Koolhaas

A Biblioteca Central de Seattle (Figura 4.9) apresenta um enorme volume com grandes balanços em sua fachada e uma forma de prisma refletivo com vidraças em um exoesqueleto em grelha de diamante. A edificação ocupa uma quadra urbana inteira.

Figura 4.9 | Biblioteca Central de Seattle, EUA, 2004, de Rem Koolhaas



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8a/Seattle_Central_Library%2C_Seattle%2C_Washington_-_20060418.jpg>. Acesso em: 6 ago. 2017.



Pesquise mais

Acesse o site dos arquitetos estudados na seção e conheça mais projetos: Bernard Tschumi. Disponível em: <<http://www.tschumi.com/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Peter Eisenman. Disponível em: <<http://www.eisenmanarchitects.com/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Zaha Hadid Architects. Disponível em: <<http://www.zaha-hadid.com/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Frank Gehry. Disponível em: <<https://www.foga.com/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Rem Koolhaas. Disponível em: <<http://oma.eu/>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Alguns desses arquitetos estudados foram chamados de starquitos (mesmo os próprios não concordando e o termo se tornando pejorativo). “A arquitetura precisa ser percorrida, tocada e usada: ela precisa ser vivenciada – e é isso que os autores esperam que aconteça” (FAZIO, MOFFETT, WODEHOUSE, 2011, p. 584).

Sem medo de errar

Não se esqueça de que você é sócio de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade e que surgiu a oportunidade de participar de um concurso internacional para o projeto de um centro cultural. Como o escritório trabalha com um viés contemporâneo, decidiram utilizar o Desconstrutivismo como estilo adotado. Como iniciar os estudos no tema para desenvolver o projeto? Como aplicar as características do movimento na construção?

Todo profissional deve pesquisar e estudar antes de realizar seus projetos, sejam eles teóricos ou práticos.

Você pode iniciar o processo apresentando para seus sócios os conceitos do Desconstrutivismo, além de exemplos de arquitetos que trabalham ou trabalharam com o movimento. Pode imprimir imagens dos projetos para que todos no escritório vejam com facilidade as referências que serão aplicadas no projeto.

Conceito: o Desconstrutivismo nasceu nos anos de 1980 como desdobramento da Arquitetura Pós-Moderna em oposição ao ordenamento racional do Modernismo e ao historicismo do Pós-Modernismo. O movimento manipula e questiona a forma construída para apresentar uma arquitetura caótica, deslocada e visualmente imprevisível que abalou a tradição ao ser incômoda (JONES, 2014).

Arquitetos: Bernard Tschumi; Peter Eisenman; Zaha Hadid Architects; Frank Gehry; Rem Koolhaas.

Assim, conhecendo os princípios da teoria e da história a partir do Desconstrutivismo, entenderemos os percursos da história da arquitetura, urbanismo e paisagismo. Com estes conteúdos você será capaz de realizar uma apresentação consistente para o concurso internacional do qual participará.

Avançando na prática

Releitura das follies em fotografia

Descrição da situação-problema

Você é um arquiteto especializado em fotografia de arquitetura e trabalha como freelance para diversos jornais e revistas. Viaja pelo mundo registrando imagens de edificações importantes. Recebeu um convite para ir à Paris, na França, fotografar as Follies, de Bernard Tschumi. Como realizar a tarefa proposta? Você conhece o projeto?

Resolução da situação-problema

Primeiro você deve pesquisar sobre o tema do trabalho para saber que o arquiteto Bernard Tschumi (1944) afirmava que suas edificações, como o Parc de La Villete, um parque urbano em Paris, exploram a disjunção na cultura, enfatizando a fragmentação e a dissociação em vez da unidade e da síntese tradicionais, como exemplo nas estruturas vermelhas e abstratas – follies (em português, loucuras) – que foram projetadas para não ter significado “sem ritmo, sem síntese, sem forma”, mas para que as pessoas as usassem da maneira que desejassem (JONES, 2014, p. 534).

Figura 4.10 | Follie R4 – Parc de La Villete, Paris, 1982-85, de Bernard Tschumi



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b1/Paris_Parc_de_La_Villette_Folie_R4_b.jpg>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Conhecendo a história do lugar para onde você vai, o trabalho fica mais prazeroso e, conseqüentemente, as fotografias das follies terão novos ângulos de visão.

Faça valer a pena

1. O movimento surge em oposição ao racionalismo do Modernismo e a volta ao passado Pós-Modernismo, discutindo e manipulando a forma construída.

Analise as afirmações:

I - O texto *Da Gramatologia*, do filósofo Jacques Derrida, introduz a teoria da desmaterialização e é traduzido para o inglês em 1976.

II - A mostra no MoMA (Museu de Arte Moderna) *Deconstructivist Architecture*, organizada pelo arquiteto Philip Johnson em 1988, reuniu modelos e desenhos de arquitetos que mudariam a arquitetura e que recebeu críticas antes mesmo de inaugurar.

III - Um evento na Tate Gallery, em Londres, também marcou o início do Desconstrutivismo.

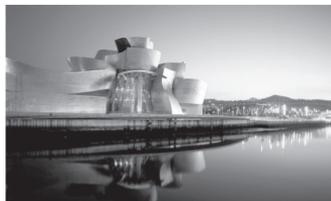
IV - O Instituto de Artes Contemporâneas introduziu os princípios e os arquitetos do movimento que ficou conhecido como Desconstrutivismo, em 1988.

Das afirmações apresentadas quais fazem parte do surgimento do Desconstrutivismo?

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I e III.
- c) Apenas I, II e III.
- d) Apenas II, III e IV.
- e) Apenas I, II e IV.

2. O movimento surgiu em oposição ao racionalismo do Modernismo e a volta ao passado Pós-Modernismo, discutindo e manipulando a forma construída. Tem como uma de suas principais produções arquitetônicas, além do Parc de La Villete, de Bernard Tschumi, o Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha, de Frank Gehry. O movimento manipula e questiona a forma construída para apresentar uma arquitetura caótica, deslocada e visualmente imprevisível que abalou a tradição ao ser incômoda (JONES, 2014).

Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/87/Museu_Guggenheim_Bilbao_%28Guggenheim_Museum_in_Bilbao%29_%286937383633%29.jpg>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Leia atentamente o texto apresentado, observe a imagem e responda a qual movimento arquitetônico se refere.

- a) Pós-modernismo.
- b) Modernismo.
- c) Desconstrutivismo.
- d) Divisionismo.
- e) High-Tech.

3. Com base nos conceitos filosóficos de Jacques Derrida, os profissionais desenvolveram uma sintaxe formal que ampliava ao extremo a abstração do movimento moderno.

Porque

Os desconstrutivistas ou os arquitetos que trabalharam essa filosofia se utilizaram de formas espetaculares, extravagantes, demonstrando a oposição contra as normas e construção e ornamentação.

A respeito dessas duas afirmativas sobre o Desconstrutivismo, é correto afirmar que:

- a) A primeira é uma alternativa verdadeira; e a segunda é falsa.
- b) As duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira é uma alternativa falsa; a segunda, verdadeira.
- d) As duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- e) As duas são falsas e não estabelecem relação entre si.

Seção 4.2

Desconstrutivismo

Diálogo aberto

Caro aluno!

Lembre-se de que você é sócio de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo em sua cidade e surgiu a oportunidade de participar de um concurso internacional para o projeto de um centro cultural. Como o escritório trabalha com um viés contemporâneo, decidiram utilizar o Desconstrutivismo como estilo adotado. Além disso, você foi convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura e deve realizar um artigo sobre a Arquitetura Contemporânea e tendências no Brasil. Como fazer?

O estudo do Desconstrutivismo será o nosso tema principal, portanto, a importância de conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução ao longo dos tempos torna-se fundamental para a sua formação profissional.

Vamos juntos conhecer mais sobre esse tema?

Não pode faltar

Desconstrutivismo na Europa e América Latina

Se os movimentos das vanguardas modernas sempre veneraram a tecnologia industrial, as neovanguardas contemporâneas lidam muito bem com a alta tecnologia digital. Enquanto o movimento moderno aconteceu principalmente em parte da Europa e nos Estados Unidos, as neovanguardas arquitetônicas puderam se efetivar em qualquer região periférica do planeta (GONÇALVES, 2010).

No mundo globalizado as artes acontecem com maior intensidade em lugares onde existe uma maior tradição intelectual e um nível mais elaborado de avanço tecnológico e econômico. Em regiões como América Latina, Europa Central e mesmo Espanha e Portugal, o discurso passa necessariamente por toda uma realidade a ser construída (GONÇALVES, 2010).

Nos anos 1980, as escolas de arquitetura que mais contribuíram

para a formação de um novo pensamento vanguardista foram a Architectural Association, de Londres, que teve professores como Bernard Tschumi, Rem Koolhaas e Peter Cook e alunos como Zaha Hadid, e a Cooper Union, de Nova York, que formou arquitetos como Daniel Libeskind, Ricardo Scofidio e Elisabeth Diller (GONÇALVES, 2010).

O individualismo é a característica comum entre os arquitetos das neovanguardas, cada um preocupado com a elaboração do seu próprio discurso teórico e formal. Esse grupo continua perseguindo aspirações que remontam ao início do século XX: o esforço no sentido de criar uma linguagem própria e inovadora (GONÇALVES, 2010).

Uma das características que atravessou o século XX foi a abstração. Movimentos como o Neoplasticismo, Suprematismo e Construtivismo, entre outros, ecoam na produção de arquitetos contemporâneos de várias posturas, como estudaremos a seguir. Eisenman foi influenciado pela arte conceitual, e Hejduk pelo Neoplasticismo. Também é notória a complexidade e erudição formal das abstrações de Rem Koolhaas e Bernard Tschumi. Outros arquitetos admitem claramente a influência de metodologias que primam pelo irracional e o inconsciente, aproximando-se muito da metodologia utilizada pelos surrealistas, como Enric Miralles, Coop Himmelblau (Figura 4.11) e Frank Ghery (Figura 4.12). Também é possível estabelecer relações entre arquitetura e arte contemporânea nos trabalhos de Toyo Ito, Herzog & de Meuron, Steven Holl, MVDRV, FOA (Foreign Office Architecture), Shigeru Ban e Juan Navarro Baldeweg (GONÇALVES, 2010, p. 16).

O Abstracionismo ainda influenciou outro grupo de arquitetos, que atingiu maturação no início dos anos 1990, influenciados, principalmente, pela Arte Minimalista da década de 1960 e pelas tradições de simplificação, características inerentes à boa parte da arquitetura abstrata do século XX. É possível perceber essas preocupações nas obras de Tadao Ando, Souto de Moura, Peter Zumthor, além de um grupo de arquitetos espanhóis de alta qualidade, como Campo Baeza, Abalos & Herreros, Mansilla & Tuñon, RCR, entre outros, e também portugueses, como Aires Mateus, Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne (GONÇALVES, 2010).

Esses arquitetos se colocam contrários ao conceitualismo vazio e à gratuidade dos elementos empregados pelos desconstrutivistas (Figura

4.13). De certa maneira, o emprego de geometrias contundentes é uma recorrência do que aconteceu em parte da Arquitetura Moderna. Eles podem ser considerados como continuadores do modernismo (GONÇALVES, 2010).



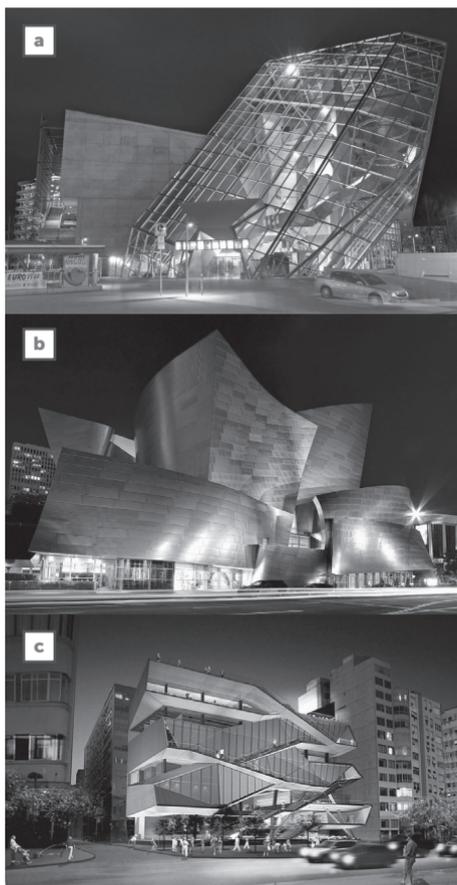
Assimile

Alguns projetos desconstrutivistas:

Figura 4.11a | UFA - Palast Dresden, de Coop Himmelblau, Alemanha, 1993-1998;

Figura 4.11b | Walt Disney Concert Hall, de Frank Gehry, Los Angeles, EUA, 1987-

2003; Figura 4.11c | MIS, Diller Scofidio + Renfro, Rio de Janeiro, Brasil, 2009



Fontes: 4.11a <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/51/Dresden-Kristallpalast-nigh.jpg>>; 4.11b <<http://images.adsttc.com/media/images/56d6/006b/e58e/ce02/7c00/002e/large.jpg>>/Gehry_Dave_Toussaint.jpg?1456865383>; 4.11c <https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/07/19/arq_70719.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Um exemplo da Arquitetura Desconstrutivista na América Latina é o **Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA)**, que foi concluído em 2001 (Figura 4.12) pelo escritório de arquitetura argentina, AFT Architects. O acervo do MALBA preserva a arte latino-americana. O projeto tinha como intenção que os visitantes se perdessem dentro dos ambientes e corredores do museu. Sua estrutura é composta por várias figuras poliédricas com ângulos agudos. O exterior é revestido com pedra calcária e janelas de vidro.

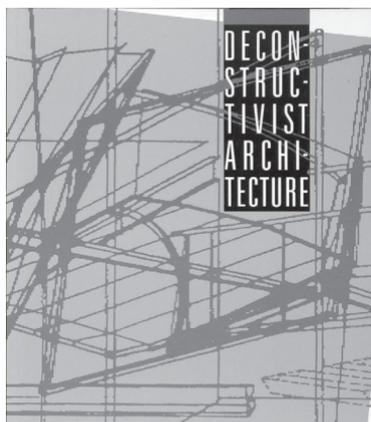
Figura 4.12 | MALBA, Buenos Aires, Argentina, 2001 (exterior e interior)



Fonte: <<http://duzettidistrict.com.br/wp-content/uploads/2015/05/malba-1024x588.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Exposição de 1988 no MoMA

Figura 4.13 | Capa do Catálogo da Exposição, 1988



Fonte: <<http://images.adsttc.com/media/images/5908/d481/e58e/ce23/0900/0039/slideshow/MOMA12.jpg?1493750910>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

Quando Philip Johnson foi o curador convidado no MoMA em 1988, reuniu uma coleção de trabalhos de arquitetos cujas abordagens eram semelhantes, ao invés de apresentar a arquitetura derivada de um conjunto rigidamente uniforme de princípios projetuais. *Deconstructivist Architecture* foi o livro que acompanhou a mostra (Figura 4.13). Eram os arquitetos **Peter Eisenman, Frank Gehry, Zaha Hadid, Rem Koolhaas, Daniel Libeskind, Bernard Tschumi** e o escritório **Coop Himmelblau** (liderado por **Wolf Prix**) (Figuras 4.14), que são os mais influentes do final do século XX até os dias atuais. A mostra gerou polêmica antes de sua abertura, em função do tema da Desconstrução, ainda estranho a todos. “O arquiteto desconstrutivista não é, portanto, aquele que desmonta as edificações, mas aquele que localiza os dilemas inerentes aos seus interiores” (FAZIO; MOFFETT, WODEHOUSE, 2011, p. 544).

Figura 4.14a | Entrada Exposição MoMA, 1988; Figura 4.14b | Interior da Exposição MoMA, 1988



Fontes: 4.14a. <<http://images.adsttc.com/media/images/5908/d474/e58e/ce23/0900/0031/newsletter/MOMA10.jpg?1493750896>>. Acesso em: 8 set. 2017.

4.14b. <http://images.adsttc.com/media/images/5908/d477/e58e/ce23/0900/0033/newsletter/MOMA_2.jpg?1493750901>. Acesso em: 8 set. 2017.



Pesquise mais

Dê uma olhada no livro sobre o Desconstrutivismo:

JOHNSON, Philip R. **Deconstructivist Architecture**. New York: Museum of Modern Art, 1988.

Ou acesse o site do MoMA:

MoMA. Disponível em: <<https://www.moma.org/search?query=deconstructivist+architecture+1988>>. Acesso em: 14 ago. 1988.

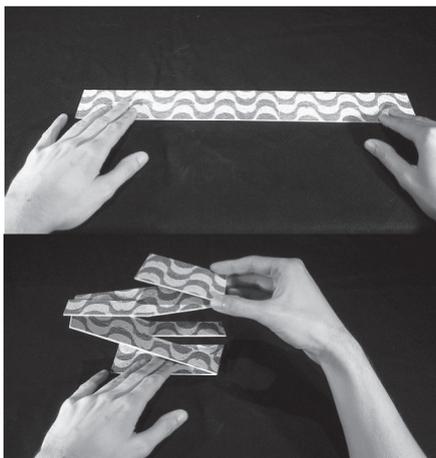
Desconstrutivismo no Brasil

A Arquitetura Desconstrutivista surgiu por meio de padrões racionais, geométricos e dos eixos coordenados e ortogonais do plano cartesiano (x, y, z). A geometria descritiva tornou possível o processo de industrialização

da construção, o que deixou os projetos sem muitas variações formais na prática projetual. O homem desarticulou os planos ortogonais para criar uma instabilidade perceptiva. Assim, os desconstrutivistas passaram a lidar com o emocional humano e, como já diria o filósofo Jacques Derrida no livro de Jones (2014), a inquietação é necessária para o questionamento e a compreensão da obra apresentada.

O projeto que está sendo construído no Rio de Janeiro, Brasil – o Museu da Imagem e do Som –, de Diller Scofidio + Renfro, apresenta as características da Arquitetura Desconstrutivista. O escritório de NY se inspirou no calçadão carioca, criando uma edificação com volumes desencontrados por passarelas, desconstruindo a forma (Figuras 4.15).

Figuras 4.15 a e b | O famoso calçadão de Copacabana, dobrado e transformado em um boulevard vertical



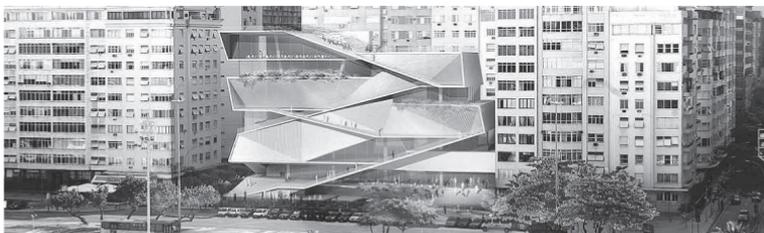
Fontes: 4.15a <http://www.mis.rj.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/dobra_01-704x376.jpg>;

4.15b <http://www.mis.rj.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/dobra_03-704x376.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.



Exemplificando

Figura 4.16 | Museu da Imagem e do Som, RJ, Diller Scofidio + Renfro, 2009 (projeto)



Fonte: <https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/54/63/pdt_mos_5463.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Construtivismo e Futurismo Russo

“O Futurismo começou como um movimento literário, em 1909, quando o poeta F.T. Marinetti lançou seu manifesto. Marinetti era um autopromotor hiperativo, apelidado de ‘Cafeína da Europa’, e desafiou os artistas a mostrarem ‘coragem, audácia e revolta’ para comemorar ‘uma nova beleza, a beleza da velocidade’” (STRIKCLAND, 1999, p. 139). Os artistas italianos combinavam as cores fortes do Fauvismo, com os planos desconstruídos do Cubismo para expressar a propulsão (Figuras 4.17). Na Rússia, o Futurismo teve influência na arte e na literatura. Assim como os futuristas italianos, Natalia Goncharova e seu marido Mikail Larinov, em suas pinturas, sugeriam movimentos por meio da repetição rítmica de formas e linhas (Figura 4.18).

Figura 4.17a | Dinamismo de um jogador de futebol, 1913, de Umberto Boccioni;
Figura 4.17b | Formas únicas de continuidade no espaço, 1913, de Umberto Boccioni



Fontes: 4.17a <goo.gl/4DPrcs>; 4.17b <http://www.tate.org.uk/art/images/work/T/T01/T01589_10.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Figura 4.18 | Raionismo, floresta azul e verde, 1913, de Natalia Goncharova

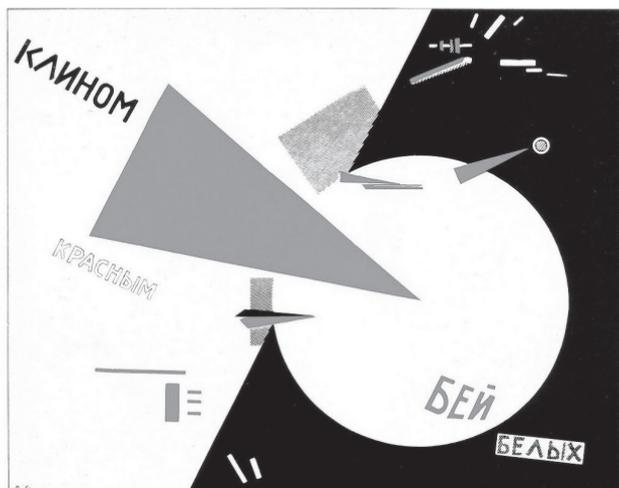


Fonte: <goo.gl/nafWRm>. Acesso em: 14 ago. 2017.

“O período revolucionário russo está associado a um dinamismo criativo no qual pioneiros da arte abstrata, não objetiva, colocaram cada vez mais as suas obras a serviço da revolução” (FARTHING, 2011, p. 400). A intenção era mudar a sociedade com a arte. Os artistas russos já tinham conhecimento das últimas tendências culturais e artísticas de Berlim e Paris, além de terem sido influenciados pelo Impressionismo e pelo Futurismo, como Kasimir Malevich (1879-1935).

Quem Criou o Suprematismo? que definia como “supremacia do sentimento ou da percepção puros na arte criativa” (FARTHING, 2011, p. 400). O uso de formas monocromáticas e geométricas, que fluíam sobre um fundo branco, eram elementos que faziam parte da estética de Malevich. Mas como a revolução necessitava de outra arte, assim, o Construtivismo foi criado, aplicando aspectos do dinamismo do suprematismo ao contexto da arte gráfica, do design teatral, industrial e da arquitetura, relacionando a arte à sua utilidade social. Espaço e tempo eram a base da nova estética que surgia, como parte do movimento de vanguarda russo (Figura 4.19).

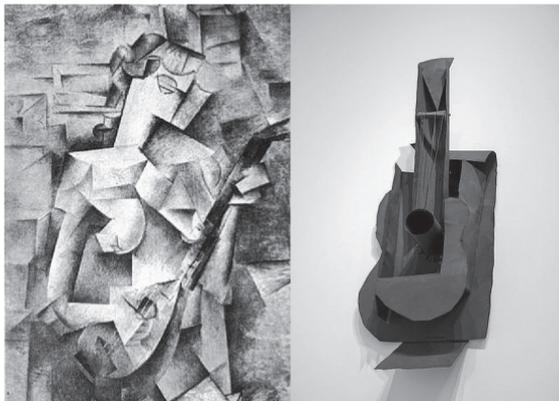
Figura 4.19 | Golpeie os brancos com a cunha vermelha, El Lissitzky, 1920



Fonte: <goo.gl/RMrUoE>. Acesso em: 14 ago. 2017.

O artista Vladimir Tatlin, em 1914, foi visitar o ateliê de Picasso em Paris e foi influenciado por suas pinturas cubistas (Figura 4.20a), transformando os planos pintados em materiais reais, em espaços reais, além de ter visto suas esculturas em arame e folhas de metal (Figura 4.20b).

Figura 4.20a | Cubismo Analítico, Moça com bandolim, 1909, de Pablo Picasso;
Figura 4.20b | Escultura Violão, 1914, de Pablo Picasso



Fontes: 4.20a <[http://artsdot.com/Art.nsf/O/5ZKDCT/\\$File/Pablo+Picasso+-+Girl+With+Mandolin+.JPG](http://artsdot.com/Art.nsf/O/5ZKDCT/$File/Pablo+Picasso+-+Girl+With+Mandolin+.JPG)>; 4.20b <http://1.bp.blogspot.com/-xN_AmEwYq2o/U3jm4ocnm9I/AAAAAAAAADo/CunyuUASGG0/s1600/guitar.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.



Refleta

1918 – O Construtivismo começa a substituir o Suprematismo à medida que seus apoiadores trabalham estabelecimentos de arte e advogam uma cultura artística e utilitária. E já havia garantido apoio do Partido Comunista. Rodchenko e Tatlin trabalharam o design de objetos, como roupas de operários e propagandas de produtos, entre outros, através da fotomontagem (FARTHING, 2011). Rodchenko carregava em seu trabalho uma estética visual com influências revolucionárias soviéticas, utilizando cores primárias, ângulos diagonais e perspectiva, além de ressaltar a importância da tipografia como força de expressão revolucionária e visual (Figura 4.21).

Figura 4.21 | Pôster de propaganda para Lengiz (Leningrad State Publishing House), 1925



Fonte: <<http://adar.com.br/adarblog/wp-content/uploads/sites/2/2014/10/Postaer-de-propaganda-para-Lengiz-Leningrad-State-Publishing-House-1925.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Tatlin criou esculturas com materiais do dia a dia e, mais tarde, desenhou e fez um modelo tridimensional de uma estrutura em espiral, que ficou conhecida como Monumento à Terceira Internacional (não foi construído devido aos custos) (Figura 4.22).

Figura 4.22 | Monumento à Terceira Internacional, 1919, de Vladimir Tatlin



Fonte: <<http://www.scielo.br/img/revistas/anaismp/v23n1//0101-4714-anaismp-23-01-00029-gf2.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Estudamos, nesta seção, a arte influenciando a arquitetura, como no exemplo do movimento Desconstrutivista. No século XXI, o debate sobre identidade da Arquitetura Brasileira aparece em torno das questões ligadas à ecologia e sustentabilidade. “As teorias da arte, a arquitetura e o urbanismo têm a missão de seguir construindo novas interpretações.” (BASTOS; ZEIN, 2015, p. 393).

Sem medo de errar

Lembre-se de que você foi convidado a participar de uma publicação em uma revista de História da Arquitetura e deve realizar um artigo sobre a Arquitetura Contemporânea e tendências no Brasil. Como fazer?

Você pode iniciar os estudos pesquisando os conceitos sobre o Desconstrutivismo, tema estudado na seção anterior, já que é o nosso assunto principal. Vai notar que alguns movimentos de Vanguardas Artísticas do Século XX, como o Futurismo e o Construtivismo, colaboraram para o desenvolvimento da Arquitetura Desconstrutivista.

Além dos pintores e escultores, você estudará os conceitos para que seu artigo se estruture em uma fácil leitura.

No Brasil, vimos que a crise da identidade da Arquitetura Brasileira após a metade do século XX cresceu e está definida por projetos de reciclagens para a criação de espaços de cultura, como o exemplo do MIS no Rio de Janeiro, já estudado nesta seção, além da Cidade das Artes, também localizada no Rio de Janeiro (Figura 4.25), arquiteturas inspiradas na estética desconstrutivista. Compare com o Desconstrutivismo na Europa (Figura 4.23) e nos EUA (Figura 4.24). Aponte as semelhanças das características formais: estruturas com volumes desconstruídos, vidro, metal, concreto etc.

Figura 4.23 | Reforma da cobertura de escritório de advocacia, de Coop Himmelblau, Viena, Áustria, 1983-1988



Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at/uploads/made/uploads/images/Projects/8401_Falke/P_8401_F46_GZ_1097_870_90.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Figura 4.24 | Edifício da Team Disneyland Administration, de Frank Gehry, Los Angeles, EUA, 1996; Figura 4.25 | Cidade das Artes, de Christian de Portzamparc, Rio de Janeiro, Brasil, 2004-12



Fontes: 4.24 <http://farm1.staticflickr.com/31/65897537_95b6cc5b35.jpg>; 4.25 <http://images.adsttc.com/media/images/529f/dba5/e8e4/4ec0/e600/006f/large_jpg/200207-RIO_201305_%28c%29Nelson_KON_1362.jpg?1386208118>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Portanto, o estudo do Desconstrutivismo mostra a importância de conhecer os aspectos históricos da Arte, Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, bem como sua evolução ao longo dos tempos, tornando-se fundamental o seu estudo para a sua formação profissional e realização da tarefa proposta.

Avançando na prática

Hall de entrada desconstruivista

Descrição da situação-problema

Uma das atribuições do arquiteto é o levantamento de materiais e objetos a serem adquiridos, segundo a arquiteta Clarice Mancuso no *Guia prático do design de interiores*. Conforme a autora (2014, p. 73),



Dar as características de cada material, sua durabilidade, conservação, manutenção, seu tempo útil, o tipo de colocação, que tipo de mão de obra requer essa colocação, os custos aproximados, enfim, todos os dados necessários para a tomada de decisão que deve, sem dúvida, ser discutida entre profissional e cliente, mas que deve ter sua decisão final no cliente”.

Então, vamos lá! O que é um hall de entrada? É sempre um ambiente de transição entre o espaço público, a rua e o privado, a casa. Era um cartão de visitas da casa. Foi diminuindo com o tempo e por vezes integrado à sala de estar (MANCUSO, 2014).

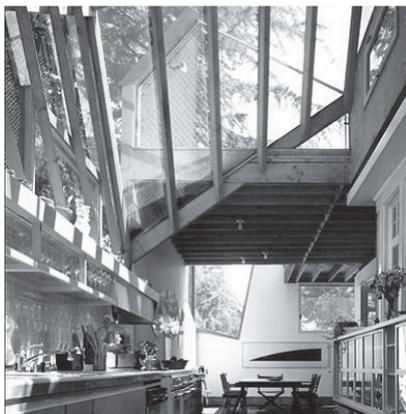
Você foi contratado para projetar o hall de entrada da casa de um cliente. É preciso mostrar o ambiente de entrada da casa. Mais uma informação é que seu cliente quer um local com inspiração na Arquitetura Desconstrutivista. Com realizar o projeto?

Resolução da situação-problema

Atenção! Vamos pensar em como mostrar as referências ao cliente. Crie um arquivo com conceito e exemplos da Arquitetura Desconstrutivista para apresentar com uma planta baixa e uma maquete eletrônica. Você teve sorte, pois a entrada da casa do cliente tem uma claraboia, assim, você projetou a troca da existente por um vidro irregular, usando ângulos, como Frank Gehry aplicou em sua casa (Figura 4.26). Além da cobertura, você utilizará em uma das paredes uma chapa de aço e madeira, o que

provocará texturas diferentes. O restante do hall será na cor branca e o mobiliário de apoio em madeira.

Figura 4.26 | Interior desconstruído da casa de Frank Gehry, EUA



Fonte: <https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/10/1350140757_127833442_2_soh1.jpg>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Faça valer a pena

1. Se os movimentos das vanguardas modernas sempre veneraram a tecnologia, as neovanguardas contemporâneas lidam muito bem com a alta tecnologia. Enquanto o movimento moderno aconteceu principalmente em parte da Europa e nos Estados Unidos, as neovanguardas arquitetônicas puderam se efetivar em qualquer região periférica do planeta. No mundo globalizado as artes acontecem com maior intensidade em lugares onde existe uma maior tradição intelectual e um nível mais elaborado de avanço tecnológico e econômico. Em regiões como América Latina, Europa Central e mesmo Espanha e Portugal, o discurso passa necessariamente por toda uma realidade a ser construída (GONÇALVES, 2010).

Analise as afirmações:

I - O individualismo é a característica comum entre os arquitetos das neovanguardas, cada um preocupado com a elaboração do seu próprio discurso teórico e formal.

II - Uma das características que atravessou o século XX foi a abstração.

III - Eisenman foi influenciado pela Arte Conceitual e Hejduk pelo Neoplasticismo. Também é notória a complexidade e erudição formal das abstrações de Rem Koolhaas e Bernard Tschumi.

IV - Outros arquitetos admitem claramente a influência de metodologias que primam pelo irracional e o inconsciente, aproximando-se muito da metodologia utilizada pelos surrealistas, como Enric Miralles, Coop Himmelblau e Frank Looyd Wight.

Leia atentamente o texto e responda, segundo as afirmações apresentadas, quais estão corretas?

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I e III.
- c) Apenas I, II e III.
- d) Apenas II, III e IV.
- e) Apenas I, II e IV.

2. Um exemplo da Arquitetura Desconstrutivista na América Latina é um museu que foi concluído em 2001 pelo escritório de arquitetura, AFT Architects. O acervo preserva a arte latino-americana. O projeto tinha como intenção que os visitantes se perdessem dentro dos ambientes e corredores do museu.

Museu - exterior e interior



Fonte: <<http://duzettidistrict.com.br/wp-content/uploads/2015/05/malba-1024x588.jpg>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

Leia atentamente o texto apresentado, observe a imagem e responda a qual edifício se refere.

- a) Museu Guggenheim, Bilbao.
- b) Museu Judaico, Berlim.
- c) MASP, São Paulo.
- d) MALBA, Buenos Aires.
- e) MAM, Rio de Janeiro.

3. O _____ construído na cidade de _____, Brasil, projeto de _____, apresenta as características da Arquitetura _____. O escritório de NY se inspirou no calçadão carioca, criando uma edificação com volumes _____ por passarelas, desconstruindo a forma.

Em sequência, as palavras que completam corretamente as lacunas, são:

- a) Museu da Imagem e do Som – São Paulo – Diller Scofidio + Renfro – Moderna – retos.
- b) Museu do Amanhã – Rio de Janeiro – Santiago Calatrava – Orgânica – descontraídos.
- c) Museu do Amanhã – Belo Horizonte – Santiago Calatrava – Desconstrutivista – curvos.
- d) Museu da Imagem e do Som – Rio de Janeiro – Diller Scofidio + Renfro – Desconstrutivista – descontraídos.
- e) Museu de Arte Moderna – Belo Horizonte – Diller Scofidio + Renfro – Moderna – descontraídos.

Seção 4.3

Arquitetura, Urbanismo e paisagismo contemporâneo

Diálogo aberto

Na Unidade 4, continuaremos o estudo da História e Teoria da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo III, conhecendo o conceito, os fundamentos e um comparativo do Desconstrutivismo e Pós-Modernismo, o movimento do Desconstrutivismo e seus representantes, além da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo contemporâneo, temas desta Seção 4.3.

Mas afinal, o que é arquitetura? Qual a diferença do paisagismo para o urbanismo? Conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, além da importância de referências teóricas para a realização de projetos, torna-se fundamental na formação profissional. Vamos tentar responder a essas e a outras tantas questões ao longo da nossa última seção desta disciplina.

Nesta seção, você é o arquiteto que fará a reforma de um importante museu em sua cidade. Você precisa mostrar quais referências históricas são utilizadas no projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

Vamos entrar no universo do período contemporâneo!

Não pode faltar

Arquitetura contemporânea

Para compreendermos a arquitetura contemporânea do século XXI pelo mundo, estudaremos alguns temas principais, como: torres verdes, arranha-céus e o novo vernacular.

As torres verdes aparecem na arquitetura para enfrentar o adensamento das cidades. Europa, Ásia e Estados Unidos são localidades que vêm trabalhando esse tema. Gaetano Pesce, projetando em 1993 o Organic Building em Osaka, Japão (Figura. 4.27), e em 2008, Ken Yeang, com o projeto do Solaris Building em Cingapura, são exemplos

das torres verdes na paisagem das cidades. Surgem com o botânico Patrick Blanc as paredes verdes ou paredes vivas, que no início foram controversas por necessitarem de muita água e manutenção. Essa questão foi resolvida quando tais paredes começaram a ser tratadas como elementos paisagísticos e não construtivos.

Figura 4.27 | Organic Building, de Gaetano Pesce, 1993, Japão



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Organic_building_-_Osaka.jpg>. Acesso em: 24 ago. 2017.

Os novos arranha-céus são edifícios muito altos, com estruturas de engenharia complexas. “Seu único papel é ser mais alto que os vizinhos”, comenta o editor Denna Jones (2014, p. 542). Existe uma tabela comparativa internacional para esses edifícios (Council on Tall Buildings and Urban Habitats), que começa a partir de 300 m, e o termo “mega alto” foi cunhado pelo conselho para os que ultrapassam 600 m. Um dos arranha-céus mais altos do mundo é o Burj Khalifa (2010), do grupo SOM (Skidmore, Owings and Merrill), em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos (Figura 4.28). Com o uso misto, apresenta residências, escritórios e hotel, com aproximadamente 828 m e 163 andares. Movimentação de pessoas, estrutura (preparada para oscilações), infraestrutura (elevadores, água), entre outros, são questões de viabilidade que devem ser resolvidas antes da construção, em projeto para que não interfiram na paisagem da cidade e no próprio dia a dia de uso do edifício.

Figura 4.28 | Burj Khalifa, de SOM, 2010, Dubai, Emirados Árabes Unidos



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/thumb/9/93/Burj_Khalifa.jpg/585px-Burj_Khalifa.jpg>. Acesso em: 24 ago. 2017.

O ressurgimento do interesse pelo novo vernacular, que é particular ou característico de uma região, país etc., no século XXI, inclui casas de pau a pique e barro sul-coreanas, consideradas curativas para doenças crônicas como asma e eczemas. Ao contrário do Modernismo, a casa não se pretende como um objeto escultural, mas uma construção embutida no local. O kitsch (extravagante, vulgar) também está presente em publicações referindo-se a arquitetos do início do século XXI que dependem de temas e ideias da paisagem local.

O kitsch vernacular parece inevitável, como vimos, pois está ligado ao turismo e à arquitetura a seu serviço. Hotéis são transformados em arquiteturas locais falsas, que chamam a atenção dos turistas das regiões, apesar dos esforços de arquitetos interessados no verdadeiro vernacular. No entanto, apesar dos esforços de alguns arquitetos, como Gion Caminada, entre outros, projetos com, o do grupo MVRDV, em Schijndel, nos Países Baixos, traz para a aldeia a Fazenda de Vidro, de 2012 (Figura 4.29), localizada na praça principal, utilizando um recurso aplicado na Disneylândia, “prensadas numa colagem de vidro semitranslúcido, fotografias das tradicionais fazendas do local são ampliadas para criar a ilusão de altura” (JONES, 2014, p. 551).

Figura 4.29 | Fazenda de vidro, de MVRDV, em Schijndel, nos Países Baixos, 2012



Fonte: <http://images.adsttc.com/media/images/50fb/703b/b3fc/4b06/8c00/000a/large_jpg/Jeroen_Musch003crop.jpg?1413944944>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Figura 4.30 | Casa do Açougueiro e Estábulos, 1999, de Gion Caminada, Vrin, Suíça



Fonte: <<https://s-media-cache-ak0.pinnimg.com/originals/de/1c/c7/de1cc7a9e7a1cb7d534ca2a97f6527b1.jpg>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

No Brasil, o Museu do Amanhã (2015), no Rio de Janeiro, é um projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava (Figura 4.31), inspirado nas bromélias do Jardim Botânico, que concebeu não só a arquitetura, mas o paisagismo e o urbanismo, portanto, uma tendência atual.

O edifício, em sua arquitetura e diretrizes de sustentabilidade, integra-se como parte do conteúdo do Museu, com a utilização da

energia solar. O urbanismo aparece na sua relação com a paisagem da cidade e a recuperação da Baía de Guanabara e do entorno do Porto.

O paisagismo assinado pelo escritório Burle Marx utilizou espécies nativas e de restinga, com o objetivo de ressaltar as características da zona costeira da cidade do Rio de Janeiro, facilitar a adaptação da vegetação, atrair mais a fauna da região e reforçar o aspecto didático do jardim.

Figura 4.31 | A arquitetura e o paisagismo do Museu, que transformaram o Pier Mauá



Fonte: <https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Calatrava_1280x800_MdA-ByronPrujansky.jpg>. Acesso em: 22 ago. 2017.



Refleta

Cidades estão se tornando verdes para enfrentar o adensamento e criar habitats biológicos. Não mais uma parede verde, mas a natureza entrando no ambiente construído (JONES, 2014).

Urbanismo Contemporâneo

Sobre a definição de projeto urbano, Ching (1999, p. 10) comenta: “organização do ambiente físico através da arquitetura, engenharia e construção, paisagismo, desenho e planejamento urbano.”

“A tendência à desurbanização, poderosa em certos contextos e períodos ao longo do século XX, também está posta em questão, ao mesmo tempo que são recuperadas certas ideias de densidade” (COHEN, 2013, p. 35). Novas relações entre arquitetura e tecnologias construtivas surgiram, e as ligações entre o edifício e a cidade se atualizaram por meio do desenho urbano, que não se limita aos

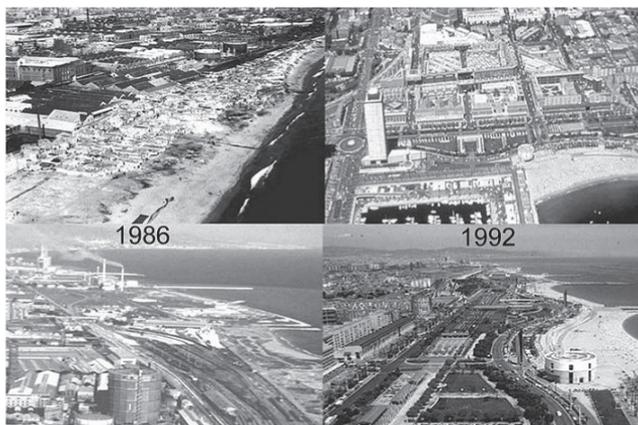
desenhos em grande escala, mas considera a interação entre autoridades, urbanistas e cidadãos.

O arquiteto Rem Koolhaas opôs à cidade genérica, produzida pelo mercado, e ao seu junkspace ou espaço-lixo que ela gera, as formas específicas saídas da intervenção arquitetônica. O arquiteto holandês defende que nossa história é feita de grandes monumentos, como as pirâmides, sendo a história do presente feita de grandes massas de construções. Assim, a Arquitetura Contemporânea não quer e não consegue seguir um estilo, e quando somada, torna-se lixo.

Outro arquiteto, o francês Christian de Portzamparc, fez a proposta de leitura da cidade, superando a idade tradicional e a cidade utópica dos modernistas, o que obrigaria projetistas a inventarem as novas formas da cidade.

As políticas urbanas em Barcelona, Berlim e Gênova, desde 1980, geraram arquiteturas atentas ao seu contexto social e espaço de inserção. Com o embalo dos Jogos Olímpicos de 1992, Barcelona superou o desafio de ter uma região portuária muito próxima do centro histórico e conseguiu restabelecer a relação entre as duas áreas, significando espaços públicos, usando tecnologia e valorizando os prédios históricos da cidade. Um dos marcos foi a reconversão do Port Vell (Figura 4.32).

Figura 4.32 | Reurbanização Port Vell, Barcelona, Espanha



Fonte: <<http://centro.niteroi.rj.gov.br/img/bonsexemplos-2.jpg>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Um problema herdado das formas de urbanização do século XX, as novas periferias, dos territórios não mais suburbanos, gerado pelo espraiamento da malha urbana, continua de difícil resolução. Em

consequência, temos as distantes periferias (EUA), com expansão das redes rodoviárias e de serviço, além do crescimento de condomínios fechados que estremeçeram a relação entre as áreas residenciais e os espaços coletivos urbanos.



Assimile

“A busca de uma nova urbanidade e a aspiração a uma maior especificidade topográfica envolvem necessariamente uma reflexão sobre a relação da arquitetura com a paisagem.” (COHEN, 2013, p. 35-36).

Paisagismo Contemporâneo

Durante um tempo, os paisagistas viram-se reduzidos ao papel de colaboradores dos arquitetos. Desde a década de 1970, os paisagistas europeus e americanos constituíram um texto sobre território urbano e o meio ambiente natural que retoma o enfoque holístico do arquiteto paisagista e botânico Frederick Law Olmsted, que projetou o Central Park, em Nova York, EUA, em 1857. A partir de uma atenção aos lugares, os paisagistas estão propondo modos de desenvolvimento e renovação urbana, que evitem a dominação narcisista dos edifícios, estabelecendo regras que assegurem a adequada integração ao local – equilíbrio entre a modernização e preservação (COHEN, 2013).

“A presença de infraestrutura rodoviária ou ferroviária, desativada ou não, favorece a realização de parques lineares que, penetrando no ambiente urbano, formam corredores verdes” (PANZINI, 2013, p. 657). É o exemplo do High Line, parque linear construído em cima de uma antiga e elevada linha férrea em Nova York (Figura 4.33).

Figura 4.33 | High Line, Nova York, 2004-12, Diller Scofidio + Renfro



Fonte: <https://www.nycgovparks.org/photo_gallery/full_size/14433.jpg>. Acesso em: 22 ago. 2017.



Pesquise mais

Entre no site do High Line, em Nova York, e descubra mais sobre essa paisagem da cidade. Disponível em: <<http://www.thehighline.org>>. Acesso em: 8 set. 2017.

Já estudamos a Arquitetura Ecológica e Sustentável em outras unidades da disciplina, mas, neste ponto, vamos nos dedicar ao Paisagismo que está sendo feito no século XXI. Para iniciar, qual é a definição de Paisagismo? "Arte, empresa ou profissão dedicada a projetar, organizar ou modificar os elementos de uma paisagem por razões estéticas." (CHING, 1999, p. 11).

Assim, podemos concluir que:

arquitetura da paisagem é a arte de intervir com elementos naturais, de remodelar os lugares para torná-los aproveitáveis e esteticamente agradáveis; em sentido amplo, compreende as atividades por meio das quais o ambiente, modificado e interpretado pelo homem, torna-se paisagem." (PANZINI, 2013, p. 14)

Na Antiguidade, os jardins eram utilitários com espécies comestíveis e medicinais, além de cosméticas; faziam parte da paisagem rural agrícola (vinhedos, palmeirais, etc.). Com o passar do tempo, tornaram-se enclausurados e ainda utilitários, utilizados para o próprio consumo. O Renascimento trouxe os jardins e hortas contemplativos, com geometria formal. Com o surgimento dos parques públicos, a população poderia higienizar-se, diante da vida moderna que surgia com a industrialização. No Oriente, os jardins eram locais para meditação.

Projetos como o edifício-paisagem, do grupo MVRDV, para a Word Expo 2000 de Hannover, mostram a continuidade do ambiente e do espaço artificial. Propõe um parque de múltiplos planos, uma coleção de paisagens reconstruídas em níveis sobrepostos, mostrando a manipulação do mundo e a origem da arquitetura da paisagem (Figura 4.34).

Figura 4.34 | Pavilhão da Holanda na Word Expo 2000, Hannover, MVRDV



Fonte: <<https://www.mvrdv.nl/media/scraped/97ae67b4-b769-4232-8611-977d16fba8e0.jpg>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

No passado, como lembrou o arquiteto e docente da História do Paisagismo, o italiano Franco Panzini (2013), criar paisagens foi uma questão complexa, exigindo tempo e trabalho de muitas gerações. Na Antiguidade, a atividade agrícola era a principal. No século XIX, com a industrialização e o crescimento das cidades, equipamentos de escavação ganham espaço, transformando a paisagem. No século XX, acontece a formação das megalópoles, transformando mais uma vez as identidades paisagísticas. Surgem os jardins verticais, no século XXI (Figura 4.35).

Figura 4.35 | Museu Quai Branly, Paris, 2009, de Patrick Blanc



Fonte: <<https://www.murvegetalpatrickblanc.com/sites/default/files/styles/lists/public/medias/image/quaiبرانليjacqueschiracmuseumverticalgarden13yearsafteritscreationjune2017.jpg?itok=YEkiEI6P>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

O processo de aumentar a presença da natureza no meio urbano conjugado com a exigência de minimizar os custos energéticos do transporte tornou difundida a ideia de entender o campo produtivo não só como ambiente justaposto à cidade, mas como componente da própria estrutura urbana” (PANZINI, 2013, p. 659).

Associações locais, hortas comunitárias fazem parte do cenário atual, além da manutenção ou evocação do espaço natural transformado pela cidade. Conservar a originalidade dos espaços, dando uma identidade contemporânea, está entre os desafios da construção da cidade do futuro.

Tendências na arquitetura

A arquitetura precisa ser vivenciada. Leitura, desenhos e fotografias não bastam, pois ela deve ser percorrida. Na primeira metade do século XXI, segundo os autores Fazio, Moffett e Wodehouse (2011), não existe só uma grande vertente na arquitetura, mas várias. O Pós-Modernismo se foi, o Desconstrutivismo revelou-se mais um rótulo. Enfim, o pluralismo descreve a situação atual. Existem novos profissionais e projetos em cena, sendo o computador o ator principal. A colaboração entre arquitetos e engenheiros, com a facilidade da internet, foi fundamental para o desenvolvimento desses novos projetos, independentemente das distâncias.

Degradação ambiental, esgotamento de fontes de energia, entre outros, são problemas atuais que atingem a sociedade do planeta, muitas vezes provocados pela própria arquitetura. O que devemos pensar é no desenvolvimento dessa arquitetura de forma global, com soluções globais, das quais ela não poderá escapar para resolver essas questões nos próximos anos – projetos sustentáveis e tecnológicos (Figura 4.36).



Exemplificando

Essa casa, projeto do arquiteto australiano Glenn Murcutt, pode ser um exemplo dessa arquitetura da segunda metade do século XXI, pois possui um equilíbrio dinâmico entre a forma, os elementos mecânicos e o controle climático, de maneira prática, com resultado escultural. O projeto é composto por pavilhões com estrutura independente, passarela linear e espelho d'água, elementos que resultam em um equilíbrio ambiental. O percurso acontece pela passarela, passando pelo estúdio,

junto ao espelho d'água, até os dormitórios, levando a uma sensação de recolhimento (FAZIO, MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

Figura 4.36 | Simpson-Lee House, New South Wales, Austrália, 1989-94, de Glenn Murcutt



Fonte: <http://images.adsttc.com/media/images/51f1/a9e9/e8e4/4e6d/a300/0176/large_jpg/7.jpg?1374792166>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Sem medo de errar

Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Contemporâneo foram os temas estudados nesta Seção 4.3. Você é o arquiteto que fará a reforma de um importante museu em sua cidade e precisa mostrar quais referências históricas serão utilizadas no projeto. Qual elemento ou instrumento de projeto você utilizaria para realizar a tarefa proposta?

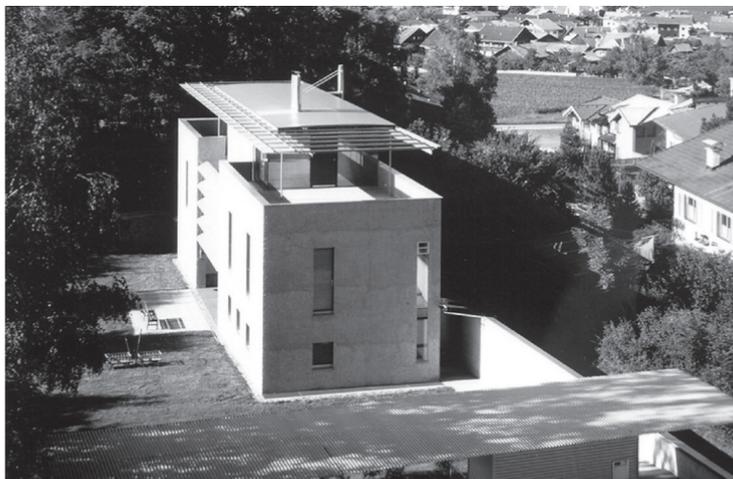
Você poderá marcar uma reunião para apresentar o partido do projeto, a ideia ou o conceito inicial. Em acordo com seus sócios, foi escolhido trabalhar no edifício com uma arquitetura inspirada no novo vernacular, utilizando materiais da região onde o edifício está inserido, mão de obra local etc.

O kitsch vernacular parece inevitável, como vimos, pois está ligado ao turismo e à arquitetura a seu serviço. Hotéis são transformados em arquiteturas locais falsas, que chamam a atenção dos turistas das regiões. No entanto, apesar dos esforços de alguns arquitetos, como Gion Caminada, entre outros, projetos com, o do grupo MVRDV, em Schijndel, nos Países Baixos, trazem para a aldeia

a Fazenda de Vidro (2012), localizada na praça do local. “Prensadas numa colagem de vidro semitranslúcido, fotografias das tradicionais fazendas do local são ampliadas para criar a ilusão de altura” (JONES, 2014, p. 551). Somando a este exemplo, temos a Disneylândia, arquitetura ligada às fantasias infantis.

Assim, o que pode ser deixado de lado? Como transformar o lugar? Essa é a essência do novo vernacular, que será aplicada no projeto do museu. Você escolheu como projeto de inspiração a Konigsrainer House (1992), em Aldrans, Tirol, na Áustria, um projeto de Peter Lorenz (Figura 4.37). A residência está inserida num regionalismo crítico, pois rejeita o kitsch tirolês, esperado pelos turistas que visitam o local. Com o telhado flutuante comum na região, a casa está inserida no terreno e arredores

Figura 4.37 | Konigsrainer House, em Aldrans, Tirol, na Áustria, 1992, de Peter Lorenz



Fonte: <http://www.lorenzatelier.at/wp-content/uploads/2012/11/kr_foto_01-1920x1270.jpg>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Com as referências para o projeto, você terá condições de apresentar o estudo preliminar ao cliente e iniciar o trabalho solicitado, pesquisando os materiais locais, a mão de obra e outros elementos importantes no processo.

Conhecer os aspectos históricos da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo e sua evolução, considerando o contexto sociocultural, além da importância de referências teóricas para a realização de projetos, torna-se fundamental na formação profissional.

Avançando na prática

Projeto de paisagismo

Descrição da situação-problema

No passado, criar paisagens foi uma questão complexa, exigindo tempo e trabalho de muitas gerações. Na Antiguidade, a atividade agrícola era a principal. No século XIX, com a industrialização e o crescimento das cidades, equipamentos de escavação ganharam espaço, transformando a paisagem. No século XX, aconteceu a formação das megalópolis, transformando mais uma vez as identidades paisagísticas. Surgiram os jardins verticais, no século XXI, dando origem à ocupação de áreas degradadas das cidades (PANZINI, 2013).

Você, como arquiteto e paisagista, foi contratado para realizar o projeto de um jardim vertical na empena cega de um edifício residencial e deve pensar em como organizar o processo? Deve seguir a formalidade dos jardins do século XVII? Que referência usar?

Resolução da situação-problema

Figura 4.38 | Jardim vertical em edifício residencial



Fonte: <<http://sustentarqui.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Cesar-OgataSECOM-3-1024x625.jpg>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

Você, como arquiteto e paisagista, foi contratado para realizar o projeto de um jardim vertical na empena cega de um edifício residencial. Use a referência do botânico que tem projetos pelo mundo, Patrick Blanc. Após a pesquisa, apresente ao cliente imagens de inspirações e o projeto com imagens em 3D. Chame sua equipe e bom trabalho!

Faça valer a pena

1. O edifício, em sua arquitetura e diretrizes de sustentabilidade, integra-se como parte do conteúdo do museu com a utilização da energia solar. O urbanismo aparece na sua relação com a paisagem da cidade e recuperação da Baía de Guanabara e do entorno do Porto.

O paisagismo assinado pelo escritório Burle Marx utilizou espécies nativas e de restinga, com o objetivo de ressaltar as características da zona costeira da cidade do Rio de Janeiro, facilitar a adaptação da vegetação, atrair mais a fauna da região e reforçar o aspecto didático do jardim.

Leia atentamente o texto apresentado e responda a qual projeto no Brasil, que reúne arquitetura, paisagismo e urbanismo, ele se refere.

- a) MASP.
- b) MAR.
- c) Museu do Amanhã.
- d) MAM.
- e) MuBE.

2. Barcelona é uma cidade histórica europeia com mais de 1000 anos de tradição. Ela passou pelo Império Romano, pela Idade Média, pela Era Industrial e chegou até os dias de hoje como uma das melhores cidades do mundo, sendo um grande destino turístico espanhol (GUIA da carreira, [s.d.]).

Analise as afirmações sobre a reurbanização da cidade:

I - As políticas urbanas em Barcelona, Berlim e Gênova desde 1980 geraram arquiteturas atentas ao seu contexto social e espaço de inserção.

II - Com o embalo dos Jogos Olímpicos de 2014, Barcelona superou o desafio de ter uma região portuária muito próxima do centro histórico e conseguiu restabelecer a relação entre as duas áreas.

III - Qualificou os espaços públicos, usando tecnologia e valorizando os prédios históricos da cidade.

IV - Um dos marcos foi a reconversão do Port Vell.

Segundo o projeto de reconstrução de Barcelona, quais afirmações estão corretas?

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I e IV.
- c) Apenas I, III e IV.
- d) Apenas I, II e III.
- e) I, II, III e IV.

3. "A presença de infraestrutura rodoviária ou ferroviária, desativada ou não, favorece a realização de parques lineares que, penetrando no ambiente urbano, formam corredores verdes."

Porque

É o exemplo do High Line, praça fechada construída em cima de uma antiga e elevada linha férrea em Nova York. (PANZINI, 2013, p. 657).

A respeito dessas duas afirmativas sobre o Paisagismo Contemporâneo, é correto afirmar que:

- a) A primeira é uma alternativa verdadeira; e a segunda é falsa.
- b) As duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira é uma alternativa falsa; a segunda, verdadeira.
- d) As duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- e) As duas são falsas e não estabelecem relação entre si.

Referências

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

DENISON, Edward (Ed.). **Arquitetura: 50 conceitos e estilos fundamentais explicados de forma clara e rápida**. São Paulo: Publifolha, 2014.

FAZIO, Michael; MOFFETT, Mirian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial**. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FAZIO, Michael; MOFFETT, Mirian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial**. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GONÇALVES, Alexandre. **Arquitetura contemporânea na América Latina: São Paulo, Santiago do Chile e Cidade do México, 1990/2010**. Disponível em: <http://www.cpggs.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais_III_Seminario_de_Pesquisa_da_Pos-Graduacao_em_Historia_UFG-PUC_Goias/pdf/Alexandre%20Ribeiro%20Gon%C3%A7alves.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017.

GUIA da carreira. **Olimpiadas de 1992: o renascimento do turismo em Barcelona** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.guiadacarreira.com.br/educacao/olimpiadas-1992-turismo-barcelona/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

GYMPEL, Jan. **História da arquitetura da antiguidade aos nossos dias**. Colônia: Konemann, 2001.

JONES, Denna. **Tudo sobre arquitetura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

MANCUSO, Clarice. **Guia prático do design de interiores**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

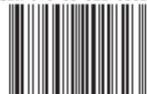
MIS: Museu da Imagem e do Som RJ. Disponível em: <<http://www.mis.rj.gov.br/arquitetura/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

MUSEU do Amanhã. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

PANZINI, Franco. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

ISBN 978-85-522-0182-3



9 788552 201823 >